

ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE



**JARDIM CIRANDA, SEMENTE DOURADA DE EDUCAÇÃO REGENERATIVA:
NARRATIVA DE OITO ANOS DE JORNADA E POSSIBILIDADE PARA TURISMO
EDUCACIONAL E AMBIENTAL EM PORTO SEGURO, BA.**



Por

ILANA DANIELLA ARAUJO LEWINSOHN

PORTO SEGURO, 2023



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

JARDIM CIRANDA, SEMENTE DOURADA DE EDUCAÇÃO REGENERATIVA:
NARRATIVA DE OITO ANOS DE JORNADA E POSSIBILIDADE PARA TURISMO
EDUCACIONAL E AMBIENTAL EM PORTO SEGURO, BA.

Por

ILANA DANIELLA ARAUJO LEWINSOHN

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

PROF. DRA. SUZANA PADUA
PROF. JOSÉ PACHECO
PROF. DRA. MARIA OTÁVIA CREPALDI

TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL
EM CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS
LOCAL, ANO

Ficha Catalográfica

Lewinsohn, Ilana

Jardim Ciranda, semente dourada de educação
regenerativa: narrativa de oito anos de jornada
e possibilidade para turismo educacional e ambiental em
Porto Seguro, BA.

2023. 219 pp.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de
Pesquisas ecológicas

Educação Regenerativa

Aprender fazendo

Conservação do Macaco Guigó

Escola Superior de Conservação
Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

Profa. Dra. Suzana Padua

Profa. Dra. Cristiana Saddy Martins

Prof. Dr. Marcos Ortiz

*À Vida na Terra.
Por todas as nossas relações, com todos os reinos deste planeta.*

*Aos que vieram antes de mim, aos que caminham ao meu lado e aos que seguirão
depois de mim.*

Para Uanan, com amor.

À minha mãe Marilene e meu pai Peter (in memoriam).

Para Caína, essa nêga amada, persistente, parceira e professora.

AGRADECIMENTOS

À Vida. Aos poetas do caminho.

Ao ar que respiramos, leveza e movimento; à água que flexibiliza, nutre, lava e acalenta; ao fogo que alumeia, aquece e transforma; à terra que acolhe, gesta, gera, é chão.

À floresta que me mantém viva, canto de Nhé'ery.

Aos meus ancestrais, notadamente minha mãe, que muito trabalhou para ofertar o melhor possível a mim e minhas irmãs, espiritual e materialmente, e ao meu pai, que batalhou pela educação. Ao meu tio Thommy, que me provocou a realizar este mestrado, e minhas amadas irmãs Ludmilla e Tatiana, que me apoiaram.

Às marcas da vida: às agradáveis, pela nutrição e inspiração; às dolorosas, pelo impulso advindo do aprendizado, da indignação e da fome de justiça.

Aos povos originários de todo o planeta, por segurarem o céu.

Ao IPÊ, essa maravilhosa escola que agrupa saberes e abre caminho para que prática e teoria se casem harmoniosamente e se fortaleçam reciprocamente, e à Veracel e Instituto Arapyauú, pela bolsa de estudos e por fomentar a formação e valorização de agentes transformadores locais.

Aos professores de todas as épocas, que me marcaram, em especial o querido Marcelo de Queiroz Telles, que me nutriu ainda criança com a Educação Ambiental; as queridas Cristi (Cristiana Martins), Suzana Padua e Maria Otávia, que me acompanharam nesta empreitada do mestrado.

Ao professor e amigo José Pacheco, nosso querido Zé, por dedicar sua vida a lutar pela educação, e por nos auxiliar a perceber possibilidades e a aprender caminhos.

A todos os bichos com quem vivo, os domésticos e os selvagens, por tudo o que eles me entregam de amor e pelo quanto aprendo com eles. Ao 'meu' quintal, abrigo da alma.

A todas as famílias envolvidas no Jardim Ciranda, sobretudo a (perseverante) Caína, e especialmente às mulheres Carola, Antonella, Chris, Lila, Lucia, Luísa, Kiane, Juliana, Joana, Rai, Lívia, Marina, Adê, Babi, Ceci, Ana, Alê; todas as educadora/es que passaram pelo Jardim Ciranda até aqui; às vovós e a todos os pais, especialmente Filipe, Marcos, Leonardo e Tiago.

A todos os amigos queridos que me apoiaram enormemente para concluir este mestrado.

Finalmente, agradeço ao meu companheiro Filipe, pelo apoio ao longo dos anos de JC e na reta final desta escrita, e ao nosso filho pirilampo, Uanan, que me lembra todos os dias que não é possível desistir, e que é preciso brincar e jamais esquecer a poesia. Por sua alegria e leveza, agradeço infinitamente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - (A) e (B) Portão de entrada do Jardim Ciranda.....	15
Figura 2 - O trio de fundadoras do Jardim Ciranda	19
Figura 3 - Cartaz sobre alimentação consciente, usado em eventos do JC.....	62
Figura 4 - Gratidão, Mãe Terra. Desenho feito por Ilana, 2018.....	72
Figura 5 - Ilustração artística da chamada Costa do Descobrimento.....	86
Figura 6 - Mapa de locais de práticas da Ciranda Curumim.....	88
Figura 7 - Mapa de locais de práticas da Adoletá.....	89
Figura 8 - Símbolos do Canto da Floresta.....	91
Figura 9 - <i>Callicebus melanochir</i> , guigó mão preta.....	93
Figura 10 - Escolas são pessoas. Ilana e Caína.....	96
Figura 11 - Nossos Valores, 2018.....	101
Figura 12 - O grande círculo da vida, a mandala Jardim Ciranda.	106
Figura 13 - Manifesto pelas árvores.....	113
Figura 14 - Mafalda, Quino.....	117
Figura 15 - Escolas são pessoas. Parte da equipe dos sonhos, 2019.....	118
Figura 16 - Escolas são pessoas. Outra parte da equipe, 2019.....	119
Figura 17 - Projeto dos Sentimentos.....	123
Figura 18 - Prática do círculo.....	125
Figura 19 - Cultivo do círculo.....	126
Figura 20 - Vivências na Natureza.	128
Figura 21 - Práticas de sustentabilidade, bazar. 2019.	129
Figura 22 - Bioconstrução Ciranda Curumim e Adoletá	130
Figura 23 - Resgate e cuidado animal, 2015 a 2023.....	132

Figura 24 - Brincar livre, 2019.....	133
Figura 25 - Brincar Livre, 2017 a 2022.....	134
Figura 26 - Vivências com povo pataxó.....	136
Figura 27 - Musicalização com o pai especialista	137
Figura 29 - Expressão artística.	138
Figura 29 - Expressão artística manualidades.	139
Figura 30 - Artes manuais.....	140
Figura 31 - Ciranda Curumim celebrando solstício de inverno, 2022.	141
Figura 32 - Criança da Ciranda Curumim contempla brotos de feijão.....	143
Figura 33 - Plantar, cuidar, colher.....	145
Figura 34. Plantar, cuidar, colher, preparar cúrcuma!	146
Figura 35 - (A) e (B) Imagens dos cardápios semanais.....	147
Figura 36 - Material informativo partilhado	148
Figura 37 - Parte da Turma Piloto celebrando o momento da alimentação.....	148
Figura 38 - Apresentação e comungar do alimento.....	149
Figura 39 - Malala.....	153
Figura 40 - Alegria, afeto e beleza.....	156
Figura 41 - Autonomia.	157
Figura 42 – Solidariedade	159
Figura 43 - Planejamento na abertura do encontro	161
Figura 44 - Parte do coletivo de 2018.....	163
Figura 45 - Mutirão JC Aldeia. Bloco de imagens 1.	165
Figura 46 - Mutirão JC Aldeia. Bloco de imagens 2.	166
Figura 47 - Portfolio de Flora, 13 anos	170

Figura 48 - Adoletá 1.....	177
Figura 49 - Adoletá 2.	178
Figura 50 - Adoletá 3.	179
Figura 51 - Adoletá 4	180
Figura 52 - Adoletá 5	181
Figura 53 - Adoletá 6	182
Figura 54 - Relato de jovem participante da Adoletá	185
Figura 55 - Barriga-Terra.....	204

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Comer carne gera mais gases de efeito estufa.....	67
TABELA 2 - Dietas ricas em carne precisam de mais água	68
TABELA 3 - Dados de população humana, produção de animais, desmatamento.....	70
TABELA 4 - Comparação entre paradigma da instrução e da aprendizagem.....	74
TABELA 5 - Educação Tradicional x Educação Interdimensional.....	75
TABELA 6 - Linha do tempo Jardim Ciranda, 1/3.....	97
TABELA 7 - Linha do tempo Jardim Ciranda, 2/3.....	98
TABELA 8 - Linha do tempo Jardim Ciranda, 3/3.....	99
TABELA 9 - Eixos pedagógicos e projetos permanentes.....	120
TABELA 10 - Datas sazonais e anuais	141
TABELA 11 - Canções usadas nos ritmos do Jardim Ciranda.....	142
TABELA 12 - Exemplo de planejamento semanal, pedagogia de projetos.....	161

RESUMO

Resumo do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

JARDIM CIRANDA, SEMENTE DOURADA DE EDUCAÇÃO REGENERATIVA:
NARRATIVA DE OITO ANOS DE JORNADA E POSSIBILIDADE PARA TURISMO
EDUCACIONAL E AMBIENTAL EM PORTO SEGURO, BA.

Por

ILANA DANIELLA ARAUJO LEWINSOHN

Julho de 2023

Orientador: Profa. Dra. Susana Padua

O presente estudo de caso apresenta de modo abrangente e sintético a trajetória da comunidade de aprendizagem Jardim Ciranda, em Arraial d’Ajuda, entre 2015 e 2023. Apresenta seus valores essenciais e exemplifica práticas consideradas necessárias a uma Educação Regenerativa, Integral, pautada nos paradigmas da aprendizagem e do encontro, compondo a metodologia chamada de Visão Ampliada, com cuidados e aprendizado desde a gestação, o nascimento, infância, adolescência, adultez, velhice até a morte, acompanhado do ativismo feminino e socioambiental; incluindo o conceito do Interser e a importância do zelo por todos os seres. Traz depoimentos e um recorte com as crianças e os adolescentes e seu movimento para criação do projeto de conservação do macaco guigó, *Callicebus melanochir*. Analisa erros e acertos. Conclui apontando o Jardim Ciranda como instrumento possível para a implementação do turismo educacional, aliado ao turismo ambiental em Porto Seguro - BA.

PALAVRAS CHAVE: educação regenerativa; ecologia profunda; sustentabilidade; turismo educacional; *Callicebus melanochir*, Arraial d’Ajuda, Porto Seguro.

ABSTRACT

Abstract: Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

JARDIM CIRANDA, SEMENTE DOURADA DE EDUCAÇÃO REGENERATIVA:
NARRATIVA DE OITO ANOS DE JORNADA E POSSIBILIDADE PARA TURISMO
EDUCACIONAL E AMBIENTAL EM PORTO SEGURO, BA.

Por

ILANA DANIELLA ARAUJO LEWINSOHN

July, 2023

Teacher advisor: Profa. Dra. Susana Padua

This case study presents, in a comprehensive and synthetic way, the trajectory of the Jardim Ciranda learning community, in Arraial d'Ajuda, between 2015 and 2023. It presents its essential values and exemplifies practices considered necessary for a Regenerative, Integral Education, based on the paradigms of learning and meeting, composing the methodology called the Expanded View, with care and learning from pregnancy, birth, childhood, adolescence, adulthood, old age to death, accompanied by female and socio-environmental activism; including the concept of the Interbeing and the importance of caring for all beings. It brings testimonials and a clipping with children and adolescents and their movement to create the conservation project for the guigó monkey, *Callicebus melanochir*. Analyze mistakes and successes. It concludes by pointing out Jardim Ciranda as a possible instrument for the implementation of educational tourism, combined with environmental tourism in Porto Seguro - BA.

KEYWORDS: regenerative education; deep ecology; sustainability; educational tourism; guigo monkey; Arraial d'Ajuda, Porto Seguro.

LISTA DE SIGLAS

APP – ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

BNCC – BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM

DD – DRAGON DREAMING

EA - EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

IDHN – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NACIONAL

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IUCN – UNIÃO INTERNACIONAL PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (SIGLA EM INGLÊS)

JC – JARDIM CIRANDA

LEAP - LIVESTOCK ENVIRONMENTAL AND PEOPLE

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MHN – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

ODS – OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO

PIB - PRODUTO INTERNO BRUTO

RSEI – REVISTA SEMINÁRIO EDUCAÇÃO INTERNACIONAL

SVB – SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
LISTA DE TABELAS.....	8
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
LISTA DE SIGLAS.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	16
1.1 A inspiração primeira – partindo da subjetividade ao coletivo.....	16
1.2 Fontes de inspiração: escolas e iniciativas.....	26
1.3 Breve contextualização histórica e conceitual.....	27
1.4 Por que dizer educação ´regenerativa`?.....	30
1.5 Porto Seguro – aspectos históricos relevantes, turismo e situação atual.....	32
1.6 Jardim Ciranda: escola? Comunidade de aprendizagem? O que somos?.....	33
1.7 O que é turismo educacional e ambiental e o que o JC tem a ver com isso?.....	36
2. JUSTIFICATIVA.....	38
2.1. Justificativa da existência do Jardim Ciranda:.....	38
2.2. Justificativa da dissertação:.....	39
3. OBJETIVOS.....	39
3.1 Objetivos específicos.....	40
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ELEMENTOS QUE DERAM RAÍZES AO JARDIM CIRANDA.....	40
4.1 Referenciais gerais, breve apresentação.....	41
4.2 Ecologia Profunda.....	43
4.3 Educação em valores, alfabetização ecológica, espiritualidade.....	47
4.4 A pedagogia freireana.....	49
4.5 A metodologia/ filosofia Dragon Dreaming (DD).....	50
4.6 A Educação Interdimensional.....	52
4.7 As pedagogias Waldorf, montessoriana, viva e livre.....	56
4.8 Reconectar, Reintegrar, Regenerar.....	58
4.9 Tripla dimensão curricular: uma base da metodologia do Jardim Ciranda.....	60
4.10 Consciência indígena e a vida em comunidade.....	61
4.11 Alimentação consciente na educação: coerência com valores.....	63
4.12 Paradigma da instrução x paradigma da aprendizagem e comunicação.....	72
4.13 Paradigma da aprendizagem, turmas piloto e ferramentas possíveis.....	75
4.14 A importância do livre brincar.....	81
4.15 Base Legal.....	82

5. MATERIAIS E MÉTODOS.....	83
5.1 A escolha por estudo de caso: abordagem de análise qualitativa.....	83
5.2. Cronograma.....	85
5.3 Recursos materiais e imateriais.....	86
5.3.1. Arraial e arredores: de distrito a território educador.....	86
5.3.2. Breve citação dos diversos lugares-escola, alguns personagens e suas contribuições.....	88
5.3.3 O Instituto Canto da Floresta, a juerana e o guigó.....	90
5.4 A busca por um canto para chamar de nosso. o ninho, a ágora, o chão, o teto.....	92
6. NARRANDO ALGUNS RESULTADOS.....	96
6.1 Uma linha do tempo.....	96
6.2. Valores, missão, carta de princípios: a semente dourada do jc.....	100
6.3. Visão ampliada: O GRANDE CÍRCULO DA VIDA. Todas as cirandas do JC.....	104
6.4. Jardim Ciranda em rede: parcerias e manifestos.....	110
6.5. ‘Escolas são pessoas’: o encontro com o professor José Pacheco e as formações sobre aprender em comunidade. O turismo educacional aparecendo no horizonte.....	115
6.6. A equipe e as práticas de autoconhecimento: ninguém ensina o que sabe, transmite o que é.....	117
6.7. Eixos pedagógicos e projetos permanentes.....	119
6.7.1. Eixo autoconhecimento, autocuidado.....	122
6.7.2. Eixo sustentabilidade/ regeneração: alfabetização ecológica - da escolha do alimento às relações. ‘de onde isto vem e para onde isto vai?’. A conexão com a natureza: naturezanós, sem separação.....	124
6.7.3. Eixo livre brincar.....	133
6.7.4. Eixo consciência indígena.....	135
6.7.5. Eixo expressão artística.....	137
6.7.6. Eixo ritmo e rito.....	141
6.7.7. Eixo alimentação consciente.....	143
6.7.8. Eixo formação permanente: primeiro ser, depois compartilhar.....	150
6.7.9. Eixo pró diversidade, anti-racismos.....	151
6.8. Valores e dispositivos pedagógicos.....	154
6.8.1 Respeito e dispositivos pedagógicos: acordos de convivência; círculo da escuta; bastão da fala.....	154
6.8.2. Alegria afeto e beleza, valor estético na educação.....	155
6.8.3. Autonomia: semear e praticar: intuição pedagógica, criatividade, sonho e ousadia..	157
6.8.4. Solidariedade na prática.....	158
6.8.5 Cooperação e organização do tempo: do planejamento pedagógico ao planejamento diário com as crianças.....	160
6.8.6 Cooperação em ação! Mutirão é tudo de bom!.....	162
6.8.7. Dispositivo pedagógico: assembleia.....	167

6.8.8. A contação de histórias como rico recurso.....	167
6.8.9. Dispositivos pedagógicos: os livros feitos para as crianças e os memoriais semestrais/ anuais: material amoroso.....	168
6.8.10. Dispositivo pedagógico para avaliação continuada: portfólios.....	169
6.9. Alguns aspectos organizacionais.....	171
6.9.1 Gestão administrativa: caminhos e descaminhos.....	171
6.9.2. O financeiro, esse monstinho assustador.....	172
6.9.3. Economia circular, a criação da Cirandela e do aplicativo para circulação de moeda social.....	173
7. A ADOLETÁ, UM RECORTE ESPECIAL NA NARRATIVA.....	175
7.1 Sobre resultados observados.....	183
7.2 Breves depoimentos sobre a Adoletá.....	186
7.3 O interesse por conservação da biodiversidade: Projeto de Conservação do Macaco Guigó, Callicebus melanochir.....	187
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
8.1. Do significado e impactos do Jardim Ciranda - relatos (depoimentos online).....	189
8.2. Os maiores desafios.....	191
8.3 Os erros evidentes.....	195
8.4 Os maiores acertos.....	196
8.5. O turismo educacional e ambiental na região, as possibilidades que surgem com a criação do projeto de conservação do Guigó.....	197
8.6. Jardim Ciranda: uma alternativa de turismo educacional?.....	198
8.7. Adoletá, Projeto Guigó: um caminho para turismo ambiental e educacional?.....	201
8.8. Passos em andamento.....	203
8.9. Finalmente... Espiralar.....	204
9. MATERIAL PUBLICADO NA REDE MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO (INTERNET):.....	207
10. REFERÊNCIAS.....	208
11. APÊNDICES E ANEXOS.....	219
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Questionários	
Apêndice B: TCLE para autorização de uso de imagem	
Apêndice C: ESCUTATÓRIA: Questionário para Fundadoras	
Apêndice D: ESCUTATÓRIA: Questionário para Cuidadoras e Cuidadores	
Apêndice E: ESCUTATÓRIA: Questionário para Famílias Participantes	
Apêndice F: ESCUTATÓRIA: Questionário para Observadores e Colaboradores	
Apêndice G: Manifesto pelas Árvores	
Anexo 1: Atestado manifesto	

'Não deixar de fazer o possível por não poder fazer o ideal'. Nina Rosa Jacob



A



B

Figura 1 - (A) e (B) Portão de entrada do Jardim Ciranda, 2019, em Arraial d'Ajuda - BA.

Cultura é tudo o que é criado pelo homem. A cultura consiste em recriar e não em repetir. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais.

Paulo Freire, em Educação e Mudança (2022, p.38).

Atualmente, os impactos causados pelas mudanças climáticas, que em sua maioria decorrem de comportamentos e escolhas irresponsáveis e levam a consequências devastadoras, vêm batendo às nossas portas, com calamidades e perdas irrecuperáveis. Mas nem assim parece haver vontade real de mudança de posturas e de escolhas irresponsáveis e de deixar de ansiar por ter. O momento é de se buscar “ser” de maneira integral e não “ter” de forma voraz, gananciosa e ilimitada. Essas são as razões do porquê se deve transformar o sistema educacional. Trata-se de uma busca por luz no fim do túnel. E essa luz precisa vir com amor e empatia por todos os seres vivos e elementos naturais que sustentam a vida na Terra. Temos muito a evoluir, mas aprender a amar talvez seja um passo decisivo se pretendemos ter um futuro com belezas e riquezas socioambientais (PADUA, 2023b).

1. INTRODUÇÃO

1.1 A inspiração primeira – partindo da subjetividade ao coletivo, com as três cofundadoras do Jardim Ciranda e o aprender fazendo.

É importante abrir esta partilha com uma nota: os conceitos de sustentabilidade e regeneração, embora importantes e necessários à atualidade, parecem-me ainda incompletos para dar conta das mudanças que precisamos realizar enquanto indivíduos e humanidade. Talvez cheguemos mais perto de acertar quando, ao pensar o futuro, busquemos as sementes em nossos ancestrais e voltemos os olhares aos povos cuja existência têm estado material e espiritualmente atrelada ao respeito ao lar, como muitos originários (indígenas, africanos, aborígenes). E por lar me refiro ao chão, ao teto, ao alimento, e sobretudo às relações que são estabelecidas entre todos os seres. Considerando a não linearidade do tempo, talvez o movimento mais inteligente a ser feito seja integrarmos os olhares do que parece passado e do que parece futuro, e por isso não me prenderei necessariamente à ordem cronológica dos fatos. Também é válido lembrar que esta é minha narrativa dentro de uma caminhada plural, entrelaçada por vários olhares e prismas, motivações múltiplas. Por ser semente e fractal dentro do JC, conto essa história que me atravessa por dentro e que percorro na boa companhia das plantadeiras e cultivadores de jornada. O afeto e a sensibilidade importam, por isso este texto vai ‘recheado’ de fotografias. Isto posto, podemos seguir.

Aqui começa a contação de uma história que carrega a criação de um ecossistema de educação. Uma história acontecida e em andamento, cheia de desafios, belezas e agentes. São muitos começos possíveis. E como não existe neutralidade na educação ou na ciência, porque são feitas por pessoas cujos valores são múltiplos, partirei daquele que conheço bem de perto, no intuito de apontar um exemplo de como as peças vão se somando ao longo de cada caminho, até chegarmos neste registro.

Receber, dos pais, um nome que significa 'árvore' (ilana, no Hebraico) é algo poético e que imprime alguma responsabilidade diante do mundo, afinal, honrar o reino vegetal é uma alegre e desafiadora tarefa. Esse reino que participa da ciclagem das águas, do ar e dos nutrientes; fixa e nutre os solos; é alimento para animais, fungos, para si mesmo. Faz casa, faz fogo, é abrigo, morada, proteção, sombra. É silêncio, é ninho de cantos, é beleza inefável, é alma. E toda essa dignidade, integralidade e interdependência evidenciada pelos reinos da natureza compõem os sonhos que sonhamos para a educação.

O sentimento de que 'o mundo é bom' e 'o mundo é belo', como bem imprime Rudolf Steiner para os dois primeiros setênios do ser humano, fizeram-se em mim durante a primeira infância, mas logo encontraram a aridez das dores do mundo, com a despedida de meu pai, que fora exemplo de luta por mudanças – na educação, nas políticas públicas. As lembranças ficaram, de um pai presente na escola pública, batalhando por qualidade, por melhorias, por mais participação familiar e, sobretudo, maior comprometimento da administração pública com a educação.

Conhecer o professor Marcelo de Queiroz Telles, nos idos de 1992, então veterinário do Parque Ecológico Municipal de Paulínia, onde realizava trabalhos de educação ambiental com crianças e adolescentes, fortaleceu meu pulsar de amor pela Terra e por transformar, no mundo, aquilo que parece urgente e necessário. Na adolescência descobri que a transformação precisa vir, antes, interna e individualmente, e naquele primeiro momento, ainda que sem compreensão disto, o universo da chamada educação ambiental me foi

aberto. Fui tocada e transformada por aquelas vivências, pontuais e profundas, que se somaram, certamente, à educação que recebia de meus pais. Aquilo que viria a ser o Jardim Ciranda, e especialmente a Adoletá, nasceu naqueles meses de vivências de educação ambiental. *‘Escolas são pessoas’*, mais tarde aprendi, e Marcelo me foi pilar de aprendizagem e inspiração para amar o mundo e cuidar dele, começando a estruturar a compreensão de que, de fato, não há separação entre nós e o mundo, a natureza e nós. Compreendi NaturezaNós.

Ficou claro que meio ambiente na verdade é tudo, incluindo a gente, não existindo, portanto, nenhum grande mérito em zelarmos pela Terra. Trata-se, inclusive e sobremaneira, de zelar por nossa existência, algo aparentemente bastante simples ao entendimento, mas que, ao longo dos anos e de modo crescente, evidencia-se o quanto essa percepção da interdependência é pouca, falha ou inexistente para tantas pessoas! Junto da dor de ver a crise socioambiental escancarar-se e se acentuar mundialmente, eu me perguntava qual a raiz do problema, e ao refletir, estudar, debater com outros questionadores, a resposta foi sempre a mesma: a educação. A educação, que sustenta, reproduz e perpetua os mesmos valores, padrões, doenças sistêmicas, e que tem todo o poder de transformá-las, através das pessoas. *A educação não muda o mundo, muda as pessoas e elas mudam o mundo*, bem nos ensina Paulo Freire em sua *Pedagogia da Indignação*.

Cursando Ciências Biológicas na Unicamp, pela primeira vez ouvi falar de Paulo Freire, Rubem Alves e José Pacheco. Inesquecível o título do livro *‘A escola com que sempre sonhei, sem nunca imaginar que pudesse existir’*, em que Rubem contava sobre a Escola da Ponte. Mal sabia eu, naqueles idos do ano 2000, o que mais tarde significaria tal encontro. Sementes ficam guardadas até que encontrem solo fértil e condições favoráveis à germinação. Assim é com as que caem no chão e com as que levamos no coração.

Em 2015, tendo encontrado outras duas mulheres ávidas por uma educação diferenciada, inovadora, com valores vivos e que fizessem sentido para as vidas dos seres envolvidos

nos processos de aprendizagem, iniciamos o Jardim Ciranda, que pretendia ser uma escola Waldorf, bela, sustentável e para sustentabilidade, uma Green School de Arraial. Começamos com 07 crianças da vizinhança, de 1 a 8 anos, nos quintais de nossas casas. Logo entendemos que nosso caminho não seria estritamente com a pedagogia Waldorf, por reconhecermos a necessidade por algo mais livre, não doutrinário, e iniciamos a jornada com a Pedagogia Viva, assim chamada pela uruguaia Ivana Jauregui, então responsável pela Escola Inkiri de Piracanga, outra grande inspiração para o movimento que nascia.



Figura 2 - O trio de fundadoras do Jardim Ciranda: Caína, Ilana e Caroline, juntas desde 2015. Nas barrigas: Tiê, Uanan e Francisco. Arraial d’Ajuda - BA. Fevereiro de 2016.

Ainda em 2015, as 3 fundadoras do Jardim Ciranda engravidamos juntas, e o Jardim Ciranda ganhou a dimensão de cuidado não apenas com o ser fora da barriga, mas de toda a vida. Naquele momento nossa ‘escola’ começava a dar os primeiros sinais de ser algo diferente - mais abrangente - do que inicialmente imaginamos.

Abrimos frentes de cuidado maternal e com o parto – o que se desenrolou, através de uma das fundadoras (Caroline Duarte, a Carola), como uma frente de estudo e luta pela segurança da mulher, humanização do parto nos hospitais e implementação de casa de parto pública em Porto Seguro. Outras mulheres se uniram a esta luta, inclusive mães e educadoras do Jardim Ciranda (especialmente Lila e Lucia), que ganhou força nessa frente e fez parte da criação do Coletivo Parto Seguro.

Compreendemos que o trabalho de educação se dá necessariamente junto do cuidado, do afeto, da vida em comunidade e com uma rede de apoio mútuo. Desde antes do primeiro alento e até o derradeiro sopro. Desenhamos, então, projetos de cuidado maternal e roda de mães; apoio ao parto; ciranda canguru (mãe-e-bebê); ciranda cavalo-marinho (momento dos pais sozinhos com os bebês); ciranda curumim (crianças de 01 a 09 anos); rodas de mulheres (ciranda da loba); rodas de meninas (ciranda da lua nova); encontros terapêuticos e de trabalho coletivos. Visualizamos o cuidado com os idosos, pensando em uma vila amorosa e alegre para essa fase da vida; na doulagem da morte de humanos e animais, e em criar um cemitério-floresta, plantando corpos e árvores. Foi igualmente nesse contexto que primeiro falamos em uma possível Ciranda Adoletá, com foco nos adolescentes. O Jardim Ciranda foi aprendendo a ser algo que ninguém sabia como chamar, porque não era ´só` escola, na equivocada concepção que esse termo hoje evoca, mas era certamente distante do conceito de prédio-presídio onde se reproduz o modelo instrucionista e conteudista, onde pouco se aprende de fato (do que se ensina) e muitos medos são gerados e muitos talentos são abafados.

Os três rebentos nasceram em 2016, e novas etapas da escola acompanharam seu desenvolvimento, com outras famílias chegando, pouco a pouco. Em 2018, trazido pelo chamado da outra mãe do Jardim Ciranda, minha querida parceira Carolina Lima – a Caína, chegou ao Jardim Ciranda o professor José Pacheco. A Escola da Ponte, grande inspiração de outrora e fonte de motivação para as idealizadoras do JC, enviava-nos de alhures seu fundador, bonito ser humano, grande educador e um tanto revolucionário, que recebemos com alegria. Foi ele quem sinalizou: o Jardim Ciranda é uma Comunidade de Aprendizagem, ou semente de uma. E o que é isso? Estamos descobrindo e galgando

caminhos, aos poucos. O amigo Diego Alvim, no curso presencial Gaia Escola de 2017, em Piracanga (BA), verbalizou que 'comunidade de aprendizagem não é um o quê, é um quando. Quando um coletivo de pessoas se encontram e se comprometem numa reconfiguração da aprendizagem e numa transformação social. E entendem que a escola tem esse potencial de transformação social. Não é preciso formalizar a comunidade, mas é muito útil sistematizar a comunidade`.

Comunidade de Aprendizagem são pessoas organizadas em rede, em solidariedade, que produzem conhecimento a partir de necessidades e que ajudam a melhorar o tecido local. Uma produção de conhecimento gerador de desenvolvimento sustentável. (PACHECO, 2019, p.145).

Em 2017, firmamos nossos valores: Respeito, Alegria, Sustentabilidade, Solidariedade e Autonomia. Diversidade e Regeneração entraram para o time, em 2019. Ando desejava de incluir Generosidade no pacote, afinal, se tem algo que Gaia nos ensina (além de paciência), é generosidade.

O Professor José Pacheco tem nos ofertado seu apoio, e com ele muito temos aprendido, através de diálogos, palestras, estudos, percursos. O Jardim Ciranda tornou-se parte de uma grande rede de projetos e iniciativas por uma educação inovadora, no Brasil, em Portugal, países sul americanos e Austrália. E seguiu em contínuo processo de expansão e recolhimento, começando e recomeçando, errando e acertando, morrendo e renascendo, seguindo sempre. Nossos filhos têm crescido com a ainda rara oportunidade de uma educação com sentido, baseada em valores, intenso contato com a natureza, respeito, afeto, aprendizagem por projetos. Sem etarização (separação por idade), sem salas de aula fechadas, sem provas desnecessárias, ineficientes e traumatizantes; sem padronização de saberes e cerceamento de dons e talentos. Uma educação que sustenta a criatividade e a alegria pelo processo de aprendizagem, com arte e poesia. Uma educação que parte do mais essencial: autoconhecimento e encantamento pela vida, e alcança com facilidade todos os objetivos exigidos pelo MEC, para cada fase de desenvolvimento com que trabalhamos até agora.

O homem ignorante não é o sem instrução, mas aquele que não conhece a si mesmo, e insensato é o homem intelectualmente culto ao crer que os livros, o saber e a autoridade lhe podem dar a compreensão. A compreensão só pode vir com o autoconhecimento, que é o conhecimento da totalidade do nosso processo psicológico. Assim, a educação, no sentido genuíno, é a compreensão de si mesmo pelo indivíduo, porque é dentro de cada um de nós que se concentra a totalidade da existência (KRISHNAMURTI, 1957).

Durante a pandemia de Covid-19, iniciada em março de 2020, todas as escolas foram fechadas no Brasil. O Jardim Ciranda, que estava - finalmente! - em uma bela sede, ao lado da Aldeia Velha Pataxó, em Arraial d'Ajuda, tinha uma equipe de 13 educadores, zelava pela educação direta de 34 crianças, e teve que fechar suas portas. Havíamos nos constituído empresa social fazia poucos meses, entre 05 sócios, e optamos por fechar o CNPJ. Diante de nosso choro e a dor do luto, da sensação da árdua batalha perdida, o professor e amigo Zé Pacheco nos lembrava: *'Por que chorais? Escolas são pessoas ou são prédios?'*. Mas sim, vivemos aquele doloroso luto, após um ano investindo em reformas, com financiamento coletivo, com mutirões, deixando tudo bonito para termos nosso ninho e todos nos sentirmos pertencentes àquele espaço de encontro. Era nossa ágora, naquele momento, e foi bastante difícil desmontar o espaço e, ao mesmo tempo vermos a equipe se desmontando - todos vivenciamos desafios pessoais durante o primeiro ano da pandemia - e as famílias se afastaram, pouco a pouco, diante da impossibilidade de mantermos nosso trabalho virtualmente. Tudo era baseado no contato direto, no afeto, no olhar, na Presença, no pé no chão, no cheiro de chá e pipoca, e nas mãos dadas. Somos uma Ciranda, afinal. *'Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas'*, soava Drummond em nosso pesar.

Mas isso que, de certo modo, poderia ser um fim, apresentou-se também como uma grande oportunidade: a chance das sementes de uma nova educação ganharem projeção e crescerem em Arraial, no Brasil, sem fronteiras. Muita gente percebeu que a comum e obsoleta escola não fazia sentido algum que não fosse o de perpetuar um sistema socioeconômico profundamente doente, e as famílias se viram perdidas, dentro de casa, sem saber como lidar com as questões psicológicas e educativas de seus filhos. O professor José Pacheco criou, então, a tecedura da grande rede de projetos inovadores da educação, cuja maioria (mais de 300, dentre cerca de 360 iniciativas) é brasileira.

Carolina Lima seguiu junto desse movimento, e nos envolvemos na criação das chamadas Turmas Piloto ('Cavalos de Tróia', como José Pacheco os considera, sementes de uma nova educação, infiltradas no sistema educacional comum). Ainda durante a pandemia, em maio de 2020, percebemos a oportunidade de implementar, finalmente, a Adoletá, de forma paralela aos processos que se davam com a Turma Piloto, enquanto eu estruturava o Instituto Canto da Floresta, com proposta de CurArtEducação, que adiante será melhor descrita.

Do ponto de vista da formação de nossa equipe, algo muito importante foi o contato primevo com a Ecologia Profunda, através do curso online chamado Futuros Possíveis, com Lua Couto e outras professoras, onde finalmente pude me encontrar plenamente confortável, descobrindo a existência conceitual de quase tudo o que intuitivamente nós havíamos escolhido fazer enquanto Jardim Ciranda! Foi maravilhoso igualmente descobrir a Schumacher College, no Reino Unido, e perceber quanto do que desenvolvemos por aqui é como o que se desenvolve por lá, com a diferença evidente de lidarmos com um pequeno grupo de pessoas pequeninas, crianças da chamada primeira infância, e adolescentes. A pedagogia intuitiva então ganhou companhia; a ousadia de criarmos e seguirmos no 'aprender fazendo' ganhou mais segurança ao encontrarmos novos agentes de uma nova educação.

A partir de 2020 se deu o Aprender em Comunidade, percurso online oferecido pela Ecohabitare e pelo Gaia Escola, impulsionado por José Pacheco e Claudia Passos. Caína e eu fomos convidadas a estar como tutoras, e ali adentramos mais no universo teórico-prático da aprendizagem por projetos, das tutorias, da confecção de portfólios, da busca pela ética na educação. Caína seguiu mais de perto nesse foco, que é parte de seu talento como coordenadora pedagógica e psicóloga sistêmica, sempre traçando teias e enxergando os talentos das pessoas e seu lugar de pertencimento no sistema. Ao longo de 2020, depois de percebermos a impossibilidade de seguir com as atividades com as crianças virtualmente, embora houvéssemos tentado por alguns meses, mesmo entendendo que a exposição excessiva às telas seja algo extremamente prejudicial à saúde e que pouco poderia contribuir naquilo a que nos propusemos a fazer,

nós paramos. Externamente paramos. Dentro de nós, o Jardim Ciranda jamais parou, apesar do evidente cansaço ocasional. Seguimos, feito bambu.

Com a equipe desfeita, houve um momento em que estávamos somente Caína e eu 'segurando as pontas' e pensando como seguiríamos. Optamos por firmar encontros presenciais dentro de nosso mini círculo de confiança (falarei sobre ele mais adiante), entre nossas famílias, e assim nossos filhos se encontravam, ora na casa dela, ora na minha. Um pouco depois, os filhos de Carola, o 3o pé de nosso tripé de base, chegaram também, e aos poucos outras crianças do círculo voltaram. Formalizamos os encontros nesses dois ambientes de aprendizagem, que ganharam nomes novos (Instituto Canto da Floresta e Casa Beija Flor, nossas casas). Mantivemos esse formato, com 8 a 10 crianças de 02 a 09 anos, até final de 2022, aprendendo a fazer tutoria e a pôr em prática a aprendizagem por projetos, com duas tutoras contratadas e nosso trabalho de 'coordenação', gestão, buscando levantar novamente uma estrutura material e humana que nos permitisse avançar.

A falta de sustentabilidade financeira nos arrebatou, depois dos anos de resistência, entrega e doação ao Jardim Ciranda. Houve promessas de parcerias; pessoas com bastantes recursos materiais se aproximando e propondo caminhos que não nos pareceram válidos. Ao fim de 2022, decidimos mudar radicalmente de estratégia, outra vez, diante de uma nova alternativa que surgiu, em parceria com pessoas do distrito vizinho: Trancoso. Mudamos para lá nosso foco de ação mais imediata, e para lá temos olhado, desenhando a rede regional de comunidades de aprendizagem e buscando firmar o Jardim Ciranda como elo integrador entre as partes e núcleo dos processos de formação de educadores.

Em 2023, o foco no primeiro trimestre foi estruturar a formação de educadores da região e visitantes - já abrindo caminho, desse modo, para o turismo educacional; participar de processos de transição de uma escola que se abriu para isso, em Trancoso, enquanto se dava o diálogo com a Secretaria de Educação de Porto Seguro, buscando viabilizar o processo de criação do Jardim Ciranda como núcleo público, com recursos públicos e

uma desejada autonomia para realizarmos a escola dos nossos sonhos. Ao mesmo tempo, famílias de Trancoso se dispuseram a abrir caminho para que a sonhada escola pudesse vir a ser construída, pelo viés particular, ao longo dos meses subsequentes.

Faço aqui um recorte, voltando um pouco na história (já que o tempo não é linear e o mundo dá voltas): com as escolas fechadas, em 2021, o convite para vivências em pequenos grupos de adolescentes, ao ar livre, em contato com a natureza, foi algo oportuno. A impossibilidade sanitária de reunirmos grandes coletivos fez a Adoletá começar com 3 jovens de 11 a 13 anos. Aos poucos, esse número foi crescendo, junto com a abertura sanitária, e oscilando em grupos de até 12 jovens (de até 14 anos) por encontro, permitindo que um trabalho com plena atenção nos indivíduos e vínculos se realizasse. Neste trabalho fui a educadora de referência, com alguma participação de amigos indígenas pataxós, ocasionalmente, e de pais e amigos voluntários no auxílio à bioconstrução.

Enquanto a Adoletá se desenvolvia, vieram chamados para que eu retomasse à frente direta de ativismo e ação pela proteção ambiental - enquanto o desmatamento crescia junto do avanço imobiliário que resultou (e assim segue) do êxodo urbano na pandemia - e por políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento sustentável e conservação da biodiversidade. Esse viés de atuação política passou a fazer parte, indiretamente, do propósito da Adoletá, e vem como força motriz de uma educação inovadora, do Manifesto Pelas Árvores e da criação do Projeto Guigó, para conservação do macaco *Callicebus melanochir*. Também foi o propulsor na busca por mais ferramentas de ação para atuar de modo eficiente e estratégico no território, e nesse momento o IPÊ cruzou meu caminho e passou a fazer parte do Jardim Ciranda e de muitos diálogos em Porto Seguro e arredores, inclusive propondo para cá uma econegociação, com a VIII turma de mestrado em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável deixando de presente um pronto plano de comunicação para a implementação de uma econegociação em Porto Seguro.

1.2 Fontes de inspiração: escolas e iniciativas

INICIATIVAS QUE MUITO NOS INSPIRARAM. No item Fundamentação Teórica, alguns aspectos existentes nessas escolas são mais profundamente apresentados.

- **Escolas Waldorf**, mormente a Dendê da Serra (BA, Brasil) (<https://www.dendeserra.org.br/>), pela pedagogia Waldorf aplicada à realidade de uma comunidade baiana similar à que vemos em Arraial d'Ajuda;
- **Green School of Bali**, Indonésia (<https://www.greenschool.org/bali/>), pela busca pela sustentabilidade e uma educação coerente com ela; pela aprendizagem por projetos; pelo turismo educacional;
- **Escola da Ponte**, Portugal (<https://www.escoladaponte.pt/>), pela sementeira da autonomia, da liberdade, o envolvimento da comunidade e a resistência no tempo.
- **Escola Inkiri**, Piracanga, BA, Brasil (<https://inkiri.com/eventos/categorias/imersoes/imersao-escola-inkiri/>), pelo exercício da pedagogia viva e integrada à natureza;
- **Escola Ayni**, Guaporé, RS, Brasil (<https://www.ayni.org.br/>), pela bioconstrução, agroecologia e foco em práticas sustentáveis na base da educação; por inspirar políticas públicas de educação; pelo sistema de negócios e turismo educacional;
- **Projeto Âncora**, Cotia, SP, Brasil (<https://escolastransformadoras.com.br/escola/escola-projeto-ancora/>), por se pautar na educação para a formação de cidadãos autônomos e por trazer a educação envolvendo a comunidade como ferramenta para promover transformações sociais.
- **Quintal Escola**, Salvador, BA, Brasil (<https://www.quintalescola.com.br/>), pelo zelo com as virtudes, o afeto, o cuidado e a inteireza da infância;
- **Escola da Floresta**, Caçapava do Sul, RS, Brasil, (<https://www.facebook.com/comunidadeescoladafloresta/>), por se construir como uma comunidade de aprendizagem de pais, educadores e estudantes que vivem uma educação para a vida;

No novo ciclo do Jardim Ciranda acrescentamos novas inspirações, considerando o aspecto internacional da população de Arraial d'Ajuda e Trancoso, e a base comum de aprendizagem por projetos das seguintes escolas:

- **Clonlara School**, EUA (<https://clonlara.org/>);
- **Open Learning School**, Portugal/ SP, Brasil (<https://opschool.com/>);
- **Camino School**, SP, Brasil (<https://caminoschool.com.br/>).

1.3 Breve contextualização histórica e conceitual.

Movimento Ambientalista e a Educação na Ação.

A Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em Estocolmo (1972) evidenciou a emergência socioambiental global e apontou para a necessidade de se compatibilizar as atividades humanas e o crescimento econômico com a manutenção ecossistêmica. A problemática ambiental tem tido visibilidade crescente, marcada por subsequentes encontros que têm contribuído para que emergam inúmeras reflexões sobre as formas de relações sociais, meio ambiente, ocupação do solo e sistemas de produção. Depois de Estocolmo, vimos acontecer, nas últimas décadas, diversos encontros envolvendo muitos países nos diálogos sobre sustentabilidade, como a Eco 92 ou Cúpula da Terra (1992); a Rio + 10 ou Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (2002); a Rio + 20 ou Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável (2012); as COPs (Conferências das Partes) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima, cuja derradeira edição foi no Egito, em 2022, e outras incontáveis reuniões de âmbito mais regional, atentando aos rumos planetários no que concerne ao meio ambiente e economia. E como tem ficado a educação, a despeito de tudo isso?

O processo tem sido lento, mas parece que finalmente os historiadores começam a narrar os fatos humanos tendo em consideração que não estamos flutuando sobre a Terra, e sim totalmente integrados a ela. Também a economia tem tido alguma abordagem levando em consideração um uso mais inteligente daquilo que chama de recursos naturais e das relações com a Terra, aproximando-se mais de sua irmã de prefixo, a ecologia, que também carrega a casa (*Oikos*, no grego, que originou o *eco*) em seu âmago. E a Ecologia Profunda veio trazer algumas novas perspectivas, a partir da década de 1970, cuidando de evidenciar a importância de revermos valores na nossa relação com Gaia, entre nós, e com a educação, que precisa ser radicalmente transformada para que saia do coma em que se encontra, talvez na maior parte do mundo, por simplesmente programar os seres a entrarem no sistema que tem nos deixado doentes e comido o planeta - como tantas vezes diz Ailton Krenak, inclusive em

'A Vida não é Útil' (2020) - e ameaçado nossa existência. Nada há de muito inteligente em seguirmos com o arcaico modelo educacional escolar que continuamos surda e cegamente reproduzindo, sem pararmos para verdadeiramente olhar para as consequências do que temos feito.

A sociedade pós-industrial se depara com uma crise que, mais do que puramente ecológica ou material, é uma importante crise de valores, de modo de pensar e estar no mundo, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade. A simplificação das análises focadas estritamente na racionalidade ocidental, ao modo cartesiano, não é o bastante diante da complexidade do mundo. Pensadores e ativistas indígenas da atualidade, como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Daniel Munduruku, Shirley Krenak, Daiara Tukano, Carlos Papá e Cristine Takuá, entre outros, trazem luz ao sinalizar a necessidade de integração de outras visões de mundo, cosmovisões que indicam caminhos mais integrativos do ser humano com a Terra - caminhos estes que precisam ser percorridos também pelo modo de educar -, em resposta à emergência que se reflete em crise do ser no mundo, em todas as dimensões da existência humana: nos espaços internos do sujeito, nas condutas sociais autodestrutivas e no incessante processo de degradação da natureza e da qualidade de vida de todos os seres.

A humanidade passou pela I Revolução Industrial - RI, (mecanização dos processos); a II RI (criação de novos inventos, como automóveis, telefones e rádios), a III RI (automatização das máquinas); a IV RI (digitalização das informações e utilização de dados). Finalmente, bate à porta da humanidade a quinta Revolução Industrial, ou Revolução 5.0, marcada por tecnologias que viabilizem o uso dos chamados recursos naturais de maneira responsável e que diminuam o impacto humano sobre o meio ambiente (HARARI, 2020). Diante dessa abordagem mundial como uma forma de resolução da problemática ambiental, há quem faça contraponto (especialmente os pensadores indígenas), a partir de visões de mundo mais integrativas (e complexas), chamando atenção para o fato de que tal abordagem segue tratando a natureza como recursos utilizáveis pelo ser humano, e que 'o mundo não é útil', como categoricamente coloca Ailton Krenak. Esta discussão põe luz na necessidade latente de revermos os modos de pensar e estar no mundo, evidenciando a importância da educação, com os

currículos subjetivos, comunitários e planetários, como sinteticamente propõem José Pacheco, Flavia Vivacqua e alguns outros pensadores e praticantes da educação ética, no contexto do que vai mormente sendo conhecido como Cultura Regenerativa, assim como apresenta Daniel Wahl (2019).

Cabe mencionar que, embora existam críticas relevantes - inclusive por parte de alguns dos indígenas aqui citados - a respeito das narrativas sobre sustentabilidade e regeneração, apontando-as como áreas de interesse criadas por olhares branco-europeus e, portanto, suas extensões, ainda que diferentes do modo colonialista de pensar e agir, é nessa linha de entendimento que o trabalho com o Jardim Ciranda tem se dado e, portanto, é dentro desse prisma que seguiremos nossa abordagem, ainda que também estejamos em processo de abertura e revisão contínua, buscando crescer, sempre.

Ultimamente, fala-se intensamente de uma das principais crises humanitárias de todos os tempos, que é a mudança climática e as crises decorrentes de convergências de transformações. É sabido que não basta mais falar de sustentabilidade (WAHL, 2019), porque sustentar a dinâmica de vida, o modo como a gente vive hoje, é insustentável por natureza, seja por princípio de produção, de consumo, do quanto de impacto se faz na saúde humana ou nos outros seres, do quanto de diversidade de vida está sendo perdida a todo instante. Então, ir além da sustentabilidade é preciso, para falarmos de um modo de viver que seja evolutivo nos seus princípios, nos seus valores e nas suas práticas, que pode ser restaurativo daquilo que precisa ser restaurado, mas que precisa sobretudo ser integrador e integrativo para que possamos chegar no nível da regeneração, para podermos criar uma cultura que gere mais saúde do que morte dentro do sistema, que esteja pautada na geração e manutenção da saúde e, primeiro e acima de tudo, numa conexão muito profunda com a própria vida, com quem somos na Terra, com Gaia.

Em síntese, diversos movimentos internacionais buscam, há décadas, soluções com propostas como ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável, sustentabilidade e a educação ambiental, que surgiu de buscas semelhantes. Os modelos tradicionais se mostram ineficientes e novos caminhos surgem para tentar sanar suas lacunas. Mas a mudança não ocorre de maneira sistêmica, e os termos criados acabam caindo em

descrédito, ou as adesões aos princípios que representam e seus resultados ficam aquém do esperado. A necessidade de se sensibilizar para o valor da vida é crucial, o que se dá por diferentes meios. Alguns são sensibilizados por meio da arte, outros pelas belezas da natureza, outros na contemplação de sua própria respiração (PADUA, 2021, em REVISTA SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL, p.67).

A educação, desde sempre um caminho muito promissor de pensar a mudança de sociedade e geracional, ganha evidência como a chave da guinada, que busca desenvolver o ser humano por ele mesmo, os processos coletivos e a coaprendizagem, e que também olha para uma perspectiva ecossistêmica (VIVACQUA, 2021).

1.4 Por que dizer educação 'regenerativa'?

Se educação fosse plenamente abrangente, prescindiria de adjetivos como educação ambiental, educação sanitária, educação sexual, e tantas outras. Todas as áreas estariam contempladas, o que facilitaria a formação de cidadãos atuantes e engajados em melhorias que afetam a coletividade (PADUA, 2007, p.01).

O processo educacional vem apresentando uma fragmentação, o que tem demandado o uso de vários adjetivos para a mesma. O ideal é que tivéssemos uma educação que não necessitasse adjetivos, que fosse capaz de conseguir harmonizar a relação entre a humanidade e a natureza, em um caminho de reintegração e respeito pela mesma.

Ao criar o Design de Culturas Regenerativas, Daniel WAHL (2019) nos assinala: a sustentabilidade ainda é importante, mas estamos em um momento em que devemos agir além.

Educação é educação. José Pacheco costuma dizer isso em suas palestras. Nunca gostei de dizer 'educação ambiental', por entender que a educação deve preparar o indivíduo integralmente, para uma vida plena, o que necessariamente passa por ajudá-lo a perceber nossa absoluta interdependência em relação ao meio ambiente. E por não conseguir conceber o meio ambiente como algo fora de nós, nunca me fez sentido dizer educação 'ambiental'. Mas dizia, para que as pessoas compreendessem que se tratava de uma abordagem holística, integrativa sobre nós e a natureza, partindo do pressuposto de que a visão comum é exatamente assim, separada, de natureza E nós, o que torna

necessário haver algo que junte esses conceitos em um, até que um dia seja evidente o NaturezaNós e ninguém mais precise dizer educação 'ambiental'.

O mesmo serve para *regenerativa*. Uma palavra que emerge, apontando um movimento que compreende a necessidade de irmos além da sustentabilidade, para a assimilação de algo diferente do normal praticado (que tem sido insuficiente) como educação. Escolho, portanto, dizer *educação regenerativa*, para me fazer entender de modo claro, para que não fiquem dúvidas sobre o que estou abordando, e porquê.

Podemos falar sobre educação regenerativa, mas não podemos falar em uma pedagogia pronta, massificada e massificável, copiável, como bem nota Flávia Vivacqua, ao apresentar uma síntese sobre aspectos que podem dar algum contorno ao que se convencionou chamar de educação regenerativa. Vivacqua traz, antes de tudo, Paulo Freire, com a importância por ele atribuída à pergunta, à boa pergunta, aberta e suficiente para gerar uma reflexão sobre a nossa relação com o outro, os outros seres, o ambiente onde a gente está, que evidenciam as especificidades e a peculiaridade de cada lugar e, portanto, não há uma fórmula pedagógica replicável para todos os lugares, a não ser o entendimento da necessidade de estímulo desse lugar de se posicionar, relacionar, trabalhar. O outro ponto levantado por Flávia é o desenvolvimento de educação baseada em projetos, onde o ser aprendiz vai entendendo os ciclos de desenvolvimento das suas próprias ações e do seu próprio fazer no mundo, aumentando continuamente o nível de complexidade conforme seu aprendizado permite e sua compreensão de mundo se estabelece (VIVACQUA, 12 nov. 2021).

A visão pedagógica da educação regenerativa se ancora no ambiente natural, na visão holística, transdisciplinar, e ao mesmo tempo centrada no estudante, em relação à comunidade escolar e tudo que a determina, preocupada não somente com o que ensinam, mas com o como ensinam os estudantes a aprender a aprender, que foi um conceito cunhado por Paulo Freire na década de 1970, como um modelo de educação conectado aos ciclos da natureza, às sabedorias dos povos originários, à alta tecnologia e ciência e a um espírito empreendedor para uma rápida e efetiva transformação para as rápidas e significativas mudanças futuras, sobretudo no ambiente de trabalho e serviços à sociedade. A aprendizagem se dá em encontros e se potencializa com os outros. Há aquilo que se pode aprender sozinho mas há aquilo que somente podemos aprender em relação (VIVACQUA, 2021, p. 147).

1.5 Porto Seguro – aspectos históricos relevantes, turismo e situação atual.

Porto Seguro é município do Extremo Sul da Bahia, atualmente conhecido por dois aspectos temporalmente distantes: por ter sido o local de chegada dos europeus ao continente por eles nomeado de América do Sul, no ano de 1500 (uma invasão ignobilmente chamada de descobrimento), e por ser, hoje, destino turístico amplamente visado por gente do mundo inteiro, notadamente europeus e sul americanos.

Dados do IBGE (2022) mostram um território de 2.285,734km², população aproximada de 168 mil pessoas com um índice de escolarização de 6 a 14 anos de 96,9%, e o IDH-Municipal de 0,676 e o PIB per capita de R\$ 16.675,00.

Segundo estudo de Clébia CARVALHO (2008), a abertura da BR 101 em meados da década de 1950 e seu asfaltamento no início dos anos 1970, possibilitaram que o turismo viesse a se impor como principal atividade econômica da região, devido à beleza exuberante de suas praias e matas, tidos como ‘recursos turísticos’. Ao longo das décadas, o número de turistas vindos de toda parte do mundo só fez aumentar, chegando a 1.8 milhão de pessoas/ano em 2019, resultado de políticas públicas de fomento ao turismo de massa, o que colocou Porto Seguro como principal destino do chamado turismo de lazer: praias, bebida alcoólica abundante, sexo e drogas facilmente comercializadas. Os turistas de massa, de modo geral, comportam-se de modo predatório, desrespeitando o meio ambiente e, não raras vezes, a população local, usando os ambientes – sejam eles mais naturais ou mais antropizados – e deixando um lastro de resíduos sólidos (lixo) por onde passam. Até 2022, o fomento ao turismo em massa não se mostrou acompanhado por movimentos de conscientização ambiental da população ou dos turistas, nem de um olhar cuidadoso para isso na educação de base escolar. As consequências dessa negligência têm recaído sobre todo o território. Felizmente, algumas iniciativas privadas a partir de 2022 começaram a trazer a temática do turismo regenerativo e práticas sustentáveis para a região.

O turismo também está atrelado à pressão imobiliária, que provoca desmatamento crescente no município. Nos anos de 2020 e 2021, por conta da pandemia de Covid-19, do êxodo urbano das grandes cidades e da possibilidade de ‘homeoffice’, houve visível explosão de vendas de casas e terrenos no município. Por toda parte, incontáveis novos loteamentos têm sido feitos, em áreas já urbanizadas, áreas parcialmente antropizadas e

áreas cobertas de mata nativa. Inexiste, por parte dos órgãos fiscalizadores e reguladores municipais, exigência de transparência e publicização das licenças ambientais, de modo que a maioria dos loteamentos que se anunciam pelas ruas não respeitam o regramento ambiental e as exigências legais quanto à ocupação do solo e à conservação da vegetação. O aumento do desmatamento tem sido constatado há olhos vistos, por toda Arraial, Trancoso, Caraíva, Porto Seguro em si, e a própria prefeitura foi denunciada por deflorestar áreas de proteção permanente. O cenário é preocupante. Medidas mitigadoras de urgência são necessárias, tanto quanto uma ampla mobilização na educação de base, diante do interesse de parte da população em evitar que a região se transforme em algo como o Guarujá, do litoral paulista, quando enxerga, no lugar disso, a possibilidade de Porto Seguro se tornar referência mundial em turismo sustentável.

1.6 Jardim Ciranda: escola? Comunidade de aprendizagem? O que somos? O JC é inovador?

O Jardim Ciranda é uma semente de um novo tempo, um novo mundo. Sabemos que o que temos manifestado e tentado ampliar é algo que rompe com inúmeros paradigmas atuais, e vem apontar caminhos mais salutares para nossa jornada de aprendizagem, indo muito além do que normalmente se entende por escola. Por isso é difícil definir o que é o Jardim Ciranda. Ajuda se soubermos o que não é:

O Jardim Ciranda não é um prédio sumariamente cercado onde crianças e jovens vão receber educação bancária, como bem define Paulo Freire (1996), como depositárias de conteúdos. Não é um local onde crianças sejam organizadas etariamente e submetidas a horas sem fim de aulas, provas dispensáveis e onde sua curiosidade seja massacrada, domesticando seu pensar para que caibam no sistema industrial mecanicista e exploratório, para o qual o atual modelo escolar foi criado (PACHECO, 2019).

Comunidade de Aprendizagem é algo cujo conceito ainda se desenvolve, e gostamos das definições de Diego Alvim e José Pacheco, apresentadas na introdução deste texto. Usamos essa ideia por ser a que mais se aproxima daquilo que entendemos que seja o Jardim Ciranda, uma tentativa de ser aldeia fora da aldeia, de viver os valores e forma de construção coletiva que encontramos na vida em aldeias de povos originários, mas sem

termos as mesmas condições que esses povos apresentam e sem morarmos todos juntos em um território cujas regras e acordos de convivência estejam ali há gerações.

Como Comunidade de Aprendizagem em desenvolvimento, compõe-se por famílias que se uniram pelo desejo de transformar a educação. O Jardim Ciranda conformou sua própria metodologia para a educação infantil, tornando-se referência na rede de Comunidades de Aprendizagem coordenada pelo professor José Pacheco.

Com o desenvolvimento de dispositivos pedagógicos socioemocionais voltados às crianças, adolescentes, às famílias e à equipe pedagógica, o Jardim Ciranda experimentou entre os anos de 2015 a 2019, um processo de inovação das práticas de educação infantil desenvolvidas no território, gerando um movimento que contribuiu para resgatar o sentido do envolvimento das famílias e da comunidade na criação das crianças, bem como para despertar educadores talentosos.

Em âmbito local, o Jardim Ciranda promoveu colaborações desde sua criação, tecendo parcerias e projetos com a Universidade Federal do Sul da Bahia, Instituto Canto da Floresta, Coletivo Parto Seguro, Associação Verdejar d'Ajuda, Associação Beneficente de Arraial d'Ajuda, Escola Municipal Zeca Passador e Instituto Coral Vivo. No ano de 2023, celebrando oito anos de existência, é mais conhecida pelo trabalho com crianças de 1 a 9 anos e adolescentes de 10 a 15 anos, tendo oferecido atividades regulares desenvolvidas por uma equipe multiprofissional contratada pelas próprias famílias.

Educar dá trabalho e exige ousadia e inovação por parte do educador. Precisa dar uma ressignificação ao ser, uma maior amplitude com direito a sonhar uma vida plena para si e para a sociedade. Na verdade, é preciso aprender ou reaprender a sonhar e exercitar o sonho. Grande parte da humanidade não ousa sonhar e aceita o que vem pronto. Sonhar significa ampliar a visão da potencialidade individual para que se chegue a realidades coletivas desejáveis, muitas vezes diferente daquela em que a gente se encontra. Sonhar exige coragem! É romper com o estabelecido. E o ideal é que os sonhos sejam banhados de amor pela vida (PADUA, em REVISTA SEMINÁRIO EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL, 2021, p. 63).

E o Jardim Ciranda é inovador? Talvez esta sequer seja uma pergunta relevante (tenho mais em conta os efeitos de nosso trabalho do que sua classificação), mas entendemos

que o Jardim Ciranda seja inovador. A primeira característica de um projeto inovador é o ineditismo, segundo Pacheco (2019). Pelo conjunto de sua proposta e ações, o Jardim Ciranda tem sido inédito. Existem frações do que propomos espalhadas pelo mundo, mas o conjunto do que trazemos é algo que ainda não encontramos em outro local.

Segundo os dicionários, 'inovação' é ato ou ação renovador de algo ou alguém, que modifica costumes, legislações, processos. Significa ousar ir na frente e abrir caminhos, descobrir estratégias novas ou renovadas para avançar no percurso, e pressupõe invenção, criação de algo inédito, podendo ser replicado, por exemplo, a partir da criação de protótipos. É algo inédito, útil, sustentável e de provável replicação (Pacheco, 2019).

No campo da educação, será um processo transformador que promova ruptura paradigmática, mesmo que parcial, com impacto positivo na qualidade das aprendizagens e no desenvolvimento harmônico do ser humano. Consiste em superar aquilo que se manifesta inadequado, obsoleto. Significa trazer à realidade educativa algo efetivamente novo, ao invés de não modificar o que seja considerado essencial. Pressupõe não a mera adoção de novidades, inclusive tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento (PACHECO, 2019, p. 50).

Enxergamos o Jardim Ciranda como um protótipo a ser ajustado, reorganizado, em alguns aspectos, cuja estrutura essencial de valores e práticas pode e merece ser replicada, dentro do cabível à realidade local e humana de onde venha a ser usada.

De modo categórico e incisivo, José Pacheco afirma que inovar é assumir um compromisso ético com a educação, e estamos de acordo. Ele também afirma que o que caracteriza uma inovação educacional é essencialmente garantir a todos o direito à educação. Sabemos que muito nos falta alcançar, no sentido de tornar público e acessível a todos aquilo que ofertamos, e assim poder atender à premissa primeira, constitucional, de que a educação é um direito de todos, mas estamos restritas pela ausência de efetivo apoio administrativo municipal, o que ora nos impede de adentrar na seara pública.

Para concluir este tópico, se considerarmos que, como diz Pedro Demo, os estudantes perdem seu tempo na escola, caindo para cifras dantescas de desempenho adequado, e que 'o que importa não é educar, mas evitar que os seres humanos se deseduquem', como canta Agostinho da Silva (ambos citados por PACHECO, 2019), então sabemos que o Jardim Ciranda é inovador, porque veementemente recusamos perpetuar o sistema

educacional tal como ele está, e trabalhamos intensamente para abrir novos caminhos, ainda que nos sintamos continuamente pressionadas e encurraladas por ele.

1.7 O que é turismo educacional e turismo ambiental e o que o JC tem a ver com isso?

O turismo, qualquer que seja sua modalidade, é uma atividade educativa, na medida em que “todo turista aprende sobre os diversos aspectos que o destino lhe oferece” (OMT, 2023).

Existe uma maneira de definir turismo educacional como a maneira de complementar o ensino dado em sala de aula com a prática fora dela, a fim de ampliar o conhecimento e desenvolvimento dos alunos por meio de atividades lúdicas e educacionais, o que é o mesmo que turismo pedagógico ou estudo do meio. Há especificidades sobre turismo estudantil, pedagógico, quase sempre tratados com foco no aluno, em complementação a vivências escolares. Mas não é exatamente desse turismo que estamos falando neste trabalho.

O foco que trazemos é o turismo voltado para pessoas que viajam em busca de conhecer e vivenciar novas experiências educativas, modelos diferentes de viver processos educacionais. São educadores em busca de processos formativos. São famílias em busca de conhecer escolas e iniciativas inspiradoras para de algum modo e em alguma medida as copiarem ou simplesmente para levarem seus filhos e com eles viverem momentos de autoconhecimento e de alargamento de horizontes pessoais, de visão de mundo, de percepção da vida.

Pelo contato com outras iniciativas que nos inspiram, vemos que o turismo educacional se mostra uma interessante fonte de expansão de projetos, visto que é possível ganhar escala no alcance de uma escola, por exemplo, na medida em que recebe e forma educadores que vão levar seus conceitos e modo de ação para outras comunidades.

É também fonte de renda e caminho para a sustentabilidade financeira de escolas e projetos educacionais, para que não dependam da contribuição financeira direta de seus alunos, seres aprendentes que a frequentam diariamente. Podemos ver exemplos disso com a Escola Ayni, no RS; a Green School of Bali, na Indonésia; na Escola Inkiri, em

Piracanga - Bahia; na Schumacher College, Inglaterra, e outras. Essas instituições recebem visitantes que investem em vivências de aprendizagem por períodos que vão desde poucos dias até anos.

E o turismo ambiental?

O termo se confunde com turismo ecológico, ecoturismo, turismo de natureza e com turismo sustentável. De acordo com a Agência Brasileira de Turismo, EMBRATUR, ecoturismo é um segmento de atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. Para o Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade, ICMBio, o turismo sustentável tem como objetivo atender simultaneamente às necessidades dos turistas e das comunidades receptoras, protegendo e ampliando as oportunidades para o futuro.

No entanto, a definição de ecoturismo é difícil de aplicar, gerando muitas discussões entre especialistas (SOUZA, 2011).

O que o Jardim Ciranda tem a ver com isso?

Como semente de educação regenerativa, o Jardim Ciranda atua cultivando a conservação da natureza, inclusive através de parceria com o Instituto Canto da Floresta, a Associação Verdejar d'Ajuda, a Universidade Federal do Sul da Bahia e o Instituto Coral Vivo. Atuamos no território em prol de melhorias socioambientais, e vemos o turismo ambiental como importante nicho a ser aprimorado, para trazer outro foco de visitação para a região, necessariamente em conjunto com o fazer educativo. Existe um projeto de Centro Socioambiental para Arraial d'Ajuda sendo elaborado em parceria desses quatro agentes que atuam na educação e na conservação ambiental.

O Jardim Ciranda valoriza o contato direto com locais naturais. Vemos o JC como potencial receptor de turistas que busquem vivências na natureza, vivências educacionais e para autoconhecimento, porque trabalhamos de maneira integrada. O tema caberá nas considerações finais deste trabalho.

2. JUSTIFICATIVA

2.1. Justificativa da existência do Jardim Ciranda:

Por enxergar na educação a única forma realmente eficiente de transformação, de longo alcance, embora de resultados não imediatos, tornei-me educadora e batalhadora por uma educação real, profunda, com sentido e de valores necessários ao bem comum e à vida harmoniosa sobre a Terra, entre humanos e dos humanos com os demais reinos da Natureza. Chegar em Arraial d’Ajuda, constatar a exuberância deste lugar, e enxergar que o ritmo de sua destruição ambiental e cultural só se acentuaria, vendo o descaso da população e das autoridades frente ao crescente número de moradores de rua; de animais abandonados e vítimas de maus tratos; dos índices de violência locais, sobretudo contra jovens homoafetivos negros; do expressivo volume de lixo nas ruas; do desmatamento e o avanço imobiliário desordenado; do fato de ser uma região importantíssima para a biodiversidade mas que poucos parecem se importar com isso... Tudo isso foi a justificativa do primeiro impulso para o Jardim Ciranda, de minha parte. Somaram-se a ela as justificativas de Caína, com uma filha que então tinha 6 anos, Flora, para quem procurara longamente a escola ideal, nas cidades por onde passou, de MG ao RS. Não encontrando, resolveu criar uma, e foi quando nos conhecemos, morando lado a lado. Para Carola, mãe de Clarice, à época com 1 ano, o chamado pela escola foi prontamente atendido, uma vez que ela elegera Arraial para viver, e por ter a prontidão da ação transformadora em si. Antonella chegou em seguida, com a firme decisão de não entregar seu filho ao sistema escolar comum. Aos poucos, na medida em que outras famílias chegavam, somavam-se às nossas as suas justificativas para criarmos uma nova escola, galgando beleza, alegria, respeito, sustentabilidade socioambiental, comunidade.

Para todas e todos nós, que seguimos na construção dessa escola, uma justificativa central é poder ofertar a nossos filhos (e todas as crianças da comunidade são filhas) uma alternativa que possa lhes favorecer no desenvolvimento e aprendizado com que sonhamos, fora do modelo escolar convencional.

Entendemos que seja por uma questão de ética, inseparável da prática educativa, não importando se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar. E que,

assim como apontou Paulo Freire (1996), a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos e nossa relação com eles.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (PAULO FREIRE, 2003, p 54).

2.2. Justificativa da dissertação:

A escolha por narrar a história do Jardim Ciranda como trabalho do mestrado se dá para sinteticamente estruturar um pouco do que foi feito, registrar academicamente a metodologia criada pelo Jardim Ciranda e deixar um trilho alumiado, com as benesses e as dificuldades do caminho, para quem quiser aqui se inspirar. Além disso, o estudo e a escrita da dissertação são ricos processos de aprendizagem, não simplesmente para apresentar algo a alguém, mas para meu próprio entendimento a respeito de processos que vivemos até aqui. O movimento de reconhecer a importância do que fazemos, registrando academicamente algumas coisas, é algo que também justifica este trabalho. Assim como foi citado em um exemplo por Ludke e André (1986), progressivamente fica mais claro para mim que escrever é a principal atividade do estudo, trazendo a reflexão crítica sobre a prática, considerada por Paulo Freire uma exigência da relação Teoria / Prática, sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e pensar sobre o fazer (PAULO FREIRE, 2003, p.22).

3. OBJETIVOS

Descrever uma metodologia de educação transformadora, com a trajetória, fundamentos, erros e acertos da empreitada de 8 anos da Comunidade de Aprendizagem Jardim Ciranda, em Arraial d'Ajuda, Extremo Sul da Bahia.

3.1 Objetivos específicos

- I. Imprimir registros acadêmicos sobre CurArtEducação e o tripé Reconectar-Reintegrar-Regenerar, especialmente referente à educação de primeira infância (Ciranda Curumim);
- II. Registrar um recorte especial da jornada educativa com um pequeno grupo de adolescentes, ao longo de um ano (2021 a 2022), no Instituto Canto da Floresta - uma 'perna' do Jardim Ciranda - exemplificando atividades vivenciadas em grupo.
- III. Apresentar os primeiros passos da criação do projeto de conservação do macaco guigó, *Callicebus melanochir*, em Arraial d'Ajuda, por um grupo de adolescentes da Adoletá.
- IV. Sinalizar um caminho para turismo educacional e turismo ambiental na região.
- V. Escrever e publicar um livro, como produto final do mestrado, onde possa contar toda a história com mais abrangência e maior detalhamento, que seja de utilidade para a comunidade além da acadêmica.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ELEMENTOS QUE DERAM RAÍZES AO JARDIM CIRANDA.

O embasamento teórico para escrever sobre o Jardim Ciranda, que é uma manifestação de pensamento holístico, integrativo e também coletivo, engloba muitas leituras prévias e também as recomendadas pela equipe de orientação; bibliografias das ementas das disciplinas da pós-graduação, livros e pesquisas em artigos científicos. Em alguns temas, como no da economia circular e moeda social, não fui eu quem se aprofundou no estudo ao longo dos anos, mas outra pessoa do nosso coletivo, e abro este capítulo elencando superficialmente algumas referências, apenas para evidenciar as fontes de pesquisas às quais recorreremos dentro de todos os campos de atuação do Jardim Ciranda.

Assim como foi com Paulo Freire, também José Pacheco atestou que 'há mais dificuldades de aprendizagem nos professores que nos alunos'. Aprender fazendo é uma das premissas da inovação, porque requer coragem para se andar por caminhos sem trilhos prontos. José Pacheco (2019) afirma que inovação é também criatividade e quase sinônimo de adaptação e, enquanto 'ciranda' que somos, temos aprendido a ir dois

passos à frente, um ao lado, um atrás. Encontramos ressonância em alguns referenciais teóricos, com a percepção comum sobre a necessidade da transformação radical na educação, na estrutura das relações sociais, no nosso desenvolvimento enquanto indivíduos e envolvimento enquanto seres humanos, que de algum modo tocam no que o Jardim Ciranda nomeou como o tripé Reconectar - Reintegrar - Regenerar. Encontramos morada em diversas vozes e experiências, aqui ressaltando algumas. Este capítulo foi estruturado para destacar os elementos que fundamentam o trabalho, considerando especialmente aqueles aos quais tenho particularmente me dedicado: Ecologia Profunda, Educação Regenerativa/ Interdimensional, pedagogia freireana, consciência indígena, autoconhecimento e espiritualidade, Dragon Dreaming; alimentação consciente.

Uma pérola tem um tempo próprio para ser, assim como um paradigma, uma nova visão de mundo na cultura de um povo (VIVACQUA, 2021, p 41).

4.1 Referenciais gerais, breve apresentação

Inicialmente, aponto referenciais e o campo em que nos nutrem, para evidenciar a pluralidade de nossas inspirações.

Cultura Regenerativa

ARNE NAESS - *ecologia profunda, a reconexão com Gaia.*

JOANNA MACY - *ecologia profunda, esperança ativa.*

DANIEL WAHL - *design regenerativo.*

LUA COUTO - *'futuro ecológico ancestral'; descolonizar o pensamento.*

FLÁVIA VIVACQUA - *educação regenerativa, Dragon Dreaming.*

VANDANA SHIVA - *ecofeminismo, tecnologia questionável e ecologia.*

DAVID ORR - *alfabetização ecológica.*

FRITJOP CAPRA - *alfabetização ecológica.*

JAMES LOVELOCK - *teoria de Gaia.*

LYN MARGULIS - *cooperação como força motriz da evolução.*

KEN WILBER - *teoria de tudo, pensamento integral, reconciliação ciência e religião.*

SIDARTA RIBEIRO - *o lugar dos sonhos na construção de um novo mundo.*

Educação em Valores

PAULO FREIRE - *pedagogia crítica, educação libertadora, esperançar.*

JOSÉ PACHECO - *valores; escolas são pessoas; ensinar o que somos e não o que sabemos; aprender fazendo.*

PEDRO DEMO - *a importância da pesquisa, teoria e prática em aula; estudante-autor: quebra do modelo unidirecional de professor instrucionista.*

NISE DA SILVEIRA - *psiquiatria e educação; sonhos, alegria, imagística, afetividade nas relações para cura e educação. Arte para existência sã. Loucura necessária.*

EDGAR MORIN - *complexidade e holismo na educação; crítica ao pensamento fragmento; visão de todo; a identidade humana, os valores e a ética.*

BERNARDO TORO - *o cuidado como paradigma ético da nova civilização; a solidariedade como base e a cooperação como resultado.*

MANOEL DE BARROS - *a simplicidade, a poesia e a beleza.*

RUBEM ALVES - *filosofia da educação, poesia e beleza.*

SUZANA PADUA - *educação ambiental; econegociação; ousar trazer o amor para o discurso e a ação na educação; o lugar do encantamento no processo educacional.*

ANTÔNIO CARLOS GOMES DA COSTA - *proposta pedagógica da educação interdimensional, baseada na Paideia (a formação do homem grego) de Jaeger.*

LEONARDO BOFF - *teologia da libertação, filosofia, a Carta da Terra.*

LUCIA HELENA GALVÃO - *ética, filosofia, sociopolítica, simbologia, a arte de viver.*

Espiritualidade e ação; Yoga; Budismo.

KRISHNAMURTI - *educação e o significado da vida; meditação.*

SATISH KUMAR - *simplicidade elegante.*

BHAGAVAD GITA - *'Yoga é estar presente'; o arquétipo do guerreiro e a valorização da sabedoria (valores e conhecimento postos em prática).*

AILTON KRENAK - *a natureza é a religião de um novo tempo.*

TITCH NHAT HAHN - *respiração consciente, ação consciente. Interser.*

ALICE BAILEY - *olhares e propostas para os problemas da humanidade, cooperação como estímulo para o desempenho.*

SADHGURU - *autoconhecimento como fonte de conhecimento e de práticas libertadoras; autoconhecimento como cerne da educação.*

Humanização do parto; Força feminina

CLARISSA PINKOLA ESTÉS - *a força essencial feminina e a verdade das relações.*

FRÉDÉRICK LEBOYER - *o parto tratado de forma holística, para além da visão médica estrita. O parto como elemento de transformação humana, cultural e social.*

MICHEL ODENT - *mudar a vida, mudar o nascimento. A gênese do homem ecológico.*

Cosmovisão e educação, olhares indígenas

AILTON KRENAK - *pisar suavemente sobre a terra; uma pedagogia da coexistência; a não-utilidade do mundo; o olhar crítico sobre nossa postura de comermos o mundo.*

DAVI KOPENAWA - *interconectividade, grito de Gaia, cegueira do homem branco.*

DANIEL MUNDURUKU - *sonhar para educar.*

CRISTINE TAKUÁ - *escolas vivas; cultura indígena nas escolas; escola original (prazer, ócio, diálogo) versus atual (controle, obediência, tortura psicológica).*

CARLOS PAPÁ - *escolas vivas; ritualística na saúde das comunidades.*

DAIARA TUKANO - *a arte como educadora e transformadora de paradigmas.*

UBIRACI PATAXÓ - *terapia comunitária, cuidado com o ser na coletividade.*

SAMELA SATERÉ- MAWÉ - *re-narrar a história; verdade na educação.*

SHIRLEY KRENAK - *as vozes femininas dos biomas; mudar as narrativas na educação.*

JAÇANÃ PATAXÓ - *leitura do mundo; ancestralidade; contação de histórias.*

YUBÃ HUNI KUIN - *a ritualística na manutenção da integridade da comunidade.*

Permacultura

ANA MARIA PRIMAVESI – *ouvir os solos e as raízes; escutar a voz e o coração da terra.*

BILL MOLLISON – *desenho de permacultura.*

YOHAN VAN LENGEN – *bioconstrução.*

Economia circular e Moeda Social

KATE RAWORTH - *economia donut, alternativa ao crescimento a qualquer custo.*

VIVIANA ZELLIZER - *dinheiros especiais, o significado social do dinheiro.*

Projetos de conservação de primatas

CLAUDIO PADUA – *conservação do mico leão preto.*

CRISTIANA MARTINS - *conservação do mico leão preto.*

GUSTAVO CANALE – *primatologia geral; estudos com guigós ao longo da Bahia.*

MARIA OTÁVIA CREPALDI – *estudos para conservação do Callicebus melanochir e olhar de uma conservacionista que mora no local onde o presente estudo se dá.*

4.2 Ecologia Profunda.

A Ecologia Profunda é um campo onde o Jardim Ciranda pode ser confortavelmente acolhido em seus valores e práticas. O termo, cunhado por Arne Naess em 1973 e reafirmado por Joanna Macy, com a esperança ativa, traz a visão dos sistemas

complexos e da teoria de Gaia para o centro do desenvolvimento das relações, reintegrando a dimensão espiritual à composição dos saberes, outrora partidos pelo olhar cartesiano e seu lastro no desenvolvimento da ciência.

O Movimento Ecológico Profundo é apresentado por Arne Naess com dois eixos fundamentais: (a) o princípio metafísico que rechaça a imagem do homem-em-seu-entorno, dissolvendo todo conceito de coisa-em-um-meio, a favor da *imagem relacional de campo total*; e (b) *igualitarismo biosférico* - em princípio (porque qualquer prática realista necessita algo de assassinato, exploração e supressão (NAESS, 2018, p. 69, e 2017, p.11). A Ecologia Profunda traz elementos que são também essenciais ao JC, expressos em nossa matriz axiológica: além de rejeitar a imagem do homem no centro do ambiente em favor da imagem relacional do campo de vida total e do igualitarismo biosférico, prima por princípios de diversidade e de simbiose; apresenta posição anticlasse; luta contra a poluição e o esgotamento de recursos; reconhece a complexidade, recusa a complicação; defende autonomia local e descentralização (NAESS, 2017, p. 99).

Um importante conceito que tange a Ecologia Profunda é a Hipótese de Gaia, proposta por James Lovelock, afirmando que os sedimentos na superfície e na troposfera de nosso planeta são ativamente regulados pela biota (Lovelock, 1988, apud Lynn MARGULIS, 2020, p. 2). O reconhecimento de que a Terra está viva significa deslizar em direção a uma área proibida para a ciência: o animismo (personificação e crenças mágicas foram substituídas há muito tempo pela ciência “objetiva”). Gaia reduziu a distância entre o que é orgânico e inorgânico, animado e inanimado. Na teoria de Gaia, a atmosfera é parte da biosfera, algo como o sistema circulatório planetário. O solo, onde abundam os microrganismos, não é mais um substrato sem vida, mas sim um tecido vivo na superfície terrestre. A biosfera viva inclui não apenas a atmosfera e suas nuvens, mas também placas tectônicas, modulação da salinidade do oceano e uma regulação da temperatura planetária que permaneceu na mesma faixa por mais de três bilhões de anos. A regulação climática é semelhante à regulação da temperatura em animais. Esse tipo de atenção holística traz em si uma mudança de valores e oferece à nossa civilização exploratória a chance de reconhecer, mudar e até desfazer o impacto humano no meio

ambiente. Ganha forma a ideia de interser, de NaturezaNós, quando meio ambiente e o organismo não fazem uma casa, mas sim um corpo (MARGULIS, 2020, p. 09). Concordamos com Margulis (2020, p.18) quando ela afirma que devemos nos libertar do legado de Descartes, que ainda nos rodeia, e substituí-lo por uma compreensão mais profunda da consciência elementar da vida, rejeitando totalmente o antropomorfismo cartesiano, visão errônea e ingênua a partir de uma perspectiva biológica em seu sentido estritamente materialista. A educação que o Jardim Ciranda manifesta está assentada no entendimento de que estamos interconectados com todos os seres (bióticos e abióticos) neste planeta.

A conexão com Gaia, primeiro quesito no processo educacional proposto pelo Jardim Ciranda (*Reconectar*), é algo fundamental na Ecologia Profunda, e faz parte de nossa ecosofia - conceito cunhado por Arne, descrito como uma filosofia ecológica ou um sistema inspirado pelas condições de vida na ecosfera (NAESS, 2018, p. 80), e ressalta a importância de 'ir e vir da ética para a ontologia' - ciência do ser, reflexão sobre o ser (2017, p. 10). A Alfabetização Ecológica de Fritjof Capra encontra a ecologia profunda, com a defesa de uma teoria holística, que se inclina com mais frequência à física quântica e/ou à ciência ecológica. Sem desdenhar da contribuição que podem aportar a ecologia e a física quântica para uma filosofia holista, Naess não parece considerar tal aporte necessário, e mais comumente coloca atenção contra os perigos que existem em termos a ecologia como ciência última, sublinhando que seu próprio sistema se inspira nas ciências da natureza, mas não deriva delas, porque o que lhe importa entender é a indistinção entre os seres humanos e a natureza, um tipo de continuidade fundamental em tudo o que é, um plano de imanência radical que ele designa por 'campo relacional' (NAESS, 2017, p. 13). NaturezaNós, para o Jardim Ciranda.

Nesse sentido também é oportuno relacionar o pensamento de KEN WILBER e sua teoria sobre Tudo (2001), onde discute a relação de ciência e religião, de como mutuamente se negam e o quanto isso é ruim para a compreensão do Todo. Apoia-se na famosa frase de Einstein ('a ciência sem religião é manca, e a religião sem ciência é cega') e desenvolve o que chama de a versão forte, o pluralismo epistemológico - o mesmo do qual muito fala Ailton Krenak e outros pensadores indígenas da atualidade - segundo o qual a realidade

consiste em várias dimensões ou reinos (como a matéria, corpo, mente, alma e espírito), e que a ciência tem lidado mormente com os reinos inferiores da matéria e corpo, enquanto a religião tem lidado mormente com os reinos superiores da alma e espírito (WILBER, 2001, p.61). Afirma que em qualquer evento, tanto ciência quanto religião são igualmente partes de uma grande imagem, e que teremos o melhor entendimento do todo quando elas atuarem juntas. A Teoria de Tudo se encontra com a Ecologia Profunda ao abordar o que chama de Ecologia Integral: situa o corpo (biosfera), a mente (noosfera) e alma/espírito (teosfera) em seus apropriados lugares de relação no Kosmos como um todo, combinando unidade ecológica e teoria de sistemas à espiritualidade não dualista, de modo não reducionista (WILBER, 2001, p.97). Essa visão holística e integrativa é a base da ecosofia do Jardim Ciranda.

Finalmente, nossa prática ressoa com princípios do questionamento profundo, pensamento profundo e ação profunda, apregoados por Naess (2017, p. 260, e 2018, p. 70), e com os termos gerais e abstratos que fundamentam a ecologia profunda, dos quais destacamos:

- (1) Todo ser vivo tem valor intrínseco. O florescimento da vida humana e não humana na Terra tem valor intrínseco. O valor das formas de vida não-humanas independe da utilidade que podem ter para propósitos humanos estreitos.
- (2) A riqueza e a diversidade da vida possuem valor intrínseco: são valiosas em si mesmas e contribuem para o florescimento da vida humana e não humana na Terra.
- (6) A mudança significativa das condições de vida para melhor requer uma mudança nas políticas. Estas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas.
- (7) A mudança ideológica consistirá em grande parte em uma melhor qualidade de vida, e não na elevação do nível de vida. Consciência profunda na diferença entre grande e bom.
- (8) Os que aderem aos princípios anteriores têm a obrigação moral de tentar, direta ou indiretamente, colocar em ação as mudanças necessárias.

Em sintonia com a Ecologia Profunda, com a ideia de interser e com o exercício de sonharmos e cocriarmos um novo mundo através de nossos dons e talentos, Charles

Eisenstein, no livro *O Mundo Mais Bonito que Nossos Corações Sabem Ser Possível*, de 2013, manifesta a ideia da História das Pessoas, a História do Interser ou Era do Encontro, que oferece um conjunto novo de respostas para as questões da vida (p. 29 e 30). Apresento aquelas que perfeitamente cabem ao Jardim Ciranda:

- (1) O meu ser participa do seu ser e de todos os seres. Isso vai além da interdependência - a nossa própria existência é relacional.
- (2) Por isso, o que fazemos para o outro fazemos para nós mesmos.
- (3) Cada um de nós tem um dom original e necessário para dar ao mundo.
- (4) O propósito da vida é o de expressar nossos dons.
- (5) Todo ato é significativo e tem efeito sobre o cosmos.
- (6) Somos fundamentalmente não separados uns dos outros, de todos os seres e do universo.
- (7) A humanidade está destinada a juntar-se completamente à tribo de toda a vida na Terra, oferecendo os dons exclusivamente humanos para o bem-estar e o desenvolvimento do todo.

4.3 Educação em valores, alfabetização ecológica, espiritualidade

Ailton Krenak, Cristine Takuá, Davi Kopenawa, Arne Naess, Eisenstein, Vivacqua, Capra, Krishnamurti, Ken Wilber, Vandana Shiva, Joanna Macy, Donella Meadows, Antônio Carlos Gomes da Costa, Bernardo Toro, entre muitos outros nomes podem servir como base para a estruturação de uma pedagogia para a sustentabilidade, em sintonia (ainda que de tempos distintos) com as teorias amplamente difundidas do físico austríaco Fritjof Capra, com o conceito de "alfabetização ecológica", que se baseia no entendimento de como os ecossistemas sustentam a rede da vida, de modo que possamos, assim, conceber comunidades humanas sustentáveis, e vai além da educação ambiental como disciplina escolar, muito além do que se entende por escola.

Em palestra realizada em São Paulo, 2003, sobre seu livro *As Conexões Ocultas: Ciência Para uma vida Sustentável*, Capra afirma que a sobrevivência humana dependerá, nas décadas seguintes, da habilidade para entender os princípios básicos da ecologia (interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade, diversidade) e de viver de

acordo com sua observação, o que significa que a ecoalfabetização deve se tornar uma qualificação indispensável para políticos, líderes empresariais e profissionais em todas as esferas, e deverá ser a parte mais importante da escolaridade, em todos os níveis – desde a escola primária até a escola secundária, faculdades e universidades, na educação contínua e no treinamento de profissionais (CAPRA, 2003).

Em seu livro *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável* (2006), Capra apresenta a ideia de que a compreensão sistêmica da vida se baseia no entendimento de três fenômenos: a teia da vida, os ciclos da natureza e o fluxo de energia, sendo esses mesmos três fatores que as crianças vivenciam, exploram e entendem por meio de experiências diretas com o mundo natural, e que é através dessas experiências que nós também tomamos consciência de que fazemos parte da teia da vida, e, com o passar do tempo, a experiência da ecologia na natureza nos proporciona um senso do lugar a que pertencemos.

As teorias da complexidade e do holismo, desenvolvidas por Edgar Morin e Frijof Capra, encontram lugar na chamada educação ambiental, que integra a educação regenerativa. Discutem sobre o conhecimento fragmentado do mundo, mostrando a importância de se considerar o planetário na educação. Para Morin, se vivemos em um mundo complexo e interligado, onde a ciência não é neutra nem pronta, a escola não deveria insistir em transmitir certezas e conhecimentos prontos. Em seu livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, que serviu como referência para a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, aborda temas como o conhecimento, a visão de todo e contextualização, a identidade humana, os valores e a ética (MORIN, 2000). Na mesma ideia, Capra (1996), empresta do termo “ecologia” conceitos para se conhecer o mundo, valorizando mais o todo que as partes, sem, contudo, rejeitar a contribuição de cada parte.

No campo do que se pode chamar espiritualidade (enquanto a busca humana por sentido e propósito para a vida, por meio de conceitos que transcendem o tangível), as referências no Budismo e na filosofia Yogue são válidas para nós, visto que sua doutrina central é a interdependência radical de todas as coisas.

4.4 A pedagogia freireana

Autonomia, indignação, diálogo, olhar social, sonhos possíveis, rigor ético e construção da coerência no educar, o amor como elemento crucial na educação. A pedagogia freireana traz inúmeros elementos estruturantes de um modo de pensar e fazer que provoca, uma vez compreendido e apreendido, o necessário movimento por mudanças no conhecido modo de fazer educação, diretamente relacionado ao sistema socioeconômico vigente no Brasil e em todo o mundo euro-colonizado, onde impera o sistema patriarcal, opressor, colonizador, reducionista e abolicionista de saberes e culturas, inimigo da diversidade humana e da liberdade do ser.

Entre os principais elementos da pedagogia freireana que nos dá suporte, está o amor! A pedagogia freireana traz o amor para o cerne da educação, encorajando-nos a adotar uma educação libertária, baseada no diálogo e no respeito mútuo, na valorização das potencialidades de cada estudante, promovendo sua autonomia e o estímulo a serem protagonistas de seu próprio aprendizado, desenvolvendo o pensamento crítico e tomando decisões informadas (FREIRE, 1996). Esse é o caminho proposto por Freire para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, somado ao argumento de que a educação não pode ser isolada, mas deve ser integrada ao contexto social em que os alunos estão inseridos, valorizando a parceria com as famílias, os membros da comunidade e as instituições locais (FREIRE, 2022a).

Outro elemento importante freireano é o cultivo do pensamento certo, que baseia o fazer certo (FREIRE, 1996, p. 34), com a valorização da experiência prática e seu sincrônico laborar pelo conhecimento teórico científico, continuamente revendo, avaliando, questionando, aprimorando o fazer, equilibrando a pedagogia intuitiva, a espontaneidade e a rigorosidade metódica, tendo o momento fundamental na formação permanente de professores e da reflexão crítica sobre a prática (FREIRE, 1996, p. 39 e p. 49). Ao apresentar o educador radical como aquele que se manifesta na sua prática, através de sua coerência entre o que diz e o que faz; no testemunho que dá de respeito às diferenças, de não estar absolutamente certo de suas certezas, com o que se abre a outras verdades e à possibilidade de melhorar, e que ensina a radicalidade pela crítica de si mesmo (FREIRE, 2001, p. 205), Freire nos sinaliza a importância da contínua

auto-observação, uma certa humildade e busca pelo auto-aprimoramento, que partem do autoconhecimento, adotado como princípio-base no Jardim Ciranda. Valorizando a criatividade como conhecimento (FREIRE, 1996, p.55) e a estética, apreço à boniteza, na contínua formação docente (mesmo livro, p.45), Freire apresenta chão para que a leveza seja parte essencial do processo educacional, afirmando também que ensinar exige alegria e esperança (FREIRE, 1996, p.72). Aquilo que o renomado professor chamou de educação bancária ou bancarismo, onde alunos são tratados como objeto onde se deposita um sem número de conteúdos (FREIRE, 1996, p. 25), é algo que o recusamos veementemente no Jardim Ciranda, buscando alternativas para não reproduzir esse modelo falido e ineficiente de fazer educação. O olhar freireano esperançoso e revolucionário nos toca quando defende que, ao repensar nos dados concretos da realidade sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver (FREIRE, 2022, p. 137), e que mudar é difícil, mas é possível (FREIRE, 2001, p. 161). Sobre esperar (conceito que se mistura ao da Esperança Ativa de Joanna Macy, da Ecologia Profunda) e sonhar, o caro mestre nos diz que é impossível existir sem sonhos, e que uma maneira de manter vivos nossos sonhos é despertar a consciência política dos educadores (FREIRE, 2001, p. 35). Neste ponto, o pensamento freireano vem de encontro à fala de inúmeros representantes indígenas brasileiros e do neurocientista Sidarta Ribeiro, que lançam suas vozes para nos apontar a importância de atentarmos aos sonhos e grafarmos as diversas visões de mundo existentes considerando esse recurso, não apenas no campo onírico durante o sono, mas na arte de criar utopias, que apontam e abrem caminhos.

4.5 A metodologia/ filosofia Dragon Dreaming (DD)

Flávia VIVACQUA, em seu livro *A Pérola do Dragão* (2021), apresenta-nos o DD como uma tecnologia social, método e filosofia para o design e gestão de projetos colaborativos que apresenta uma matriz quádrupla, integradora e universalista, iniciando-se com quatro grandes áreas: Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar. Seus princípios norteadores são o *desenvolvimento pessoal, fortalecer comunidades e servir*

ao planeta, visando ao empoderamento das pessoas para que digam a sua própria palavra e construam sua história, o que condiz com a pedagogia freireana e ressoa com aquilo que chamamos no JC de currículo individual, currículo comunitário e currículo planetário na aprendizagem, aderindo aos termos usados pelo professor José Pacheco. Partindo da valorização do autoconhecimento e do crescimento pessoal, o método DD coloca como base o compromisso individual com a cura e o empoderamento pessoal para a ampliação de possibilidades e a libertação de crenças limitantes, enaltecendo o autodesenvolvimento e aperfeiçoamento constantes, para que cada ser ocupe seu lugar no mundo e possa ofertar seus dons e talentos. O trabalho para a autoconfiança é central nessa metodologia, assim como o tratamos no JC. Sobre valorizar o indivíduo, fomentar a autoconfiança e a livre expressão, também Suzana PADUA aponta o desejável na educação, considerando que, quando o que emerge vem da experiência, de valores e conhecimentos, então nasce a expressão, e ao olharmos para o educador nessa relação, podemos considerar que o verdadeiro educador - e a boa educação - são aqueles que estimulam a melhor expressão de cada um, num processo de reconhecimento de talentos individuais que beneficiem a coletividade (Padua, 2000; 2001; Padua e Sá, 2002, apud PADUA 2023a).

Em *Dragon Dreaming* e no *Jardim Ciranda*, para o fortalecimento de comunidades, considera-se o senso de pertencimento e o fortalecimento de valores em prol do bem comum e do bem viver coletivo, e nesse quesito traz a habilidade da escuta como algo fundamental, essencial à comunicação (VIVACQUA, 2021, p. 36). O paradigma da comunicação, assim como o da aprendizagem, são aqueles nos quais temos trabalhado para manifestar, no *Jardim Ciranda*. Sobre o servir ao planeta, o DD parte do entendimento de que somos natureza, como fundamento inquebrantável: NaturezaNós, dizemos, trazendo a ética restaurativa e conciliatória, descolonizadora, não-violenta e ganha-ganha, baseando-se na matriz quádrupla de inteligências - emocional, intelectual, físico-motora e expressiva -, considerando o eixo de sustentação sistêmica de interno-espiritual a externo-social (VIVAQCUA, 2021, p.55).

O método DD estrutura-se na Ecologia Profunda, na pedagogia de Paulo Freire; nas culturas dos povos originários, particularmente os aborígenes australianos (incluindo sua

relação com os sonhos e a importância do sonhar); na teoria de Gaia e de sistemas vivos. Como Paulo Freire, valoriza o saber primeiro das comunidades, o saber de experiência feito, tão elaborado quanto o saber científico. Como Freire, articula teoria e prática (Moacir Gadotti, em prefácio de VIVACQUA, 2021, p. 12). O método Dragon Dreaming, assim como Freire e Gandhi, entende o diálogo (comunicação) como a essência da educação, partindo do princípio de que, se queremos saber alguma coisa, precisamos primeiro perguntar, porque conhecimento se constrói juntos. Para o DD, não há sentido em que eu 'aprenda' respostas para perguntas que não fiz, e é perguntando que podemos construir sentido para nossas próprias vidas. (Moacir Gadotti, em prefácio de VIVACQUA, 2021, p. 13). Tido como importante fonte para a Educação Regenerativa, o método DD tem na realização de projetos uma prática estruturante (VIVACQUA, 2021, p.17).

4.6 A Educação Interdimensional

Importante referência é Antônio Carlos Gomes da Costa, ao falar em ética biofílica, tratando da reciprocidade entre os seres vivos e trazendo a educação centrada no amplo e profundo valor que representa a vida (REVISTA SEMINÁRIO EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL - RSEI, 2022, p.71). Define educação interdimensional como um esforço teórico-prático de coordenar e integrar as quatro dimensões do humano: Logos (racionalidade), Pathos (afetividade / sensibilidade), Eros (corporeidade) e Mythos (espiritualidade), advindos da Paideia grega (gestar um ser humano que se realiza em todas as suas potencialidades, corporais, intelectuais, artísticas e espirituais) e incorporando-as aos currículos das comunidades de aprendizagem, inseridas entre as oportunidades oferecidas aos seus educandos. Tal proposta se ergue de uma cosmovisão que considera a vida como o mais amplo, profundo e universal dos valores a serem cultivados e praticados por meio de uma Ética Biofílica que se materializa no autocuidado, no altercuidado, no ecocuidado e no transcuidado. Um caminho capaz de conduzir-nos a uma Educação para a Sustentabilidade que se faz urgente, para que sejamos capazes de reverter a atual situação e evitemos nossa extinção (RSEI, 2022, p.11).

Tida como novo gênero no campo pedagógico, a Educação Interdimensional resulta da fusão do ideal antropológico da educação brasileira, contido no conceito de educação do Artigo Segundo da LDB (Lei 9394/96), conhecida como Lei Darcy Ribeiro (primeiro formada por Anísio de Teixeira) e dos conceitos de educação apresentados por especialistas em educação de diferentes países, no Relatório da Comissão Internacional para a Educação do século XXI - Jacques Delors/ UNESCO, em 1996. Os fins da educação estão claramente postos em 'Educação, Um Tesouro a Descobrir' (no relatório supra citado): *'A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo nas diferentes circunstâncias da vida'*. É o oposto da educação que temos, hoje, segundo Antônio Carlos, a qual hipervaloriza a dimensão do logos (razão, ciência e técnica) e relega ao segundo plano outras dimensões do humano, como a afetividade (Pathos), a corporeidade (Eros) e a espiritualidade (Mytho). O novo ideal antropológico implica: (1) a formação de um ser humano como pessoa: mais autônomo, sensível, criativo e aberto à dimensão transcendente da sua existência; (2) como cidadão: mais solidário, mais participativo, mais aberto às diversidades e mais inventivo no que diz respeito ao exercício da imaginação política criadora e mais aberto aos ideais da paz, da justiça e da solidariedade dos seres humanos entre si e destes com o Planeta Terra; (3) como profissional: mais polivalente, mais flexível, mais cooperativo e mais inovador (RSEI, 2022, p.17).

O ideal sociológico/ visão de mundo que sustenta os conceitos, métodos e técnicas da ação educativa interdimensional, segundo Antônio Carlos, é o de que o processo civilizatório deverá passar por uma intensa e extensa mudança de paradigmas ao longo do Século XXI. Entende que o Brasil possa vir a se tornar um país economicamente próspero, socialmente justo, politicamente democrático, culturalmente diverso e ambientalmente sustentável, se aproveitar as novas oportunidades abertas pelos novos tempos (RSEI, 2022, p.19).

Atravessando os muros das salas de aula e das chamadas escolas, a Educação Interdimensional vê a relação entre horizonte temporal da ação educativa e os ambientes de aprendizagem como uma teoria do campo unificado, demolindo as muralhas que separam as educações escolar, social, corporativa e midiática sem, entretanto, ignorar a especificidade de cada uma dessas grandes vertentes do trabalho educativo. A partir do conceito de Paideia, é possível desenvolver produtos educacionais para os mais variados tempos (infância, adolescência, idade adulta e maturidade) e lugares da educação (família, escola, comunidades, mundo do trabalho e mídia). Somada ao entendimento, apresentado por Antônio Carlos, de que a educação, em todos os tempos e lugares foi, é, e sempre será, a comunicação inter e intrageracional do humano (RSEI, 2022, p. 20), essa ideia faz absoluto suporte à metodologia desenvolvida pelo Jardim Ciranda, a Mandala da Visão Ampliada para a educação, mais detalhadamente descrita no item 6.3 deste texto.

No mesmo artigo, o professor toca no paradigma da comunicação na educação, ao enfatizar que a educação se dá pelo exercício deliberado de uma influência construtiva de um ser humano sobre um ou mais seres humanos, o que acontece por meio de uma ação comunicativa. Sob esse prisma, a educação é uma espécie do gênero comunicação, e, portanto, para Antônio Carlos Gomes da Costa, 'toda educação é comunicação, mas nem toda comunicação educa, e apenas poderá ser considerada educação aquela comunicação que, de forma deliberada (intencional), exerce uma influência construtiva do educador sobre o educando'.

A Educação Interdimensional também é referência para a metodologia do JC, ao sistematizar o eixo metodológico a ser incorporado pelos educadores nos níveis cognitivo, afetivo e atitudinal (pensar, sentir, fazer, respectivamente), baseado nos 4 pilares de aprendizagem da UNESCO (Ser, Conviver, Fazer e Conhecer) desdobrados em 4 megacompetências (competências pessoais, relacionais, produtivas e cognitivas) que são, também, desdobradas em habilidades. Define competência como o domínio de habilidades que permitem o atingimento de um determinado fim na vida pessoal, na vida social, na vida produtiva e na vida cognitiva, e dá bastante ênfase às competências pessoais, por considerá-las indispensáveis para que sejam alcançados relacionamentos construtivos ao longo da vida, a partir do bem relacionar-se consigo mesmo. Para o

Jardim Ciranda, o autoconhecimento e o autocuidado são elementos básicos e indispensáveis para o pleno e sadio desenvolvimento humano. Antônio Carlos enumera as competências pessoais da Educação Interdimensional: autoaceitação (reconhecimento de seus pontos fortes e fracos, potencialidades e limites); autoestima (apreço por si mesmo); autoconceito (ideia clara sobre si mesmo); autoconfiança (capacidade de reconhecer suas próprias forças e apoiar-se sobre elas); autovisualização (capacidade de prefigurar o que pretende que aconteça com sua vida); autoprojeção (capacidade de traçar um caminho viável – projeto de vida); autodeterminação (traçar seu próprio caminho na vida); autonomia (possuir critérios próprios para analisar situações e tomar decisões diante delas); autotelia (capacidade de buscar por si mesmo as fontes de sentido da sua existência); auto-resistência (capacidade de não se deixar destruir pelas adversidades e usá-las para crescer); auto realização (capacidade de sentir que está no caminho certo); autotranscendência (capacidade de superar-se a si mesmo) (RSEI, 2022, p. 22).

No tangente à importância do cuidado, o Jardim Ciranda encontra confortável referência em Bernardo Toro, em Leonardo Boff (‘falar em vida é falar em cuidar’) e na Educação Interdimensional, na medida em que esta apresenta as competências relacionais como 4 diferentes campos de cuidado, que também se encaixam nas diferentes dimensões curriculares que habitualmente usamos e que traduzem a ética do zêlo: a habilidade de relacionar-se consigo mesmo (autocuidado); a habilidade de relacionar-se com os outros (altercuidado, cuidar do outro); a habilidade de cuidar do ambiente natural e social em que se vive (ecocuidado); a habilidade de cuidar das fontes provedoras de significado e de sentido para a sua existência nos campos da espiritualidade e/ ou da filosofia de vida (transcuidado, cuidado com a dimensão transcendente da vida) (RSEI, 2022, p.23).

Além das competências pessoais, a Educação Interdimensional abrange competências produtivas (relacionadas ao mundo do trabalho, ‘trabalhar é praticar habilidades’); cognitivas (vias de acesso ao conhecimento: a habilidade de aprender o aprender; a habilidade de ensinar o ensinar ; a habilidade de conhecer o conhecer) e espirituais (não vinculadas à religião: aprender a transcender) (RSEI, 2022, p.24).

Finalmente, a Educação Interdimensional firma a importância da solidariedade intergeracional, que ressoa com a ética de pensarmos nas próximas gerações e se alinha

com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos pela Organização das Nações Unidas em 2015. Para o Jardim Ciranda, é urgente e imprescindível revermos agora nossas ações e fazermos todo o possível para minimizar os desafios que as próximas gerações enfrentarão. Entendemos que não há nada a ser deixado para depois ou para as próximas gerações, como tanto fizeram as gerações anteriores às nossas, e que a solidariedade intergeracional passa por assumirmos agora, imediatamente, a responsabilidade que nos cabe.

4.7 As pedagogias Waldorf, montessoriana, viva e livre.

WALDORF (da Antroposofia de Rudolf Steiner) - LANZ (1983 e 2016) apresenta as bases da pedagogia Waldorf, onde encontramos pontos que nos inspiram: o olhar amoroso para a natureza; a importância conferida à arte, priorizando materiais naturais, exemplos do ser verdadeiro; o cuidado com o aspecto da relação com a espiritualidade (embora de modo dogmático, o que não legitimamos); o capricho com os ambientes, para que fiquem aconchegantes, seguros, harmoniosos e acolhedores, conferindo segurança aos seres; a escolha por métodos vivenciais para a formação das crianças; o método de avaliação qualitativa e positiva; o reconhecimento dos ritmos e ciclos da vida (dentro e fora, expansão e recolhimento); o evitar livros didáticos nas aulas; o olhar para as fases do desenvolvimento humano e a abordagem pelos setênios - focando nos dois primeiros, no caso da Ciranda Curumim e da Adoletá, com 'o mundo é bom' e 'o mundo é belo', em preparação para 'o mundo é verdadeiro'. O lugar da arte na educação: as artes, os trabalhos manuais e artesanias ocupam, na Pedagogia Waldorf, um lugar de destaque, para propiciar aos jovens o contato com vários materiais e inúmeras atividades básicas da humanidade (fiar, tecer, forjar, modelar, esculpir, pintar etc). O jovem que passou por essas experiências têm respeito pelo trabalho manual. Tais atividades exigem perseverança e capricho: atuam, portanto, de forma decisiva sobre a vontade e o senso estético (LANZ, 1983, p. 96).

MONTESSORIANA (de Montessori) - primeira mulher a se formar em medicina na Itália, sua força de autonomia deixou sementes para uma mudança de paradigma na educação, então completamente centrada no professor e no modelo instrucionista, trazendo o olhar

para a figura do chamado aluno. Sua teoria se baseia em atividade, individualidade e liberdade para o aluno na primeira infância, por uma educação libertadora. Para haver liberdade, ambientes relaxados são necessários, e por essa razão sua adequação para que sejam seguros e propiciem o desenvolvimento da autonomia é importante. Montessori também sinalizou a importância de o professor jamais ser obstáculo entre a criança e a experiência, orientando-a e ajudando-a, sem que sua presença seja muito marcante e sem servi-la, para não lhe impedir o desenvolvimento da independência, permitindo que a criança seja ela mesma, manifeste seus dons, talentos, dificuldades e crises. Afirmou que a educação para a paz depende de uma educação que pregue a cooperação e a solidariedade, em detrimento da competição (MONTESSORI, 1992).

PEDAGOGIA VIVA (Talita Moser e Eurico Vianna) - inspira-nos no aspecto da organicidade; na contínua transformação e ajuste diante das necessidades de cada indivíduo e de cada grupo; no reconhecimento das limitações de andarmos sem trilhos pré-formados; na consciência da necessidade da atenção plena para enxergarmos o que é preciso fazer, a cada momento. Centrada no desenvolvimento espontâneo dos alunos e em facilitadores conscientes, conectados com o processo e presentes no momento. Conhecer a si, para compreender o universo da criança e a construção da autonomia (BURIGO & MOSER, 2016).

PEDAGOGIA LIVRE (Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Liev Tolstói, Paul Robin, Sébastien Faure, Francisco Ferrer y Guardia, Fernand Pelloutier) - reúne as ideias da educação integral, os princípios da autogestão e da educação racional. Em todas as concepções, o que predomina é a liberdade para aprender sem que haja controle do professor. *Na educação libertária prevalece a liberdade, o respeito à individualidade, a solidariedade e a cooperação, não havendo, portanto, qualquer tipo de competitividade ou meritocracia* (GUIMARÃES, L. A. P., 2020, apud PEDAGOGIA LIVRE, 2023).

4.8 Reconectar, Reintegrar, Regenerar

Em 2020, o recolhimento provocado pela pandemia possibilitou que revisitássemos nossas práticas, estudando mais e trazendo clareza e subsídio teórico para processos

pedagógicos que havíamos intuitivamente criado, dentro de nossa autonomia, ousadia e com a cristalina ética do compromisso com a educação em nossa pequena comunidade. Foi nesse momento, olhando para a Visão Ampliada do Jardim Ciranda, para todas as cirandas que já havíamos realizado e as integradas em nosso planejamento, que se evidenciou esse tripé de nosso trabalho: Reconexão, Reintegração, Regeneração.

Numa situação de emergência planetária, não basta que as crianças aprendam os princípios da democracia, da cidadania, do respeito aos direitos e às diferenças entre nós, seres humanos. Também é nosso papel ensiná-las a cuidar da Terra. Mas como ensinar a cuidar numa sociedade que submete os indivíduos, os povos e a natureza aos interesses do mercado, mobilizando as energias sociais para a produção e a acumulação? Na origem da crise moral e espiritual de nossos dias, está uma falsa premissa de separação radical entre seres humanos e natureza e a ilusão antropocêntrica de que todos os seres e entes não humanos nos pertencem porque somos uma espécie superior. Nas escolas, seguimos transmitindo às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de onde os humanos podem extrair indefinidamente; e da natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias. Opondo o plano cultural ao plano natural e privilegiando o primeiro, as escolas silenciam a dimensão ambiental da existência humana (TIRIBA, 2010, p.02).

Sustentada pela holística visão da Alfabetização Ecológica e Ecologia Profunda, e sobretudo por cosmovisões de povos indígenas brasileiros, peruanos, norte-americanos, aborígenes e alguns africanos, no que concerne ao nítido entendimento da absoluta interdependência e não-separação entre seres humanos e o planeta, que James Lovelock apontou como teoria de Gaia, conceituamos essa estrutura tríplice como fundamento de nossos princípios, no modo de colocarmos nossos valores em prática.

Reconectar com Gaia, ou *'gaiar-se'*, no olhar poético de Arne Naess. Criar oportunidades para que o ser tenha facilitada a possibilidade de se sentir profundamente tocado pela força de Gaia, sua beleza, seu amplo poder de transformação, sua generosidade, sua existência. É o despertar - ou nutrir - dessa relação íntima com Gaia, reconhecendo-se parte dela, como uma célula que é parte de um corpo vivo. É um campo mais emocional e profundo para o indivíduo.

Reintegrar: o ser em si mesmo, e como parte de Gaia. Revendo ou estruturando crenças, redesenhando ou criando hábitos, integrando em seu mundo interno o entendimento da

conexão com Gaia, buscando novas formas de descobrir o mundo, autônomas e criativas. É um campo mais mental, de organização pessoal.

Regenerar as ações. Colocar em prática aquilo que foi estruturado como hábitos coerentes com os valores em conexão com Gaia, com a sustentabilidade e com a regeneração da humanidade no planeta. É um campo de ação, de interação do ser com os demais seres, com o mundo. Atitudinal.

A doutora em educação Lea TIRIBA, em seu artigo Crianças e Natureza (2010), apresenta três objetivos para um projeto pedagógico comprometido com a preservação da vida, parecido com o tripé de princípios do Jardim Ciranda: religar as crianças à natureza, repensando e transformando uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados; reinventar os caminhos de conhecer, conquistando os espaços que estão para além da sala de aula, como plantações, praias, pontos históricos e outros locais no entorno do bairro; e dizer não ao consumismo e ao desperdício, incitando uma reflexão permanente sobre o que é supérfluo e o que é realmente necessário, e também estimulando oficinas de produção e/ou conserto de brinquedos, feiras de troca de objetos, entre outros. TIRIBA afirma que tais experiências não podem ser eventuais, mas devem estar no coração do projeto pedagógico, constituindo-se como rotina. É o que buscamos fazer no Jardim Ciranda, a voz freireana ecoando: *pensar certo é fazer certo*.

Uma fala extremamente atual, do yogue e escritor indiano Sadhguru, a respeito do possível impacto da Inteligência Artificial (IA) sobre a humanidade e os rumos da educação, corrobora com a educação regenerativa/ integral/ interdimensional. Em 28 de setembro de 2018, em diálogo no National Institute of Design Ahmedabad, apresentou que a IA não afetará negativamente quem estiver preparado, e esse preparo significa saber fazer algo que 'alguma maldita máquina não possa fazer'. Segundo ele, devemos ser capazes de fazer algo para além de intelecto. Sadhguru afirma que, pelo olhar da antiga ciência yóguica, a inteligência tem 16 partes, das quais o intelecto é apenas uma pequena parte, e é justamente a seu desenvolvimento que neste momento o sistema educacional está completamente dedicado. Somente ao explorarmos outras dimensões da inteligência, somos relevantes quando tudo é intelectual. Afirma que a partir de agora, qualquer que seja a assimilação de dados, a análise e a execução dos dados, uma máquina fará melhor que nós, porque é fria e cirúrgica e não comete os nossos erros. Se

tudo o que podemos fazer intelectualmente não terá sentido dentro de 10 a 15 anos, devemos estar equipados com algo além de intelecto para não sermos drasticamente afastados pelo avanço da Inteligência Artificial, e se todo o trabalho braçal for feito por máquinas, pode ser um mundo maravilhoso (SADHGURU, 2023). A educação precisa nos preparar para isso, sobretudo as gerações que estão nascendo até as que hoje são jovens e logo ocuparão o mercado de trabalho, mas também os atuais adultos na meia-idade, para que não caiam no desemprego. Reconectar - Reintegrar - Regenerar.

4.9 Tripla dimensão curricular: uma base da metodologia do Jardim Ciranda

O foco nos processos de aprendizagem ressalta a importância do desenvolvimento dos conteúdos necessários à formação educacional das crianças e jovens em idade escolar. Por isso, a concepção de currículo no JC está dividida em três dimensões básicas, que José PACHECO (2019) chama de Currículos da Subjetividade, da Comunidade e da Consciência Planetária, enquanto Flávia Vivacqua, com a concepção da Ecologia Profunda e do Dragon Dreaming, fala na educação que desenvolve o ser humano por ele mesmo, nos processos coletivos e coaprendizagem, e na perspectiva ecossistêmica e mais integral (VIVACQUA, 12 nov. 2021), e Lea TIRIBA (2010) fala como ecologia pessoal, ecologia social e ecologia ambiental. Joanna MACY (2012) fala sobre o desenvolvimento da identidade, sequencialmente, a partir da individual, para a família/grupo; a de comunidade; a de sociedade humana; a da teia da vida. Certamente há outras definições parecidas. Temos usado a terminologia de José Pacheco no Jardim Ciranda:

CURRÍCULO DA SUBJETIVIDADE ou subjetivo ou pessoal.

Envolve o interesse pessoal de aprendizagem de cada educando, sua curiosidade, perfil e especificidade. A partir de sonhos, desejos, necessidades de cada ser. É o primeiro a ser trabalhado, pois estimula o interesse, a mobilização e participação dos estudantes em seu processo de aprendizagem e a produção de conhecimento e currículo (e não o consumo acéfalo de currículo, como diz José Pacheco, 2019). Reconectar começa aqui.

CURRÍCULO DA COMUNIDADE ou comunitário ou social.

Trata dos conhecimentos e competências que são importantes para a comunidade onde a Turma Piloto se encontra, com atenção aos aspectos socioambientais desse território. Reintegrar culmina aqui.

CURRÍCULO DA CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA ou planetário ou ambiental.

Aborda conhecimentos e competências que são importantes para o todo. São os temas de destaque internacional na atualidade, envolvendo questões ambientais, sociais, políticas, de saúde pública etc. Regenerar culmina aqui.

4.10 Consciência indígena e a vida em comunidade

Por que falar disto aqui? Primeiro, por reconhecermos a urgência de revermos narrativas e epistemologias a partir das quais nos relacionamos com o mundo. Os povos originários (indígenas, africanos, aborígenes) despontam como importantes porta-vozes de um futuro que mora na ancestralidade, que começa a ser descrito como futuro ecológico (sic) ancestral, por Lua Couto (2023), e Ailton Krenak já cantava como futuro ancestral (2022). Trago este universo para cá, entendendo que é ele a fonte primeva de onde temos algumas respostas e a partir da qual podemos fazer as perguntas certas, que nos levem a redesenhar a rota, sobretudo no entendimento de processos educativos.

Ao olharmos para a estrutura de comunidades originárias que se mantêm íntegras e viventes, levando adiante sua cultura, sustentando a união com a força de seus ritos e rezos, de sua dança e seu canto, de seu modo profundamente reverente e íntegro de se relacionarem com toda a vida ao seu redor, sem que haja aquilo que o homem branco criou como 'escola', um tempo-espço separado da rotina e dos afazeres comuns, então percebemos que ali, nessas comunidades, há algo que talvez devamos aprender.

Um provérbio africano diz que é preciso toda uma aldeia para se criar uma criança. Isto nos parece bastante verdadeiro e até óbvio, considerando que somos interseres, como já foi dito. Nós falamos do lugar de quem vive fora das aldeias, fora de uma comunidade onde haja alguma uniformidade do sentir e pensar o mundo, onde a cultura seja um fator aglutinante e não dispersivo, onde as práticas culturais e espirituais promovam união e pertencimento ao grupo e à Terra, e onde a diversidade se apresente de forma a ser

trabalhada e absorvida com equilíbrio. Ao falarmos de fora da aldeia, e entendendo que a aldeia é necessária para criarmos nossas crianças, para nos desenvolvermos, para termos amparo, rede de apoio, saúde; para envelhecermos com segurança e respeito de nossos familiares (lembrando que os indígenas sul americanos se tratam, todos, de todas as etnias, por 'parentes'); para desenvolvermos nossos projetos pensando no bem comum, na coletividade, no refazimento de uma cultura de comunidade, então precisamos humildemente olhar para a consciência indígena e quilombola, humildemente ouvir, e buscar os caminhos trilhados por eles.

Claramente, para mim, o Jardim Ciranda é uma busca e uma tentativa de imprimir um caminho de aldeia fora da aldeia, de comunidade não contida em um território de modo exclusivo, mas convivendo com outras realidades, outras comunidades no mesmo território. E é esse território que nós queremos que se torne um território-educador, dentro da diversidade de visões de mundo que moram na região de Arraial d'Ajuda.

4.11 Alimentação consciente na educação: coerência com valores.



Figura 3 - Cartaz sobre alimentação consciente, usado em eventos do JC.

Veganismo. Este é um ponto sensível nas conversas, que encontra resistência de muitas pessoas. Não deveria ser preciso um monte de argumentos para justificar a escolha por ofertar o exemplo de uma alternativa mais pacífica, compassiva e coerente com a sustentabilidade e a regeneração. De fato, é simples. Temos aceitado coisas demais. O

horrendo está normalizado. Não nos sensibilizamos com guerras, com refugiados, com lixo aumentando, com as florestas caindo e queimando, com crianças desnutridas morrendo diariamente. Normalizamos o horror, e talvez por isso tantos de nós não enxerguem o horror da indústria da carne e do leite, e a imoralidade e ausência de ética no modo como temos tratado os animais para consumo humano, para diversão humana, para uso humano.

Não deveriam ser necessários numerosos argumentos sobre desajustes ambientais - mas eles existem - e nem deveria ser preciso tratarmos os animais como números, para tentar tocar alguma parte tocável (a razão) dos humanos cuja sensibilidade está adormecida para a dor animal. Mas, se a resposta 'por amor' não basta - amor aos animais, amor às florestas, amor ao planeta, amor pela paz, amor pelo respeito ao valor intrínseco de todos os seres, amor por um mundo gentil -, então podemos falar um pouco de outros aspectos que envolvem a escolha pelo veganismo como parte do cultivo de uma alimentação consciente, amorosa, saudável e respeitosa com os demais seres com quem coexistimos.

Podemos fazer algo se compreendermos que a Terra é um organismo vivo e habitável. Não é possível explorar todo o solo para alimentar pessoas. Uma parte importante da superfície da Terra é necessária para protegermos o meio ambiente e mantermos o ar em condições para que possamos respirar. A destruição da Floresta Amazônica afeta o clima e o bem-estar do mundo inteiro. Pensamos apenas na humanidade. À medida que vamos nos dando conta de que a Terra é um organismo vivo, percebemos que não podemos descartar os outros mamíferos! Nós vivemos em um século no qual os direitos humanos têm sido o foco. Defendemos que a humanidade seja beneficiada pela maioria das coisas. Eu digo que não. Esta abordagem está equivocada. Deveríamos em primeiro lugar nos preocupar com a Terra, porque somos parte dela, dependemos completamente dela. Se não fizermos isso, toda a humanidade sofrerá. Será necessário nos impregnarmos de um novo espírito. Nos tempos de guerra, as tribos se unem e fazem grandes sacrifícios. Chegam até a oferecer suas vidas. Se as pessoas pensarem na Terra como sua casa, o que ela é, e no fato de que ela está em perigo, talvez elas se comportem com o mesmo bom senso (LOVELOCK, 2007, em CADERNO SELVAGEM 10, 2020, p. 06).

O Jardim Ciranda semeia e cultiva sustentabilidade, regeneração, empatia, alegria, solidariedade, saúde, autonomia, diversidade. Respeito. E também tem a coerência como um valor implícito, forte. Coerência é algo necessário para que o que fazemos tenha valor, de fato, e penetração na mudança de hábitos individuais e coletivos. É a busca por coerência que nos leva a não favorecer ou reproduzir uma alimentação que inclua o uso

de animais e produtos oriundos de animais, que provocam não somente danos ambientais, mas carregam crueldade e provocam sofrimento extremo aos animais - sabidamente sencientes. A mesma busca nos leva a recusar o uso de alimentos ultraprocessados e repletos de venenos - que também subjagam populações humanas à mercê da agroindústria que só quer lucro, às custas de quaisquer vidas-, e de materiais descartáveis de plástico ou isopor, resíduos que se avolumam como lixo, no mundo.

É natural que evitemos pensar sobre algo que nos tira da zona de conforto prático e cognitivo na qual nos acostumamos a consumir às cegas, sem indagar a origem da matéria consumida, sem perguntar se a produção dessa mercadoria causa, ou não, sofrimento a qualquer ser senciente, destrói, ou não, o ambiente vivo do nosso planeta, corrói, ou não, a saúde de muitos humanos. Mas, enquanto não recobramos a visão nesses pontos cegos da nossa moralidade, centenas de milhões de vacas e seus vitelos continuarão atados aos elos dessa corrente que fere sua breve e torturada passagem pela vida (FELIPE, 2012, p 118).

Desde o primeiro (im)pulso para iniciar uma escola em Arraial, uma coisa foi importante para mim: que fosse uma escola vegana, cultivando sustentabilidade socioambiental, saúde sistêmica global e, coerentemente, com respeito à vida de todos os seres, semeadora de paz. E esta certamente tem sido a mais difícil tarefa de sustentar e para a qual conquistar apoiadores. Curiosamente, as pessoas tendem a se abrir mais facilmente a abolir o uso da crueldade (e ineficiência) das provas como forma de avaliação do que a abolir a exploração animal e seus requintes de crueldade extrema e más consequências ambientais.

Padua (2022, p.67), afirma que a educação precisa também levar em conta a responsabilidade das escolhas de cada indivíduo, valorizando a cooperação em tudo o que leve a resultados que representem melhorias para todos, e se isso acontecer, seremos cidadãos planetários e não mais restritos a um território apenas. A escolha de conduzir uma educação vegana abolicionista exige reflexão crítica sobre a prática e, não menos, sobre a teoria que a sustenta. Reflexão crítica sobre as múltiplas possibilidades de sua aplicação. Segundo Freire (1996. p. 39), “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda

com a prática”. Do contrário, é incoerente. E a ética na educação demanda coerência, que buscamos crescentemente.

No Jardim Ciranda, a alimentação ocupa um lugar central em nosso processo educacional, como parte da necessária reconexão com a Terra, reintegração de quem somos na Terra e regeneração de nosso modo de estar na Terra. Entendemos que só o exemplo ensina e que é preciso ofertar aos seres um ambiente que exemplifique alternativas possíveis para que nossa relação com o mundo seja a mais harmoniosa possível, deixando menos lastros nocivos e nos propiciando mais saúde física, mental, emocional e espiritual.

O ato de nos alimentarmos nos acompanha todos os dias, várias vezes por dia (quando em condições humanas dignas). Aí mora, portanto, um grandioso elemento potencializador de mudanças, a depender das escolhas que fazemos, como consumidores que determinam os rumos da produção mundial e dos resíduos. ***‘De onde isto vem? Para onde isto vai?’***, ***‘Quais as consequências de minhas escolhas?’***, as perguntas-chave que nos orientam têm grande importância na alimentação, ferramenta política e social, para além de sua evidente importância no cultivo da saúde física.

Sobre igualitarismo biosférico: nossa qualidade de vida depende em parte do profundo prazer e satisfação que recebemos da cercania de outras formas de vida. A intenção de ignorar nossa dependência e estabelecer um papel de amo-escravo tem contribuído para a alienação do homem a respeito de si mesmo (NAESS, 2018, p. 69).

Compaixão e empatia são valores amplamente levantados como desejáveis e trabalhados em organizações e projetos educacionais. Ainda assim, é comum que a discussão sobre a alternativa do veganismo (para além da alimentação) seja completamente ignorada por eles. Não se faz a ponte entre o hábito de consumir animais ou seus derivados e a crueldade arraigada ao sistema que os ‘fabrica’, tratando-os como coisas inanimadas e ausentes de sentiência. Muito se ouve sobre sustentabilidade ambiental, quanto ao uso das águas, desmatamentos, uso do solo etc, mas os olhos ainda se fecham à necessidade de mudança de hábitos em nome da ética e da coerência, se buscamos um mundo onde de fato se cultivem relações respeitadas entre

os seres e com a Terra (interser, afinal). Entendo que o mundo de paz e harmonia tão almejado e cantado pelos discursos revolucionários demanda pararmos de agir cruelmente e gerar sofrimento aos seres de todas as espécies e reinos naturais. Abandonar a relação objetificada e o modo de tratar tudo como mero recurso para o ser humano. Ecologia Profunda, Alfabetização Ecológica, Educação Interdimensional se apoiam na Teoria de Gaia, falam em interser. Aparentemente, os conceitos estão claros. A urgência climática é um fato. Os dados estão postos. Além de informar, urge sensibilizar, como bem coloca Suzana Padua em seus escritos (2022a, 2022b), para que o cognitivo se faça afetivo e atitudinal - pensar, sentir e agir.

No site do Ministério da Agricultura e Pecuária, do governo brasileiro, está escrito, sobre o transporte de 'carga' viva: *'A CBPA trabalha para divulgar as boas práticas no transporte de animais vivos, com objetivo de reduzir perdas econômicas, aumentar a segurança no transporte e reduzir dor e estresse para os animais'*. A lógica econômica coloca a dor e o estresse vividos pelos animais em último lugar, atrás da preocupação com as perdas econômicas e com a segurança antropocentrada. Esses animais são coisificados e ignorados enquanto sencientes, ao passo que outros (silvestres) são protegidos por leis rigorosas. Esse tipo de racismo se chama especismo.

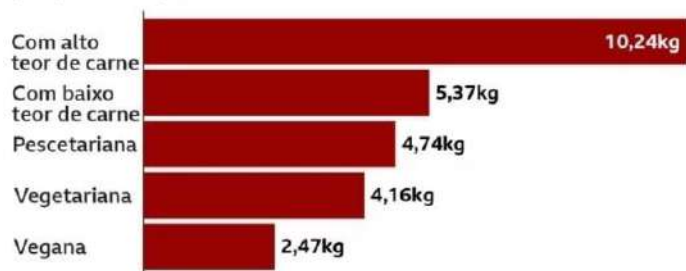
A atividade pecuária exerce enorme pressão sobre quase todos os ecossistemas da Terra. Um estudo recente (2018) publicado na revista Science 1, com colaboração de mais de 130 autores e envolvendo 119 países (dentre estes o Brasil), demonstra que a produção de carnes (incluindo porcos, frango e peixes cultivados), ovos e laticínios usa 83% das terras cultiváveis do planeta (para pastagens e produção de ração) e é responsável pela maioria das emissões de gases de efeito estufa provenientes da produção de alimentos, embora forneça apenas 18% das calorias consumidas globalmente. Desmatamento, perda de espécies, poluição das águas e desequilíbrios nos ciclos de nutrientes (principalmente de nitrogênio e fósforo) dos ecossistemas são alguns dos efeitos ambientais colaterais da atividade pecuária, além dos altos níveis de emissões de gases de efeito estufa frequentemente enfatizados. No Brasil, por exemplo, um estudo elaborado pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e pela Agência Alemã para a Cooperação Internacional (GIZ), mostrou que para cada R\$ 1 milhão de receita da pecuária bovina, são gerados R\$ 22 milhões de impactos ambientais. Já as operações de abate e processamento de animais em geral custam ao Brasil, em danos ambientais, 371% a mais do que a receita que geram. No caso da aquacultura, a porcentagem sobe para 388% (SVB, 2023).

Um estudo feito com 55,5 mil pessoas, liderado por Peter Scarborough, da universidade de Oxford (Reino Unido) e publicado na revista Nature Food, em julho de 2023, chegou à conclusão de que a dieta vegana emite 75% menos gases estufa que a alimentação com carne, e que se os grandes consumidores de carne do Reino Unido reduzissem a quantidade de carne que comem, isso equivaleria a retirar 8 milhões de carros de circulação. Scarborough lidera a pesquisa mundial nessa linha, e tem diversos artigos publicados. O novo estudo, publicado na revista Nature Food em julho de 2023, leva em conta a alimentação de pessoas reais e se baseia nos vários métodos de produção atuais.

A pesquisadora Susan Jebb, componente do LEAP, afirma que a análise foi a primeira a examinar o impacto detalhado da alimentação em outras medidas ambientais ao mesmo tempo. São elas: uso da terra, uso da água, poluição da água e perda de espécies, geralmente causada pela perda de habitat devido à expansão da agricultura (BBC, 21 jul. 2023). Gráficos abaixo mostram resultados obtidos e foram retirados de artigo na BBC, traduzindo o material do estudo original (SCARBOROUGH, 2023).

Tabela 1 - Comer carne gera mais gases de efeito estufa.

Comer carne gera mais gases de efeito estufa
Quanto dióxido de carbono diferentes tipos de dieta produzem por pessoa* por dia?



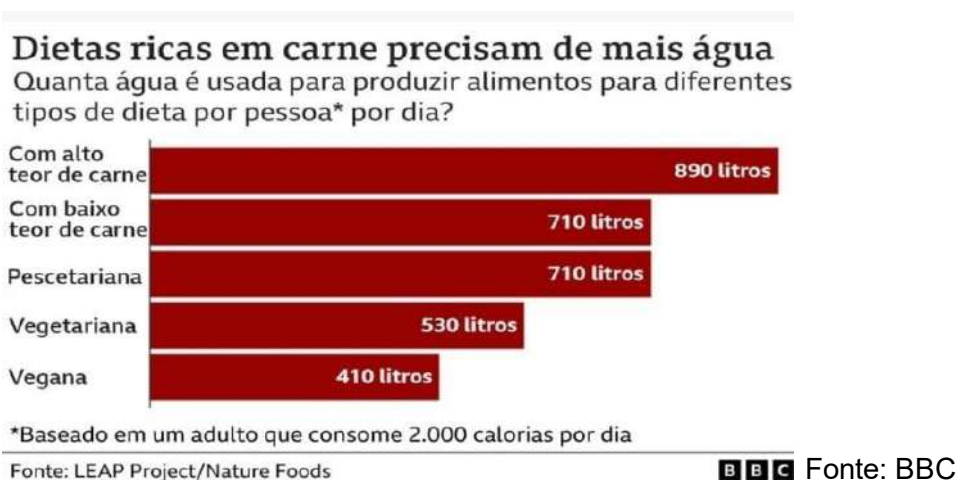
*Baseado em um adulto que consome 2.000 calorias por dia

Fonte: LEAP Project/Nature Foods



Fonte: BBC

Tabela 2- Dietas ricas em carne precisam de mais água.



TAQUES et al (2020), em seu artigo 'O consumo de carne, a crise climática e a saúde mundial pela perspectiva da educação ambiental complexa', aborda o olhar de Morin acerca da complexidade dos sistemas e toca na desconexão em que vivemos, sociedade/natureza. TAQUES afirma que, de acordo com Morin (2011) complexidade (complexus) significa o que foi tecido junto, ou seja, o que é impossível de estar desconectado, e que dentro de cada dimensão existem várias outras dimensões. Por exemplo, na humana, há a dimensão social, política, econômica, histórica, ética, estética, espiritual, dentre outras. O autor salienta que a EA complexa defende uma noção mais ampla de ambiente, a qual atribui igual status ontológico a todos os seres animados e inanimados e, conseqüentemente, a todas as dimensões com as quais estes seres se relacionam, sem priorizar uma em detrimento de outras. Além disso, a forma como se compreende estas dimensões é peculiar, pois ao entender a realidade como complexa, nada pode ser desconsiderado quando se pensa em solucionar um problema. O autor conclui haver 3 pilares como crises estruturais na relação entre as sociedades hegemônicas contemporâneas e o sistema Terra: a emergência climática, a aniquilação em curso da biodiversidade e o adoecimento coletivo da humanidade e que, por sua vez, propiciam o surgimento de surtos epidemiológicos como o COVID-19, têm transrelações com o hábito de consumir carne em dietas alimentares, salientando que a compreensão da complexidade envolvida no consumo da carne exige árduo esforço, visto que conceber

a totalidade de como este tipo de consumo se relaciona a uma pandemia, por exemplo, não é desejo de nosso sistema financeiro e econômico predominante (TAQUES et al, 2020).

As informações a seguir vêm da FAO (Food and Agriculture Organization), da SVB (Sociedade Vegetariana do Brasil), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), da WWF (World Wild Foundation), da USDA- Brasil (United States Department of Agriculture). São subestimadas, uma vez que contabilizam apenas os dados legalmente registrados, não incluindo os inúmeros matadouros ilegais existentes no Brasil e no mundo, e os dados sobre desmatamento amazônico não contemplaram os 4 anos de governo bolsonarista (2019 a 2022), conhecido por 'fazer a boiada passar'. O objetivo de trazer estes números aqui é levar o olhar para além deles e somar na discussão sobre educação regenerativa coerente.

Uma das maneiras como enxergo a educação regenerativa é esse horizonte. É justamente o sentido que a regeneração imediatamente dá. Porque se a gente fica na sustentabilidade, ela também tem um pouco desse lugar que é meio genérico, mas quando você diz 'não! Existem princípios e valores para que a regeneração aconteça', então a gente começa a falar de um lugar que tem equidade, justiça, equilíbrio dinâmico, inteireza, transparência... A gente começa a ter uma série de valores que precisam ser praticados, reconhecidos e integrados desde muito cedo, para que a caminhada para esse horizonte se manifeste (VIVACQUA, diálogo com Sidarta Ribeiro, 12 nov. 2021).

Tabela 3 - Dados de população humana, produção e consumo de animais, desmatamento e uso da água. Elaborada pela autora.

Sobre população humana e consumo	Animais tratados como números, criados p/ abate.	Desmatamento, pecuária, uso e escassez de água.
<p>Projeções mostram que a população mundial humana alcançou 8 bilhões de pessoas em 15 de novembro de 2022 (FAO, 2023).</p>	<p>92,2 bilhões de animais terrestres são mortos anualmente para consumo humano. Peixes excluídos, medidos por peso (não por indivíduos) (SVB, 2023).</p>	<p>1kg de carne precisa de cerca de 15.400L de água para ser produzida (SVB, 2023). 81% dos brasileiros estão seriamente preocupados com a escassez de água potável (WWF, GlobeScan e Circle of Blue).</p>
<p>A população brasileira (2022) é da ordem de 203 milhões de pessoas. A população de vacas e bois (2021) é de 224 milhões (IBGE, 2023).</p>	<p>Há cerca de 1,5 bilhão de aves galináceas sendo criadas para abate no Brasil (2022) (IBGE, 2023). Elas são criadas com hormônios, confinadas em ambientes superlotados, e mortas aos 3 meses de idade (SVB, 2023).</p>	<p>Apenas 25% das pessoas afirmam não serem pessoalmente afetadas pela escassez de água potável no mundo (pesquisa feita com 30 mil indivíduos, pela WWF, GlobeScan e Circle of Blue).</p>
<p>A estimativa prevista de consumo humano de carne bovina para 2023 é de 57, 38 milhões de toneladas (USDA, 2023). Multiplicados pelo 15.400L de água necessários à produção de cada kg de carne, teremos 883.652 trilhões de litros d'água consumidos como carne.</p>	<p>No Brasil, a cada 3 meses, são abatidos legalmente 7,3 milhões de bois; 14,1 milhões de porcos e 1,6 bilhão de galinhas (cálculos a partir de dados do IBGE, 2023).</p>	<p>91% do desmatamento da Amazônia é causado pela pecuária (IBGE, 2023).</p>
<p>No Brasil, há 33 milhões de famintos. Apenas 40% da população brasileira têm acesso à alimentação plena. (2022, II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia)</p>	<p>No Brasil, por segundo, são legalmente mortos 203 frangos; 2 porcos; 1 boi. Isso equivale a 12.360 animais por minuto. Em um dia comum, entre 07h e 22h são legalmente mortos 11 milhões de animais terrestres, criados para morrer, no Brasil (cálculos a partir de dados do IBGE, 2023).</p>	<p>A cobertura florestal era 81,9% da área total da Amazônia em 2000, e 2018 estava reduzida a 75,7%, sendo substituída, principalmente, por áreas de pastagem com manejo (foram de 248,8 mil km² para 426,4 mil km² nesse período) (IBGE, 2023).</p>

Em diálogo com Flávia Vivacqua (12 de novembro de 2021), o neurocientista Sidarta Ribeiro coloca: 'Como a gente vai sair desse estado de coisas? Tenho certeza de que não será sem ciência e tecnologia. Dando certo ou dando errado, vai ser com ciência e tecnologia, que são sensacionais e poderosíssimas. Mas não sabem onde terminam, no sentido da bússola moral, porque vão a toda parte. Se vai a toda parte, de maneira anárquica, vai muitas vezes onde não deveria. Isso tem a ver com o uso da ciência e tecnologia para morte, para destruição, e não para criação. Mas a ciência é tão ampla que ela tem dentro de si todas as contradições possíveis sobre isso. A ciência que está aliada ao uso predatório é tão ciência quanto a que alerta sobre a crise climática e os perigos iminentes que corremos. O que cabe a nós nesse momento é fazer uma curadoria crítica, uma seleção criteriosa de quais são os saberes que interessam para a sobrevivência não só da espécie humana, mas do bem estar amplo do planeta`.

Uma frase famosa de Paul McCartney diz: '*Se os matadouros fossem de vidro, todos seriam vegetarianos*'. Podemos dizer que a internet e as investigações de ativistas tornaram as paredes de vidro. Não há segredos, tudo está exposto. Os números, os horrores. Há diversos documentários (A Carne é Fraca; Terráqueos; Cowspiracy; Seaspiracy; Vegucated; Foodmatters; Food, Inc; Muco: Contradição na Tradição, etc) mostrando a crueldade e imoralidade por trás da 'produção de carne' e sua relação indissociável com a questão ambiental. É necessário, portanto, trazer isto para o processo educativo. Olhar e ver. Discutir, sentir, abordar, encarar para transformar.

Que educação foi essa que recebemos e que continua a ser ofertada às crianças, que as tornam adultos insensíveis? O que precisa mudar para que sejamos melhores versões do nosso ser, contribuindo para a teia da vida da qual fazemos parte? Mas o que mais seria necessário para mudarmos nossa maneira de ser no mundo e chegarmos à harmonia e celebração da vida à altura de seu merecimento? Despertar o lado sensível, intuitivo e artístico do cérebro me parece essencial. Depende de nos percebermos como seres vivos, integrais e interligados uns aos outros e à natureza. Essa pode ser uma proposta de educação disruptiva ao que é ofertado hoje e que transforme o ser em formação (PADUA, em RSEI, 2022, p.64 e 65).



Figura 4 - Gratidão, Mãe Terra.
Fotografia de desenho feito para o refeitório do JC, 2018.

4.12 Paradigma da instrução x paradigma da aprendizagem e comunicação

Uma importante discussão é a que se dá sobre os paradigmas da educação. Inicialmente centrados no professor, com o paradigma da instrução (o que ainda ocorre, no modelo conteudista de educação bancária descrito por Paulo Freire, 1996), depois no aluno, com o paradigma da aprendizagem, com o desenvolvimento de projetos a partir de seus interesses, como se dá na Green School of Bali (fundada em 2008), com currículo holístico, centrado no aluno e baseado na natureza vivenciada (VIVACQUA, 2020, p. 50); na Escola da Ponte, Portugal (fundada em 1976), e na Clonlara International School, norte-americana, fundada em 1967, para exemplificar. Segundo José Pacheco (2021, p. 106), vieram traçando o caminho da educação alguns mestres, como Agostinho da Silva, Lauro de Oliveira Lima, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Rudolf Steiner, Maria Montessori, Nise da Silveira e outros, cuja trilha teórica vem mostrando caminhos de transição para um terceiro paradigma, o da comunicação,

profundamente relacional, compreendendo que aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo, pois a aprendizagem não está centrada no professor nem no aluno, mas na intersubjetividade. Neste ponto, encontramos interface do discurso desses pensadores com aqueles da Ecologia Profunda, Educação Interdimensional e Alfabetização Ecológica, já abordados no texto.

Pacheco (2019) nomeia 3 diferentes paradigmas reconhecíveis na educação: Paradigma da Instrução; Paradigma da Aprendizagem; Paradigma da Comunicação; e uma escala de 5 graus diferentes para avaliar, de modo simplista, onde se encaixam os projetos educacionais, com interface entre os paradigmas, em etapas de transição, e coloca os projetos inovadores na derradeira categoria, com o paradigma da comunicação plenamente instituído.

O Jardim Ciranda é algo que manifesta o paradigma da aprendizagem tendendo para a comunicação, o que o enquadraria no 3o grau da supracitada classificação, e não o colocaria no lugar de inovador. Entretanto, nossa vivência nesses 8 anos nos leva a considerar que a comunicação é uma etapa dependente e consequente da inovação. Para efeito teórico e para nortear os próximos passos, colocamo-nos dentro do paradigma da aprendizagem.

As duas figuras abaixo apresentam comparações entre modelos distintos. Na primeira, paradigma da instrução versus paradigma da aprendizagem, organizada por mim, a partir de material de educadores da rede de comunidades de aprendizagem da qual somos parte, apresentam-se diferenças metodológicas e de resultados entre um e outro modo. Na segunda, elaborada por Suzana Pádua e extraída de artigo sobre Educação Interdimensional (RSEI, 2022, p. 68), a comparação se dá entre Educação Tradicional e Educação Interdimensional. Apresento as duas juntas para evidenciar o quanto o que estamos fazendo e chamando de Educação Regenerativa se encontra com o que foi chamado de Educação Interdimensional, por Antônio Carlos Gomes da Costa.

Tabela 4 - Comparação entre paradigma da instrução e da aprendizagem.

PARADIGMA DA INSTRUÇÃO (convencional, 'ensinagem')	PARADIGMA DA APRENDIZAGEM (inovador)
<ol style="list-style-type: none">1. Centrado no professor que leciona, 'ensina'.2. Foco no conteúdo: educação 'bancária'.3. Aula expositiva é principal dispositivo usado.4. Educador planeja para o estudante5. Uniformidade nos percursos pedagógicos: igual para toda a turma.6. Turmas numerosas e ausência de zelo para com as necessidades e talentos individuais.7. Avaliação por prova/ trabalho ao final dos conteúdos.8. Registros são as provas escritas e trabalhos finais.9. Curiosidade, olhar crítico e mente questionadora tendem a ser pouco acolhidos e acabam domesticados.10. A felicidade do aluno não é um fato normalmente considerado e traumas emocionais são comuns.	<ol style="list-style-type: none">1. Centrado naquilo que o estudante pode aprender; na comunicação; na relação entre estudante e tutor ou objeto de estudo.2. Foco nas habilidades e talentos.3. Dispositivos: pesquisa, oficinas, projetos. Aula expositiva é algo complementar e coerente com os interesses e pesquisas.4. Educador planeja com o estudante.5. Percurso pedagógico é único para cada indivíduo.6. Grupos pouco numerosos, possibilitando relação próxima e zelo dos seres.7. Avaliação qualitativa e contínua durante todo o processo.8. Registros por portfólios.9. Curiosidade e criticidade são os grandes tesouros para aprendizagem; o 'pensar certo' freireano é valorizado e estimulado.10. A alegria importa, a felicidade dos alunos e dos tutores é fator observado para uma relação salutar, que sustente o interesse por e o prazer em aprender, sem traumas.

Elaborada pela autora, a partir de material de educadores da Rede de Comunidades de Aprendizagem.

Tabela 5- Educação Tradicional x Educação Interdimensional.

EDUCAÇÃO TRADICIONAL	➔	EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL E VOLTADA AO ENCANTAMENTO PELA VIDA
Há um predomínio do lado competitivo e egoísta – “eu”	➔	Leva em conta o lado sensível e de cooperação.
O ser humano é o centro das atenções e tudo gira em torno para lhe servir.	➔	O ser humano é parte de um sistema vivo que precisa ser apreciado devidamente.
Conhecimentos são repassados isoladamente.	➔	Conhecimentos e valores são apresentados conjuntamente.
Um único sabedor: o professor.	➔	O professor facilitador incentiva construções coletivas.
O aluno cordato e passivo é enaltecido.	➔	O aprendiz instigador e inconformado com o que agride a vida é ouvido e incentivado.
Aceita-se a verdade que chega pronta.	➔	Há incentivo para a reflexão e escolhas conscientes.
As causas de tudo o que acontece não são averiguadas.	➔	Cada ação é avaliada sabendo-se que trará consequências.
As disciplinas são tratadas separadamente.	➔	Interdisciplinaridade e visão sistêmica são a base do aprendizado.
Os projetos nem sempre têm relação com a realidade do aprendiz.	➔	Os projetos são idealizados pelos aprendizes com orientação de pessoas mais experientes.
Empatia é pouco exercitada.	➔	O respeito e a celebração da vida (gente e natureza) são valorizados.

Elaborada por Suzana Padua. Fonte: Revista Seminário Educação Interdimensional, 2021, p. 68.

4.13 Paradigma da aprendizagem, turmas piloto e ferramentas possíveis

O Paradigma da Aprendizagem envolve o desenvolvimento de metodologias ativas, focadas em estimular a autonomia e a proatividade dos estudantes frente a seu processo de aprendizagem. Dentre essas, destacam-se a Pesquisa como princípio educativo (DEMO, 1996) e a Pedagogia de Projetos (BUCK INSTITUTE, 2008).

Sua base teórica repousa em diversos educadores de destaque internacional como José Pacheco, Paulo Freire, Lauro de Oliveira Lima, Pedro Demo, António Nóvoa, Celso Vasconcelos, Piaget, Vygotsky, dentre outros.

Turmas Piloto

Uma turma piloto - assim chamada pelo professor José Pacheco - é composta por um grupo de seres aprendentes e um ou mais tutores, criando espaços de construção de inovação dentro ou fora das escolas. Quando dentro das escolas, a turma piloto funciona como um cavalo-de-troia, inserindo no sistema comum escolar modelos de alternativas às práticas regulares, a partir da abertura de algum educador que se mantenha aberto à transformação da prática pedagógica. Seus participantes aprendem a usar dispositivos pedagógicos, metodologia de trabalho de projeto, a fazer roteiros de estudo, avaliação contínua etc (PACHECO, 2019, P. 67). Seu objetivo também é funcionar como um protótipo de mudança, passível de ser replicado. No Jardim Ciranda, conseguimos efetivar com mais estrutura a Turma Piloto em 2021 e 2022, com o aprimoramento das práticas de tutoria e aprendizagem por projetos, com o grupo reduzido de 6 a 10 crianças, de 04 a 09 anos de idade.

Pesquisa

A pesquisa é a principal metodologia de aprendizagem utilizada, como orienta Pedro Demo: Pesquisa como princípio científico e educativo faz parte integrante de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico auto-suficiente, crítico e auto-crítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto; pesquisa como diálogo é processo cotidiano, integrante do ritmo da vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja à mera reprodução; na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente (DEMO, 2005, p.42).

Cada educando tem um percurso único de pesquisa, motivado por seus interesses pessoais e orientado pelo seu tutor. Apesar de partir da motivação individual, a

orientação do tutor é focada em ampliar a perspectiva dos estudantes, alcançando as áreas do conhecimento, conteúdos e habilidades condizentes com a faixa etária do educando, segundo a legislação vigente.

Essa metodologia envolve o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à busca e seleção de conteúdos nas pessoas, na internet e nos livros, além da capacidade de síntese, registro escrito (quando possível) e apresentação oral dos aprendizados.

Tutoria

A tutoria tem início com a constituição do protótipo de mudança, quando há uma equipe ou professores que desejam mudar (PACHECO, 2019, p. 70). Cada educando participante do projeto tem um tutor (educador) particular, que acompanha todo o seu processo de aprendizagem, registrando-o em portfólio individual. Em diálogo com o estudante, em alguns casos o tutor estabelece prazos, metas, habilidades e conhecimentos a serem desenvolvidos.

É responsabilidade da Equipe de Tutores o cumprimento dos referenciais curriculares previstos na legislação, referente à faixa etária de seu tutorando (equivalente ao seu ano escolar), levando em consideração a necessidade de atender aos campos de experiência no currículo da educação infantil e às cinco grandes áreas do conhecimento, previstas nos cadernos pedagógicos para o ensino fundamental, do Referencial Curricular, no caso do JC, da Bahia: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Educação Física e Cultura Digital.

Pedagogia por Projetos

Os projetos pedagógicos são atividades educacionais interdisciplinares que envolvem momentos teóricos e atividades práticas. São ofertados pelas tutoras a partir de sua área de atuação intelectual e/ou profissional. A Pedagogia de Projetos parte de problemas reais presentes no cotidiano dos estudantes. Segundo o Buck Institute (2008), a Pedagogia de Projetos pode contribuir para a qualificação dos processos de aprendizagem, além de promover a aproximação entre a escola e a comunidade.

Portfólio

O Portfólio é o principal dispositivo para o registro e avaliação de evidências de aprendizagem cognitiva e atitudinal. Esse documento está em constante construção e é acompanhado pelos tutores; nele os estudantes (ou seus representantes, no caso das crianças pequenas) incluem os conhecimentos adquiridos, suas reflexões, produções audiovisuais, entre outros. O portfólio é armazenado em mídia digital, mas de modo que todas as atividades manuais são incluídas, fotografadas ou filmadas (PACHECO, 2019, 76).

Roteiro de estudos

Documento produzido conjuntamente entre o tutor (educador) e seu tutorando (estudante), onde consta todo o planejamento de estudo para um certo período (semanal, mensal, semestral etc). Os prazos, metas e objetivos são construídos por meio do diálogo entre as partes, levando em consideração as diretrizes legais e curriculares.

Dispositivos de Relação Intrapessoal

Em observância à 8ª Competência Geral da BNCC (1996), que trata do “Autoconhecimento e do Autocuidado”, os dispositivos de relação intrapessoal envolvem técnicas de autoconhecimento, desenvolvimento da concentração, relaxamento, mindfulness, entre outras. Organizadas no início dos encontros, essas dinâmicas têm o papel de estimular o equilíbrio emocional e a concentração dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de comunicação, auxiliando o estudante a alcançar relações interpessoais de forma mais empática e compassiva. Entre as técnicas utilizadas destacam-se a Comunicação Não-Violenta (CNV); assembleia; acho bom / acho ruim; já sei e posso ajudar; caixinha de segredos; pedir a palavra; bastão da fala; relaxamentos; meditações guiadas e outras atividades afins. Essas dinâmicas estão atreladas à 5ª e à 9ª Competências gerais da BNCC, que são respectivamente: “Comunicação” e “Empatia e Cooperação”.

Pedagogia da Cooperação

A Pedagogia da Cooperação (organizada por Fabio Brotto, no livro A Pedagogia da Cooperação, 2020) sugere práticas que ajudam a criar um ambiente colaborativo para que cada pessoa possa *VenSer* quem se é, para poder *SerVir* ao bem comum. Através de metodologias como dança circular, investigação apreciativa, Dragon Dreaming, diálogo e CNV. A essência dessa proposta é tornar o trabalho em equipe mais genuíno e inclusivo, de forma que todos saem ganhando, juntos. Alice Bailey, em *Problems of Humanity* (1972, p 46), afirma que quando se substitui o espírito competitivo pela consciência cooperativa, o desempenho grupal melhora e os resultados alcançados são mais elevados, devendo ser conquistados com uma atmosfera de amor (compreensão das potencialidades da criança, e ternura compassiva), paciência (para possibilitar que a criança partilhe das responsabilidades) e compreensão (na qual se expliquem as razões das atividades propostas e demandas feitas ao ser).

Avaliação

A prática de avaliação está subsidiada na LDB (1996) Art. 24º, que afirma que a verificação do rendimento escolar se dará por “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (Inciso V, alínea a). Pacheco (2019) também reforça a necessidade da prática de avaliação formativa, contínua e sistemática, com registros de evidências de aprendizagem cognitiva e atitudinal em portfólios de avaliação.

Ambientes de Aprendizagem

Qualquer espaço pode ser um ambiente de aprendizagem - incluindo o digital -, cenário disponível para processos de aprendizado, pois em tudo e com todos se aprende, como bem afirma José Pacheco.

Entre os ambientes de aprendizagem mais usados pelo Jardim Ciranda, há aqueles preparados para o uso das crianças (em todas as casas dedicadas ao Jardim Ciranda), buscando, com base nos ensinamentos de Maria Montessori e da pedagogia Waldorf,

criar ambientes bonitos, agradáveis e livres de perigos ativos, para possibilitar um ambiente relaxado que favoreça a espontaneidade, a criatividade e a aprendizagem. Há também os ambientes públicos, como praças, praias, viveiro, que podem ser utilizados para a aprendizagem.

Círculos de Aprendizagem: de confiança ou de vizinhança.

A organização apresentada é baseada nas orientações diretas do educador português José Pacheco, colaborador da comunidade de aprendizagem Jardim Ciranda, ajustadas por nós:

Cada círculo corresponde a uma tutoria, e um ou mais círculos de aprendizagem poderão compor uma comunidade de aprendizagem. O Círculo de Aprendizagem, presencial e remoto, é conformado por critérios de confiança ou vizinhança, conforme as necessidades da comunidade que o implementa. É o dispositivo-base da criação e do fortalecimento de comunidades de aprendizagem, funcionando como um protótipo.

Na prática, trata-se da criação de uma turma multietária composta por sete a quinze estudantes de um mesmo ciclo de ensino. Cada círculo é conduzido por um(a) tutor(a) e, de acordo com as necessidades e demandas do próprio círculo, são acionados outros educadores da equipe cujas práticas fundamentam-se no paradigma da aprendizagem. Os círculos de aprendizagem podem ser implementados vinculados a uma escola pública ou privada, bem como a organizações da sociedade civil atuantes na educação.

O círculo de confiança trabalhado no Jardim Ciranda tem se estruturado a partir das Metodologias Ativas de Aprendizagem propostas por Pacheco, com uma dimensão comunitária crescente, a fim de promover a cidadania e ampliar os níveis de aprendizagem das crianças e jovens em idade escolar, com especial atenção ao cumprimento da BNCC - LDB (1996) e ao Referencial Curricular da Bahia (DRCB, 2019).

4.14 A importância do livre brincar

Segundo a tese de Illich, quase tudo que a criança aprende é fora da escola: a viver, a falar, a pensar, a amar, a sentir, a jogar, a desembaraçar-se, a trabalhar... Ora, não é tanto assim (...). Hoje estão os psicólogos convictos de que as escola deve ensinar a pensar, por exemplo, a partir da mais tenra idade (dois anos). E quem diz que os jovens não aprendem tudo isso dentro da escola, embora fora da sala de aula? (Costumamos dizer que o que salva as crianças da brutalidade irracional da escola é a hora do recreio...) (LIMA, 1975, p.42).

O livre brincar mantém vivo o estímulo à criatividade e curiosidade, consideradas por Paulo Freire como a condição primeira para a aprendizagem real. Criatividade é já conhecimento (FREIRE, 2003, p. 55).

O ato de brincar da criança é atividade considerada importante para o desenvolvimento infantil, segundo muitas perspectivas teóricas na Psicologia (ROLIM et al, 2008).

A brincadeira é a forma que a criança tem de conhecer e interagir com o mundo. Imaginando, dá novos significados às coisas, ajuda-a a se relacionar com o espaço, com o próprio corpo, com os outros. Descobre novas palavras. Permite que ela aprenda sobre autocontrole, atenção. Correr, pular, subir em árvores e trepa-trepas favorece o desenvolvimento motor, a coordenação, força e equilíbrio do peso corporal, e também o raciocínio, ao buscar soluções para desafios encontrados.

Rolim e outras pesquisadoras (2008), ao fazerem uma leitura de Vygotsky focada no lugar do brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, ressaltam que o importante pensador parte do princípio de que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas. Nesse prisma, a brincadeira infantil assume uma posição importante para o processo de constituição do sujeito. As pesquisadoras sintetizam o olhar de Vygotsky, apontando que o brinquedo ajudará a desenvolver uma diferenciação entre a ação e o significado. O brincar relaciona-se com a aprendizagem. Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o

enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem (ROLIM et al, 2008, p. 177).

Quando em relação com outras, a criança se depara com diferenças, das quais nascem regras e acordos de convivência com os quais ela aprende a lidar, tanto quanto com as emoções que surgem, como a frustração e a ansiedade. Relacionam-se com o não, entrando em contato com limites - os recebidos e os que ela precisa impor.

Ainda, o brincar livre revela preferências, aptidões, dons e talentos que, sendo observados e ouvidos por educadores, fornecem elementos necessários para o desenvolvimento de projetos com sentido, para facilitar a aprendizagem daquele ser e ajudá-lo a crescer em seu máximo potencial.

4.15 Base Legal

No que concerne ao aspecto de escola, o JC está pautado no cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sintetizada em seu Art. 2º: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Quanto ao caráter comunitário, o projeto atende ao Artigo 3º que afirma que são princípios do ensino a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”, o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”, a “valorização da experiência extra-escolar” e “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. O 12º artigo afirma que os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de “elaborar e executar sua proposta pedagógica” e “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”.

A organização não-seriada da Turma Piloto sustenta-se no Art. 23º que afirma que: “A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na

competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”.

A fim de atender ao Referencial Curricular da Bahia para Educação Infantil e Fundamental 1 (construído a partir da Base Nacional Curricular Comum), a proposta pedagógica da Turma Piloto, entre 2020 e 2022, contou com projetos educacionais que aconteceram durante todo o ano letivo, com ênfase nos campos de experiência do currículo da educação infantil e nas áreas do conhecimento que compõem os cadernos pedagógicos para o ensino fundamental.

5. MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 A escolha por estudo de caso e o uso de questionários para escutatória; abordagem de análise qualitativa.

A metodologia predominante na pesquisa em educação ambiental é a pesquisa qualitativa (LUDKE & ANDRÉ, 1986), e assim será neste trabalho, focado em apresentar a essência do Jardim Ciranda e sua metodologia, utilizando as ferramentas:

- I. ESTUDO DE CASO e PESQUISA GRÁFICA. COLETA DE DADOS POR REVISÃO DA MEMÓRIA COGNITIVA E DOS REGISTROS (audiovisuais e textuais) referentes ao que foi feito no Jardim Ciranda, de março de 2015 a março de 2023, com um recorte no olhar para a Adoletá, entre maio de 2021 e março de 2023. Organização da narrativa. A história do Jardim Ciranda é algo singular, que tem valor em si mesmo, e por isso a opção por Estudo de Caso, rico em dados descritivos, de plano aberto e flexível, que focaliza a realidade de forma aberta e contextualizada (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Ao longo dos anos, temos existido como o bambu, que se curva ao vento, mas não quebra facilmente, e faz pausas em seu movimento de crescimento, para poder formar novos discos internos que lhe dão sustentação e lhe possibilitam seguir crescendo. Os resultados que tenho a apresentar são a própria construção de uma escola fora dos padrões convencionais, e alguns aprendizados advindos dessa experiência, a serem narrados. Cabe dizer que este trabalho está focado na essência e metodologia do

Jardim Ciranda, enquanto há outro trabalho de doutoramento sendo feito, por uma educadora do Jardim Ciranda, focado nas discussões sobre Comunidade de Aprendizagem e os detalhamentos de seus dispositivos pedagógicos.

- II. COLETA DE DADOS POR ESCUTATÓRIA (via questionários online, por escrito) de pessoas que participaram do Jardim Ciranda e de pessoas que observam sem se envolver diretamente, para posterior organização das narrativas e seleção de depoimentos mais marcantes. Foi feito um chamado aberto, via Instagram e Whatsapp, para os grupos: (A) Fundadoras; (B) Cuidadoras; (C) Famílias Participantes; (D) Observadores e Colaboradores. Os questionários foram respondidos diretamente em plataforma online e encontram-se em Apêndices.
- III. COLETA DE DADOS POR ESCUTATÓRIA (via questionários online, por escrito) de participantes da Adoletá, para ilustrar o significado da experiência para os jovens e seus familiares. Os questionários foram enviados por grupo de Whatsapp, junto com um convite para que as pessoas pudessem responder. As respostas ilustram o item de descrição da Adoletá. O questionário segue em Apêndices.
- IV. Convite ao grupo de 08 adolescentes: co-criação do projeto de conservação do *Callicebus melanochir*, em Arraial d'Ajuda, observando quais elementos desenvolvem como primeiros passos dessa iniciativa, parte da aprendizagem por projetos.
- V. Estruturar narrativa completa para posterior entrega do trabalho.
- VI. Escrever e publicar livro mais completo sobre essa história, a partir do material desta dissertação, possivelmente com a participação de outras pessoas do Jardim Ciranda.

5.2. Cronograma

	Out 22	Nov 22	Dez 22	Jan 23	Fev 23	Mar 23	Abr 23	Mai 23	Jun 23	Jul 23	Ago 23	Set 23	2024
Definição projeto	X	X											
Coletar escutatória sobre JC						X							
Projeto Guigó: iniciar, seguir		X			X	X	X						
Estudar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Escrever	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Apresentar ao Comitê	X				X		X						
Qualificação								X					
Defesa											X		
Entrega do material final à comunidade												X	
Apresentação de livro													X

5.3 Recursos materiais e imateriais.

5.3.1. Arraial e arredores: de distrito a território educador.

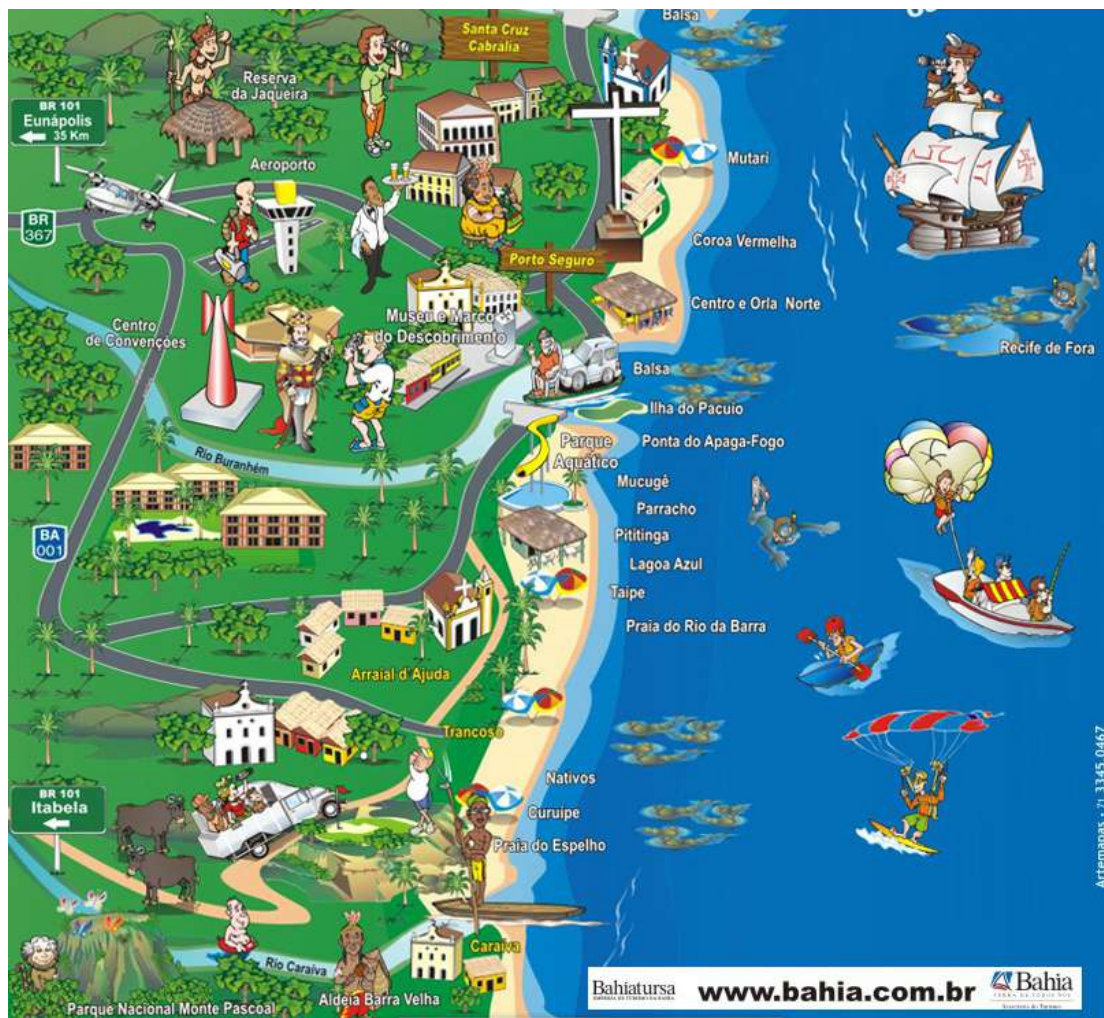


Figura 5- Ilustração artística da chamada Costa do Descobrimento, com trecho do Extremo Sul da Bahia, que destaca aspectos oportunos a este texto (posição geográfica dos distritos de atuação do Jardim Ciranda; localização de reservas indígenas e Parque Nacional; apelo turístico). Fonte: Bahia Turismo.

Território (Município) de Porto Seguro – Extremo Sul da Bahia, Brasil. Terra indígena, ocupada pelos portugueses a partir de 22 de abril de 1500, quando Pedro Álvares Cabral e suas naus chegaram à costa de belos mares, barreiras de corais e então habitada pelo povo pataxó, um dos ocupantes da grande floresta atlântica, originalmente chamada de **Nhé'ery**, por povos como Maxakali, Tukano, Huni Kuin e Guarani Mbya. Na língua Tupi,

Nhe'éry seria **´onde as almas se banham´** (TAKUÁ, 2022), mas a cultura colonizadora a chamou de Mata Atlântica e recursos naturais. Ailton Krenak afirma que, por ser assim nomeada e tratada como recurso é que ela foi extensamente destruída (Selvagem Ciclo de Estudos, 8 jun. 2023). A região de Porto Seguro tem sua história marcada pelo extermínio e exploração de indígenas; a presença de humanos negros escravizados e pelo uso da terra de forma exploratória e invasiva, em busca dos chamados ´recursos naturais` que esta rica terra apresentava (SILVA, 2013).

A Fundação SOS Mata Atlântica (SOSMA), renomada organização não governamental de defesa desse bioma, ao reunir e sintetizar estudos diversos, informa-nos (em junho de 2023) que essa floresta abrange cerca de 15% do território nacional, em 17 estados, é o lar de 72% dos brasileiros e concentra 80% do PIB nacional. Dela dependem serviços essenciais como abastecimento de água, regulação do clima, agricultura, pesca, energia elétrica e turismo, mas muito pouco resta da floresta-mãe, a Nhe'éry originária.

No ano de 2022, Porto Seguro se viu intensamente marcada pelo turismo de massa (fomentado há décadas), depredatório e crescente; pelo avanço imobiliário desordenado e consequente desmatamento; ausência de trato do lixo ou políticas públicas que resolvam o enorme problema de resíduos sólidos no município, o que retrata, entre outras coisas, um cenário crítico em termos de sustentabilidade. Por outro lado, a natureza segue exuberante na beleza das praias e das matas restantes, com grande biodiversidade marinha, costeira e da floresta, o que faz esta região ser chamada de ´a jóia do sul da Bahia` pelo Instituto Coral Vivo, importante organização brasileira de pesquisa e conservação da biodiversidade marinha, sediado em Arraial d´Ajuda.

O Jardim Ciranda integra a rede de ações múltiplas, de diversos agentes existentes nos três distritos (Arraial, Trancoso e Caraíva), que aos poucos passam a atuar de modo mais unido, possibilitando o vislumbre de um território educador, com ambientes de aprendizagem de uso público já existentes (praias, praças, unidades de conservação, reservas indígenas, escolas, ginásios, prédios de associações) e ambientes privados que possam ser compartilhados com a comunidade, em prol de uma educação verdadeiramente transformadora e que efetivamente atue para a sustentabilidade e a regeneração.

5.3.2. Breve citação dos diversos lugares-escola, alguns personagens e suas contribuições.

- I. CIRANDA CURUMIM/ CIRANDA DO BRINCAR: **Figura 6.**
 - a. Casa 1: **Quintal de Caína e Ilana**, bairro Novo Arraial, Arraial d´Ajuda, cedido.
 - b. Casa 2: **Quintal de Carola**, na Estrada da Balsa, cedido.
 - c. Casa 3: **Espaço Hayó**, na Estrada da Balsa, alugado.
 - d. Casa 4: **Aipotú**, casa de Antonella, Estrada da Balsa, alugada.
 - e. Casa 5: **Vó Jurema**, no Parque Central, cedido.
 - f. Casa 6: **Jardim Ciranda Aldeia**, alugado ao lado da Aldeia Velha Pataxó.
 - g. Casa 7: **Instituto Canto da Floresta** - casa da Ilana, no Japara, cedida.
 - h. Casa 8: **Casa Beija Flor** - casa da Caína, Corais do Arraial, cedida.
 - i. **Praça** do bairro Corais do Arraial.
 - j. **Praça** do bairro São Francisco.
 - k. **Praça da Igreja** de Nossa Sra. d´Ajuda.
 - l. **Praias** de Arraial d´Ajuda.
 - m. **Viveiro Educador** da Associação Verdejar d´Ajuda, bairro Novo Arraial.

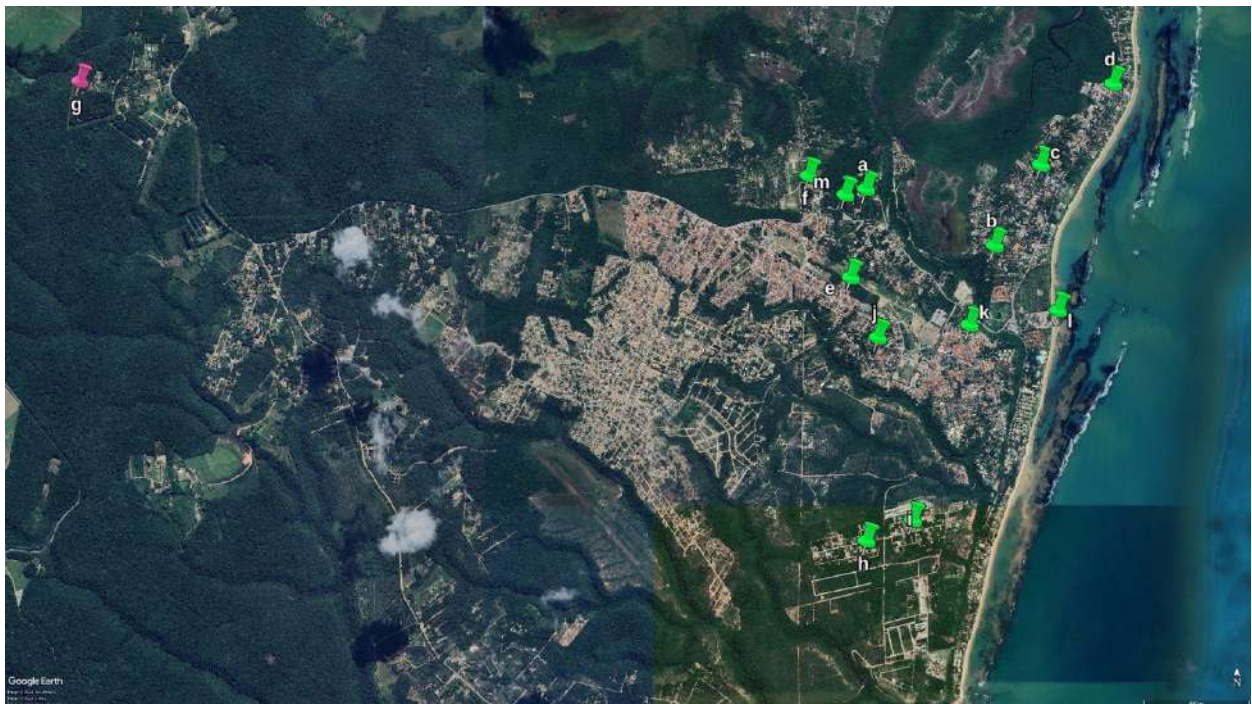


Figura 6- Mapa de locais de práticas da Ciranda Curumim, criado no Google Earth.

II. ADOLETÁ. **Figura 7.**

g. **Instituto Canto da Floresta, Arraial d´Ajuda.** Segue descrição detalhada logo após a apresentação dos demais itens.

n. **Reserva Indígena do território pataxó Aldeia Velha,** com o Grupo de Cultura Pataxó, nas figuras dos amigos Itapuan; Antônia, Pio, Ânrika.

o. **Lagoa Azul, Arraial d´Ajuda,** com a participação do pai e professor oceanógrafo dr. Marcos Bernardes.

p. **Praia de Taípe, Arraial d´Ajuda.**

q. **Trilha, falésia e praia de Pitinga, Arraial d´Ajuda.**

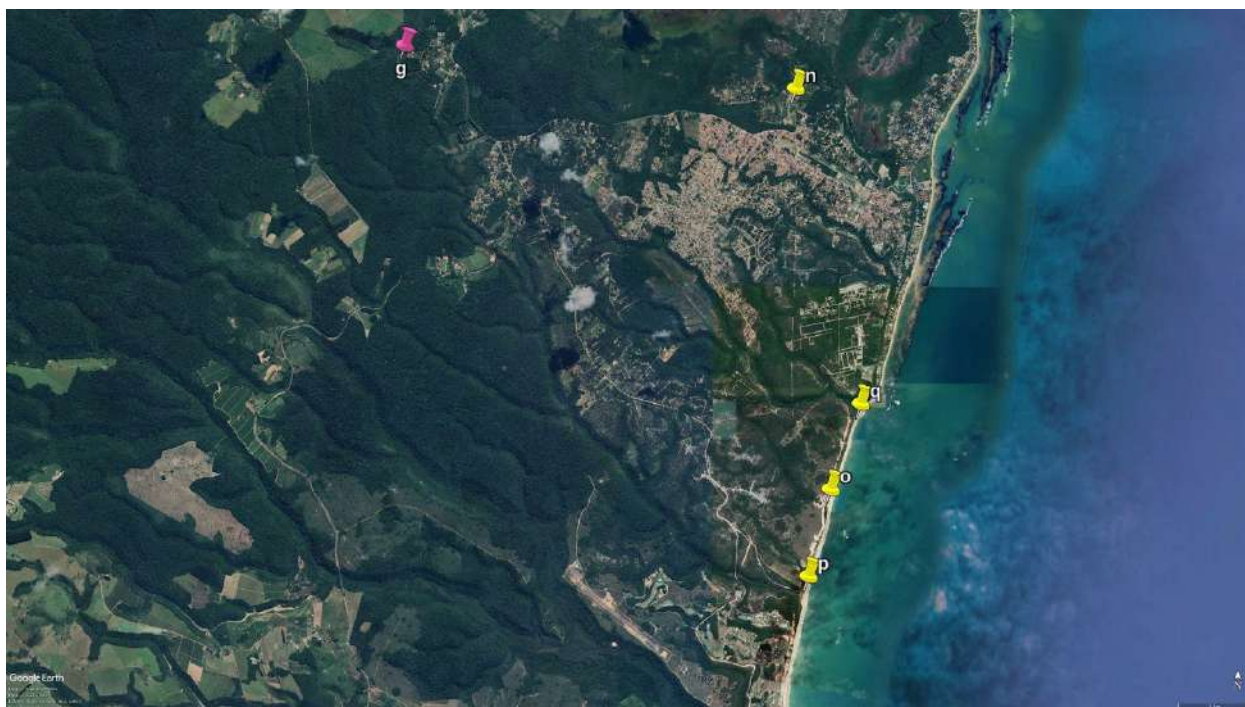


Figura 7 - Mapa de locais de práticas da Adoletá. Criado no Google Earth.

5.3.3 O Instituto Canto da Floresta, a juerana e o guigó.

Desde 2018, o Canto da Floresta, ainda que não tivesse esse nome, é base para encontros do Jardim Ciranda, acolhendo, além das atividades com as crianças e adolescentes (Ciranda Curumim e Adoletá), as rodas de mulheres (Ciranda das Lobas), os estudos e mutirões de bioconstrução (Abelhices) e as visitas quando quisemos apresentar o Jardim Ciranda nos últimos 2,5 anos.

Morada de minha família, abrigada na mata, da qual somos guardiões e onde atuamos como educadores. O terreno do Canto da Floresta está localizado em Arraial d'Ajuda, no bairro Japara 1, medindo 3470m². Com mata nativa em avançado estágio de regeneração, abriga árvores de até 25m de altura e é povoada por inúmeras espécies vegetais, animais e fungos que mostram a grandiosa biodiversidade local.

Localiza-se entre fragmentos maiores de Mata Atlântica, *hotspot* de biodiversidade, em área relevante como corredor ecológico entre a Reserva Indígena Pataxó de Aldeia Velha (com 680 hectares de Mata Atlântica, mais áreas maiores de manguezais e campos alagáveis, de acordo com levantamento em andamento por agente local da FUNAI, em março de 2023) e as fazendas que, em linha, conectam-na com o Parque Nacional do Pau Brasil (19 mil hectares). Diversos habitantes compõem a mata do Canto da Floresta e por ela transitam. Segue breve abordagem de dois deles, mais diretamente marcantes para este trabalho, no aspecto simbólico e de projetos educativos:

Juerana Vermelha: Também conhecida como Angelim Saia, a gigante leguminosa *Parkia pendula* é árvore majestosa, com cerca de 25 metros de altura, casca avermelhada que continuamente solta grandes lascas, por crescimento. Serve de alimento para alguns dos primatas que por ela passam e são facilmente avistados (macacos pregos - *Sapajus nigritus*; saguis de cara branca - *Callithrix geoffroyi* e os guigós - *Callicebus melanochir*). É o símbolo do Canto da Floresta.



Figura 8 - Símbolos do Canto da Floresta: (A) Educadora e crianças aos pés da Juerana, 2022
(B) Logomarca do Instituto Canto da Floresta, com Juerana e Guigó.

Macaco guigó-mão preta, sauá, *Callicebus melanochir*: Este primata bastante peludo, de cor acinzentada e famoso por enrolar entre os indivíduos do bando os seus longos rabos para dormir, é gentil e muito observador. Habita fragmentos de Mata Atlântica e sua área de ocupação ainda está sendo estudada, mas há relatos de moradores de ser visto nas matas da cidade e distritos de Porto Seguro, incluindo Arraial d’Ajuda e Trancoso, e também nos municípios vizinhos, Cabrália e Santo André. Há poucos registros sobre sua biologia e etologia.



Figura 9 - *Callicebus melanochir*, guigó mão preta.
Foto cedida por Leonardo Merçon,
feita no Instituto Canto da Floresta em março de 2022.

5.4 A busca por um canto para chamar de nosso. o *ninho*, a *ágora*, o *chão*, o *teto*.

Sabemos que *escolas são pessoas*. Entendemos que não é preciso um prédio, paredes, que a sombra de uma árvore ou o chão de uma praça ou a areia da praia sejam ambientes de aprendizagem. Honramos cada ser e cada experiência como professores, cada cantinho como um ambiente de aprendizagem em potencial. Ainda assim, valorizamos o ninho. Queremos nossa *ágora*, nosso sagrado ponto de encontro, preparado por nós, cuidado coletivamente, com detalhes que representem nossos valores e nosso caminhar, a harmonia estética como parte do processo educacional.

O mestre Paulo Freire diz haver uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço, e que quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica,

pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996).

De acordo com esse olhar, passamos os últimos 8 anos migrando entre espaços que pudessem nos acolher e explicitar o amor que queríamos transmitir através dos canteiros, das pinturas nas paredes - se houvesse paredes -, das fitas coloridas plasmando dança, movimento, alegria pelos ares de cada ser que caminhasse por nosso espaço. Nossa busca foi e tem sido por um local onde possamos materializar os ambientes de aprendizagem necessários, que possam sediar as atividades com as gestantes, as crianças, os jovens, os adultos, os idosos e os animais. Precisamos da integridade das árvores, do cheiro da terra, do espaço farto para a liberdade da dança, das brincadeiras ao ar livre, do andar de bicicleta, do banho de lama, do canto dos pássaros!

Insiste-se no equívoco de ser possível inovar em sala de aula

(PACHECO, 2019, p 107).

É preciso haver um salão coberto para vivermos as rodas e os movimentos coletivos; uma cozinha para o preparo do alimento e as vivências de culinária consciente; banheiros; ambientes para música; ambiente para artes manuais; biblioteca; cantinho da escuta; cantinho para atendimentos terapêuticos; parquinho com brinquedos de jardim.

De 2015 a 2023, passamos por 10 ambientes diferentes (anteriormente apresentados no item 5.3.2), por ausência de recursos financeiros que nos possibilitasse erguer o local desejado.

Iniciamos o trabalho em nossos quintais (o de Caína e o meu - éramos vizinhas), o de Carol. As três gravidezes fizeram nosso foco se voltar para as rodas de mães, cujos encontros se realizavam em locais públicos ou emprestados por instituições como a Associação Beneficente de Arraial d'Ajuda - ABAA. Alugamos outro espaço quando nossos meninos nasceram e inauguramos a Ciranda Canguru, em área verde, colorida, artística, onde a vivência mãe-e-bebê pudesse ser um mergulho absolutamente dedicado àquela relação. Durante o ano de 2017, alugamos a pequena casa Aipotú ('utopia' ao contrário), da família de Antonella, a 4ª mãe a chegar em nossa base familiar. Outras famílias chegaram e ali estivemos recolhidas. Em 2018, recebemos o convite para ocuparmos o espaço vago de uma antiga creche e orfanato em Arraial d'Ajuda, a Casa

da Vó Jurema, onde outrora houve até 120 crianças morando. O prédio não condizia com nosso ideal, e tinha uma pendência judicial, mas fizemos o melhor possível para transformar seu aspecto sombrio em algo alegre, e ele nos abrigou por um ano. Quando decidimos sair dali, tínhamos 20 crianças conosco, de 2 a 7 anos, e 4 novas educadoras. Ao fim daquele ano, iniciamos a campanha que nos permitiria transformar um novo local. Em 2019 ocupamos aquele que viria a ser nosso local adorado, ao lado da Aldeia Velha Pataxó, com um belo quintal. O financiamento coletivo possibilitou a reforma do espaço. Todas as paredes externas ganharam pinturas artísticas; cuidamos do jardim; preparamos o piso que viria a receber, meses depois, a tenda de circo, e levantamos outras estruturas básicas necessárias. Preparamos diversos ambientes e dispositivos pedagógicos, como o cantinho da horta; o setor de compostagem; a casa das galinhas - guardiãs; a tenda da bruxa; a caixa de areia. Com pneus velhos, criamos os brinquedos do jardim. Montamos o observatório de pássaros e a montanha do grito do leão. Ainda em 2019 efetuamos a compra da tenda de circo, que chegou no meio do ano e foi inaugurada com uma vivência formativa. Alguns meses depois, a geodésica de bambu chegou e foi coberta feito uma oca, ou kijeme, como a chamam os pataxós. Planejada para ser escritório e recepção, nossa 'geoca' tornou-se cantinho da escuta, do silêncio, das reuniões pedagógicas, de partilhas.

Ao final de 2019, havia 34 crianças na Ciranda Curumim, de 26 famílias diferentes, e nossa equipe pedagógica tinha 13 educadores.

Em 2020, animados por mais investimentos no espaço, para ocuparmos as casas e o terreno ao lado, com mais famílias chegando, a pandemia nos mandou para casa e os portões do Jardim Ciranda terminaram por serem fechados. Um golpe extra foi acontecer a venda do terreno, diante do que desmontamos tudo, e todas as coisas foram para o Canto da Floresta e a Casa Beija Flor, nossas casas (de Ilana e Caína).

Com o trabalho pautado no afeto e na Presença, no contato físico, e sem encontrar sentido no mundo online para as crianças no primeiro setênio, sem poder sustentar as atividades, as famílias foram se afastando e muitas se desligaram do Jardim Ciranda, o que nos fez mudar o foco por algum tempo e, como nos convidou a fazer a pandemia, recolhemo-nos mais.

Trazendo o cabível durante o isolamento mais rigoroso, Caína e eu decidimos manter os encontros de nossos filhos, por saúde mental e emocional, enquanto estudávamos sobre a criação de Círculos de Vizinhança, com José Pacheco, como uma solução para aquele momento de isolamento social. Aos poucos, abrimos os encontros para outras famílias, as mais próximas em nossos círculos de confiança - e não necessariamente em nossa vizinhança. Mudamos o conceito de Círculo de Vizinhança para Círculo de Confiança, e até o fim de 2020 mantivemos 7 crianças de nosso círculo mais próximo no Instituto Canto da Floresta e Casa Beija Flor, que passaram a ser os locais oficiais de encontros do Jardim Ciranda e assim permaneceram até o fim de 2022, com mais crianças chegando para a Ciranda Curumim, e a Adoletá nascendo.

Ao longo de 2021 e 2022, recebemos 3 propostas distintas para parcerias de investidores que, em tese, nos possibilitariam recriar outro ambiente, mas nenhuma delas nos foi atraente e segura o bastante para aquiescermos. Ao final de 2022, decididas a pausar e rever caminhos, recebemos proposta de possível parceria com famílias moradoras de Trancoso, e nosso foco de atenção se voltou para lá. Nessa mesma época, Caína foi chamada a assumir a coordenação pedagógica de uma escola com milhares de alunos em Trancoso, e possivelmente lançar algumas sementes de inovação e de transição escolar, o que foi realizado por alguns meses, enquanto a tecedura com as famílias interessadas em mudanças seguia, sem abandonarmos a busca por levantar o espaço onde possamos nos colocar novamente para acolher mais famílias e ganhar escala para provocar as mudanças com que sonhamos no tecido local, firmando um polo de Educação Regenerativa na região.

Em 2023, primeiro semestre, Caína seguiu o diálogo com as famílias de Trancoso, galgando o caminho para construirmos a Escola dos Sonhos, enquanto eu sigo representando o Jardim Ciranda, e Antonella a Associação Verdejar d'Ajuda, no projeto para o Centro Socioambiental de Arraial d'Ajuda, em conjunto com a Universidade Federal do Sul da Bahia e o Instituto Coral Vivo. A previsão é a liberação do terreno no Parque Central de Arraial d'Ajuda no segundo semestre de 2023, quando a tenda de circo do Jardim Ciranda poderá ter novo pouso e acolher uma parte das atividades que propomos.

6. NARRANDO ALGUNS RESULTADOS

‘É a característica global, e não a precisão de um detalhe, que distingue uma ecosofia’. (NAESS, 2017, p.108).

6.1 Uma linha do tempo

A tabela a seguir apresenta uma síntese geral com os aspectos mais relevantes do desenvolvimento do JC desde sua fundação (2015) até o primeiro semestre de 2023.



Figura 10 - Escolas são pessoas. Ilana com Caína, a grande parceira de trabalho, força motriz da Esperança Ativa do JC, incansável em sua persistência. A ela devemos muito.

Tabela 6 - Linha do tempo Jardim Ciranda, 1/3

LINHA DO TEMPO: JARDIM CIRANDA – parte 1/3



2015 2023

2015

- 15 de março: Jardim Ciranda nasce na casa de Ilana: 1ª reunião oficial do trio fundador
- Formação do grupo de estudos da Pedagogia Waldorf
- Primeiros círculos de mulheres (Ciranda das Lobas)
- Ciranda do Brincar acontecendo nos nossos quintais (de Ilana, Caína e Caroline): 7 crianças de 1 a 8 anos.
- 2º semestre: Ciranda da Gestação: Caroline, Caína e Ilana gestam 3 crianças.
- Formação do Primeiro Núcleo de trabalho, com 3 pessoas.
- Início da militância feminina organizada, pela saúde da mulher, com Caroline.

2016

- Nascimentos do trio de meninos, em março e maio.
- Ciranda Canguru: vivências de mães e bebês e papais no Espaço Hayó, Arraial d'Ajuda.
- Pausa na atividade com as crianças maiores, no primeiro semestre.
- Militância feminina caminhando paralelamente aos movimentos de cuidado com as mães e as crianças.
- Militância socioambiental ativa, com Ilana e a ONG Anjos d'Ajuda (Proteção Animal).

2017

- Jardim Ciranda bebês (de 6 meses a 2 anos): na Casa Aipotu; chegada de novas famílias.
- Curso Vivencial de Horta, Botânica e PANCs com a parceira e bióloga Carolina Weber Kffuri, com crianças de 8 e 9 anos.
- Projeto Praça Escola - revitalização da praça São Francisco, horta comunitária com a parceira permacultora Chloe Maitrille.
- Rodas de Conversa sobre Antroposofia e Pedagogia Waldorf com especialista convidada.
- 1ª Conferência Livre de Saúde da Mulher, seguida de criação do Coletivo Parto Seguro. Caroline zelando por essa frente.
- Formação Gaia Escola Piracanga. Caína zelando por essa frente: conhecendo José Pacheco.
- Formação Matrix axiológica: definindo valores.
- 1ª Tentativa de Parceria com Escola em Transição (Arraial d'Ajuda).

2018

- Visita dos educadores e José Pacheco e Cláudia Passos.
- Acolhimento no espaço no centro de Arraial, cedido para o Jardim Ciranda: Casa Vó Jurema.
- União de grupos: Jardim Ciranda se une à 'roda de mães' e fortalece o movimento do Coletivo Parto Seguro.
- Para a escola: elaboração do regimento interno, acordos de convivência, PPP.
- Intensificação dos diálogos sobre formalização e caminhos burocráticos possíveis.
- Oficina de CNV com Elisama Santos.
- Acampamento Pedagogia Viva em Caraíva, com Talita Moser, da Casinha Amarela.
- Rodas de Conversa no JC com Paulina Romero (pedagogia viva) e Kátia Massuda (Um olhar taoísta para a educação).
- Financiamento coletivo, público, para a nova sede.
- 2ª Tentativa de Parceria com Escola em Transição (Arraial d'Ajuda).

Tabela 7- Linha do tempo Jardim Ciranda, 2/3

LINHA DO TEMPO: JARDIM CIRANDA – parte 2/3

2019

- Casa nova! Mutirões de ação preparando o ninho: JC Aldeia, ao lado da Aldeia Velha Pataxó.
- Novas Famílias (20, ao todo, com 33 crianças de 2 a 8 anos).
- Tenda de Circo conquistada com financiamento coletivo interno.
- Geodésica de bambu construída.
- Formação do quarto núcleo de trabalho.
- Curso de TransFormação contínua para a equipe, módulos.
- Início da formalização, CNPJ empresa e Escola.
- Início da Ciranda da Lua Nova.
- Visionários de Gaia: Vivência terapêutica e formativa da equipe, com Cássio Oliveira José (o poeta 'Zero').
- JC convidado a fazer roda de conversa em curso transdisciplinar da UFSB, com a professora Gabriella Rodella.
- Ciranda das Lobas, roda de mulheres, convidada para vivência na UFSB.
- Ciranda das Lobas, roda de mulheres, convidada para vivência no Mosteiro Taoísta de Arraial d'Ajuda.

2020

- Formação Ayni: famílias JC em turismo educacional nas férias.
- Formalização da Empresa Social.
- Fortalecimento da Comunidade de Aprendizagem.
- Novas estruturas físicas e ambientes de aprendizagem para a escola.
- Elaboração da Carta de Princípios.
- Mapeamento da comunidade.
- PANDEMIA de Covid-19 leva ao isolamento social: escolas fechadas.
- Parceria com Instituto Gaia e EcoHabitare.
- Formações Aprender em Comunidade (com José Pacheco e Claudia Passos).
- Formação quinto núcleo de trabalho.
- Oficialização da moeda social Cirandela.
- Nascimento da Rede de Comunidades de Aprendizagem, tecida por José Pacheco.
- Desocupação do espaço físico da escola ao lado da Aldeia Velha.
- Fechamento da empresa.
- Insustentabilidade financeira para manter a equipe pedagógica.
- Suspensão das atividades com as famílias da Ciranda do Brincar.
- Implantação dos círculos de vizinhança/confiança, dentro da restrição social.
- Elaboração coletiva do manifesto pela educação.
- Nasce a Rede KUNE de Educação Integral: Caína, em rede com outros educadores, tendo o foco nos adolescentes, suporte online.
- JC convidado a fazer roda de conversa em curso transdisciplinar da UFSB, com a professora Gabriella Rodella.

2021

- Pequena expansão dos círculos de confiança, retorno de mais 4 famílias do Jardim Ciranda.
- Foco na estruturação dos ambientes do Canto da Floresta e Casa Beija Flor.
- Atividades mediadas por Caína e Ilana como educadoras de referência.
- Visita secreta de José Pacheco (momento político federal não favorável à sua exposição) tecendo os caminhos da > Rede de Comunidades de Aprendizagem e o lugar do JC na rede.
- Caína e Ilana como tutoras no Aprender em Comunidade II, formação de educadores.
- Adoletá começa em maio, com 3 adolescentes, ainda na restrição social.
- Denúncia de desmatamento: crianças e adolescentes do JC se posicionam e participam de manifesto; nasce um movimento em Arraial pela defesa de uma APP ameaçada e questionando o avanço imobiliário irrefreado.
- Jardim Ciranda unido à Associação Verdejar d'Ajuda no Manifesto pelas Árvores; participação social ativa e efetiva na busca por políticas públicas com alcance socioambiental e educacional.
- JC convidado a fazer roda de conversa em curso transdisciplinar da UFSB, com a professora Gabriella Rodella.

Tabela 8 - Linha do tempo Jardim Ciranda, 3/3

LINHA DO TEMPO: JARDIM CIRANDA – parte 3/3

2022

- Nova expansão dos círculos de confiança: novas famílias chegando.
- Princípio de reestruturação da equipe pedagógica: duas educadoras de referência reassumiram o círculo.
- Encontros semanais no Canto da Floresta e na Casa Beija Flor.
- Realização bem sucedida da Turma Piloto, com aprendizagem por projetos.
- Adoletá se expande e surge interesse por conservação dos macacos guigós.
- Defesa de doutorado de Carola, à frente do coletivo Parto Seguro: 'Violência obstétrica e participação social: um estudo de caso de um coletivo de mulheres no Sul da Bahia'.
- Diálogos com 2 possíveis investidores que procuram o JC, em momentos distintos, para parcerias. Não concretizadas.
- Desenho da visão ampliada, do Grande Círculo da Vida: entendimento da metodologia Jardim Ciranda (a mandala, grande círculo da vida) e busca por foco na escola, educação de infância.
- Fechamento do ciclo de encontros no Canto da Floresta e Casa Beija Flor, para buscarmos novos caminhos e parcerias para viabilizar a escola integrativa, com foco inicial em educação infantil, fundamental I e II, e ensino médio.
- 3a Tentativa de Parceria com Escola em Transição (Arraial d'Ajuda), diálogo com escola pública, auxílio de José Pacheco em diálogo com a Secretaria de Educação. Caroline, Caína, Marcos e Adelita à frente do movimento.
- 4a Tentativa de Parceria com Escola (Caraíva): diálogo com escola particular se tornando Comunidade de Aprendizagem. Caína buscando a ponte.
- 5a Tentativa de Parceria com Escola em Transição (Trancoso): diálogo com escola particular. Caína buscando a ponte.

2023

- Pausa das atividades diretas com as crianças; foco na reorganização geral.
- Crianças do Jardim Ciranda frequentando outras escolas.
- Diálogo com a Secretaria de Educação; com possíveis financiadores e parceiros para a construção da Escola dos Sonhos, JC em parceria com uma escola internacional e com a comunidade de Trancoso: Caína à frente nessa busca de ponte, com apoio de José Pacheco.
- Parceria com a Associação Socioambiental Verdejar d'Ajuda, a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e o Instituto Coral Vivo, para a implementação do Centro Socioambiental no Parque Central de Arraial d'Ajuda. Antonella e Ilana tecendo esse caminho.
- Cirandas seguindo no Canto da Floresta: Lua Nova; Lobas; Adoletá (mais esporádica).
- Trabalho com o Coletivo Parto Seguro segue, na busca pela Casa de Parto. Caroline segue atuante. Participação na formação de mandato coletivo feminino, a se posicionar em 2024.
- Trabalho com o ativismo socioambiental segue. Ilana atuante, participação na formação de mandato coletivo sustentável, a se posicionar em 2024.
- Tese de doutoramento sendo realizada na UFSB, por Luísa, educadora parte de nossa equipe, sobre Comunidade de Aprendizagem, tendo o Jardim Ciranda como parte do objeto de estudo.
- Entrega da dissertação de mestrado de Ilana, pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), com estudo de caso sobre o Jardim Ciranda.
- Plantando sementes de uma nova etapa, para levantar essa escola com estabilidade e segurança, para que alcance muitos seres, prospere e atue fortemente na melhoria do tecido local, de forma sustentável, regenerativa, integral!

6.2. Valores, missão, carta de princípios: a semente dourada do jc.

Montessori (1967) apregoa que a educação da criança muito pequena não visa a prepará-la para a escola, mas para a vida. Concordamos com ela, e também com o provérbio africano que diz que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. Daí entendemos que educação integral e regenerativa precisa incluir e considerar todos os seres de uma comunidade, em todas as etapas de sua vida.

Desde que José Pacheco passou a auxiliar nossa caminhada, buscamos seguir alguns passos que ele orienta rumo a estruturação da comunidade de aprendizagem. São 18 passos, sinteticamente descritos em seu livro *Inovar é Assumir um Compromisso Ético com a Educação* (2019), dos quais cumprimos uma parte, que fez sentido para nós e que pudemos alcançar. O primeiro passo, montar o núcleo de projeto com as pessoas diretamente engajadas em pensar e agir pelo projeto, já existia quando o conhecemos; passamos então a organizar nossa matriz axiológica (2018), e a carta de princípios veio em 2020. Em 2018, ao elaborar o estatuto, coletivamente definimos a Missão do Jardim Ciranda:

O Jardim Ciranda, enquanto Comunidade de Aprendizagem, tem como missão promover a convivência fraterna, saudável e ética entre os seres, através de práticas pedagógicas e educacionais que desenvolvam e valorizem a autonomia, a sustentabilidade integral e a consciência planetária.

No mesmo ano, firmamos nossos primeiros 5 valores, começando a estruturar nossa matriz axiológica: respeito, alegria, sustentabilidade, solidariedade, autonomia. Regeneração e Diversidade entraram para a matriz em 2020.



Figura 11 - Nossos Valores, 2018 - fotografia de desenho.

A CARTA DE PRINCÍPIOS foi elaborada durante a pandemia por Covid-19.

CARTA DE PRINCÍPIOS

“Comunidades de Aprendizagem são pessoas organizadas em rede, em solidariedade, que produzem conhecimento a partir da necessidade e que ajudam a melhorar o tecido local”

José Pacheco

Comunidade é a união de pessoas que partilham interesses, ideias, sonhos. O que une essas pessoas são suas histórias de vida, objetivos, metas e desejos compartilhados, com intuito de ampliar suas condições de aprender a viver e de estar no mundo. A Comunidade de Aprendizagem é uma organização social que tem como objetivo construir uma educação que transforma a sociedade. Ela se manifesta através do chamado para que todos que compõem essa rede se envolvam ativamente na educação e transformação do mundo, rompendo com a ilusão do individualismo, pensando e agindo em coletivo.

Uma Comunidade de Aprendizagem é formada por famílias, educadores e crianças e se constroi através das relações entre as pessoas que participam do seu desenvolvimento - todos são protagonistas e atuantes deste fazer em conjunto. Nesta, preza-se por tomadas de decisões democráticas, dando-se

voz a todos os sujeitos constituintes desta prática. A escola é o local de encontro dessa comunidade, o centro, que tem na educação um propósito comum. Em uma Comunidade de Aprendizagem as crianças e os adultos são acolhidos e respeitados em sua singularidade, com a sua bagagem trazida de casa, no contexto em que estão inseridos. São observados, ouvidos e sentidos com muito amor.

A aprendizagem em comunidade se constrói a partir de perguntas feitas, das necessidades apresentadas e de curiosidades despertadas. Neste ambiente de aprendizagem, valoriza-se as trocas, as relações e tudo que se constitui nestas interações. Nas relações constituídas, não existe alguém que seja o detentor do saber, enquanto o outro assume a função de receber e arquivar os conteúdos. Neste caminho não há adulto que saiba mais que outro adulto, nem mesmo adulto que saiba mais que as crianças. Há a diversidade de saberes que se reconhecem e respeitam mutuamente e buscam formas de se complementarem. A partir de cada membro da Comunidade, pode fluir um canal de aprendizagem, pois cada um é reconhecido como fonte de talentos e necessidades de aprender. É da abertura para as diferenças que se faz possível a construção de uma prática educativa que alcança a autonomia e compreende a tarefa democrática.

A educação, no entanto, não se resume à instrução escolar. As ramificações desta Comunidade se expressam, justamente, através da compreensão do que é este fazer educativo. Precisando estar alinhada aos desafios e contradições que se apresentam na sociedade contemporânea, para, assim, construir uma educação transformadora, questionadora; uma educação que se propõe a resolver as questões essenciais de nossa formação e desenvolvimento enquanto seres humanos no mundo. Dentro da sociedade, a Comunidade de Aprendizagem se apresenta através dos seus projetos e dos seus valores, convidando a todos a vivenciar um processo de *aprender a aprender*.

Ao colocar as relações como centro do fazer educativo, compreende-se a educação como uma especificidade humana; por isso, não se pode deixar de ter os valores como sementes desta transformação. Os valores que sustentam o Jardim Ciranda são: Autonomia, Sustentabilidade e Regeneração, Alegria, Solidariedade, Diversidade e Respeito. Estes valores são a base para a sustentação dessa Comunidade, é como se exerce coletivamente a mudança que se deseja ver acontecer. É a maneira pela qual enxerga-se e sente-se o mundo dentro de cada ser, e, também, como se manifesta e se reage aos acontecimentos do mundo. Através deles pode-se guiar o trabalho a ser feito e crescer enquanto seres humanos que vivem em sociedade, que interagem e evoluem junto com o

outro, com a natureza e com todas as manifestações do ser.

Novamente citando José Pacheco, em uma Comunidade entende-se que “Escolas são pessoas e pessoas são os seus valores” e, como brilhantemente ressalta o mestre Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, por isso, acredita-se que o ato educativo precisa acompanhar a tarefa de formação cidadã, pautado em valores humanos, que refletem sobre a convivência com o coletivo e buscam respostas aos problemas da sociedade. A educação intervém na sociedade, pois os sujeitos que dela participam, junto aos seus valores, possibilitam esta intervenção. Tão importante quanto estabelecer os valores é descobrir como colocá-los em prática individual e coletivamente. Cada interação semeia o mundo e os tempos por vir.

Uma Comunidade de Aprendizagem é o campo fértil para uma nova educação que se estende muito além de espaço físico de uma escola ou até mesmo das fronteiras geográficas. É onde a noção de família nuclear se expande e as pessoas passam a se entender como família humana, assumindo não só a responsabilidade pela própria progenitura, mas também pelos outros filhos, de seu entorno e seu tempo. Diante disso, surge a necessidade de se juntar em grupos e redes, trocar e gerar conhecimentos. Os antigos modelos não servem mais, mas tampouco devem ser totalmente descartados. É preciso saber honrar o caminho trilhado pelos antepassados, abraçar os conhecimentos proporcionados pela história que nos antecede, ressignificá-los e descobrir suas lacunas, sem ter que seguir na mesma direção. É imprescindível reconhecer a situação emergencial na qual nos encontramos. Vivemos em um mundo enfermo. A Comunidade de Aprendizagem é mais uma busca conjunta de cura do que uma solução. É onde buscamos juntos caminhos criativos para a sobrevivência de nossa espécie. Assim ela pode ser entendida pela sociedade. Como um espaço de exercício de uma nova humanidade.

Arraial D’Ajuda, julho de 2020.

6.3. Visão ampliada: O GRANDE CÍRCULO DA VIDA. Todas as cirandas do JC.

Aprendemos do primeiro ao último suspiro. Cuidado e busca por comunidade.

Estamos desaldeados. Na tentativa de nos aldearmos, vivendo em um território multicultural e diversificado, criamos uma metodologia integrativa da aprendizagem, desenhando o Jardim Ciranda como uma mandala onde os ciclos da vida são contemplados e onde reconhecemos o processo de aprendizagem como algo contínuo e inerente à própria existência. Sabemos que o Jardim Ciranda é mormente percebido como uma escola para crianças, provavelmente porque fizemos mais ações com as crianças, porque as divulgamos mais, e porque toda a beleza que envolve esse trabalho toca as pessoas de modo significativo - e percebemos isso pelo modo como ouvimos falar do Jardim Ciranda. Entretanto, apresentarei aqui a visão ampliada, para além da 'escolinha infantil', porque essa parte mais conhecida é apenas uma roda dentro do grande círculo do Jardim Ciranda, considerando as partes já realizadas e as que ainda estão ganhando formato. Tudo o que diz respeito aos ciclos do nascimento até os adultos, nós fizemos; o que diz respeito ao ciclo da ancestralidade está ainda no plano dos sonhos e planejamentos, exceto pela ciranda da partida, que é sempre ativa com os animais, dentro do trabalho de resgate animal que acontece no Instituto Canto da Floresta, e pela ciranda das anciãs, visto que há algumas avós e bisavó em nossa comunidade.

Segundo a UNESCO, a educação tem 4 pilares fundamentais: *o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. Na grande mandala, grande círculo que enxergamos que seja o Jardim Ciranda, cabem os quatro pilares. Ao nos lapidarmos como Comunidade de Aprendizagem, e sendo escola, na medida em que verdadeiramente concebemos que escolas são pessoas e tudo o mais com o que possamos conscientemente nos relacionar, tornamos real a possibilidade de que possamos, desde a barriga e até a despedida última, aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser, não necessariamente nessa ordem.

A resposta para o dilema da cultura era clara: a verdadeira revolução nunca aconteceria até que as crianças se lembrassem do caminho para chegar à idade adulta - e os adultos à verdadeira velhice - e os mais velhos à morte honrosa. E

nada disso aconteceria a menos que Eu aprenda a antiga arte de dar à luz a Mim mesmo e, por definição, a outros de minha espécie, por meio de ritos de passagem na natureza selvagem, na nossa verdadeira Mãe, em casa (Steven Forest, apud VIVAQCUA, 2021, p.123).

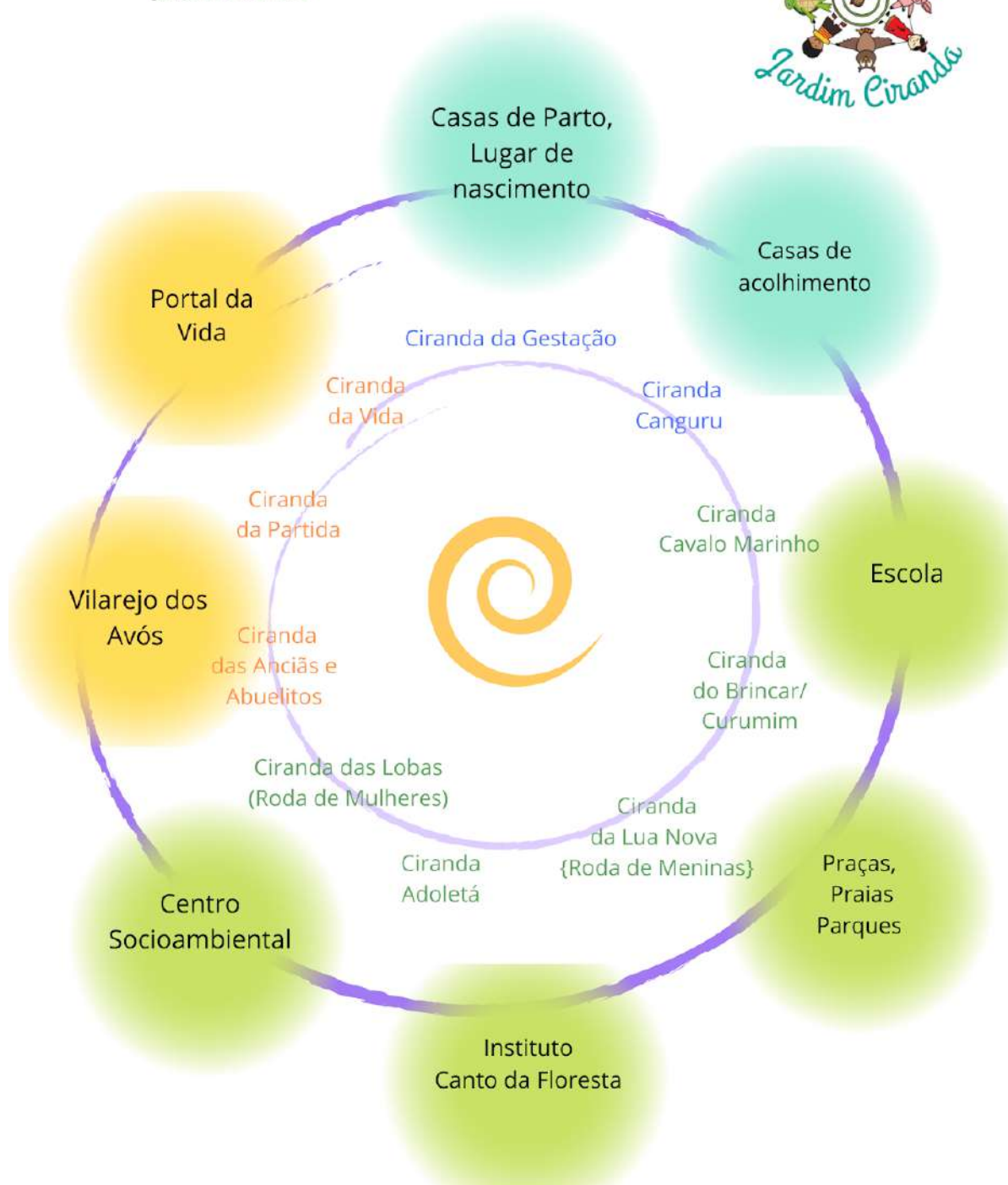
Apresentamos a grande mandala em círculos menores, que acolhem as cirandas de cada etapa:

CICLO NASCIMENTO E PRIMEIRA INFÂNCIA: ciranda da gestação; ciranda canguru; ciranda cavalo marinho.

CICLO INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E ADULTOS: ciranda curumim, adoletá, ciranda da lua nova; ciranda das lobas; abelhices;

CICLO ANCESTRALIDADE: vilarejo dos avós, ciranda das anciãs e abuelitos, ciranda da partida e portal da vida.

Na imagem que segue podemos ver algumas cirandas como parte da mandala e locais que fazem parte da realização do projeto amplo. Alguns já existem, outros estão no plano dos sonhos, mas todos estão sendo gestados. Muito trabalho é necessário, e muito amor, para que esse grande círculo da vida termine de se materializar, com todas as cirandas ativas, provocando transformações locais, ou melhor, glocais, como bem colocam os idealizadores da Green School of Bali, referindo-se à máxima ambientalista 'pensar globalmente, agir localmente'. Ao visualizarmos essa mandala, tentamos ser a mudança que queremos ver no mundo, como propôs Mahatma Gandhi, e também trabalhamos para deixar filhos melhores para o mundo e um mundo melhor para nossos filhos, e os filhos dos filhos de nossos filhos. E aqui intencionalmente repito a palavra 'filhos', porque a ética que a sustentabilidade clama vem de não nos esquecermos de que devemos pensar neles, e 'pisar suavemente sobre a terra', como declama Ailton Krenak, para que nossos lastros não sejam problemas para as próximas gerações. Somente quando nos percebermos parte desse grande ciclo, e nos lembrarmos de que morreremos e de que outros virão depois de nós, e soubermos que só nascemos porque houve quem viesse antes de nós, é que poderemos galgar o patamar não apenas da vida socioambientalmente sustentável, mas em processo regenerativo.



Contempla o ciclo da vida, com ambientes de acolhimento e aprendizagem para todos os ciclos do desenvolvimento.

Figura 12 - O grande círculo da vida, a mandala Jardim Ciranda. Versão 2023.

- **Ciranda da Gestação** - Doulagem do nascimento, criação do Coletivo Parto Seguro: rede colaborativa de mulheres em torno da maternidade, especialmente nas fases de gestação, parto e puerpério. Promoção de atividades como rodas de conversa, atividades de autocuidado, yoga, orientação para o parto etc.

Para mudar o mundo, é preciso primeiro mudar a forma de nascer. (ODENT, 1981).

A natureza selvagem possui uma vasta integridade. Ela implica delimitar territórios, encontrar nossa matilha, ocupar nosso corpo com segurança e orgulho independentemente dos dons e das limitações desse corpo, falar e agir em defesa própria, estar consciente, alerta, recorrer aos poderes da intuição e do pressentimento inatos às mulheres, adequar-se aos seus próprios ciclos, descobrir aquilo a que pertencemos, despertar com dignidade e manter o máximo de consciência possível (ESTÉS, 1992, p 26).

- **Ciranda Canguru (Mãe-e-bebê):** Momentos de amor, acolhimento e cuidados com gestantes no último trimestre da gravidez e mães com bebês que ainda não caminham. Fortalecimento do vínculo bebê-mamãe com leveza, carinho, massagem, alongamentos, Yoga, música, momentos de risos e choros, uso do método Dance Mãe-e-Bebê, desenvolvido por Ana Cândida Zanesco. Em 2016 e 2018, treze duplas mãe-e-bebê participaram dos encontros da Ciranda Canguru.
- **Ciranda Cavalo Marinho** (papais e bebês/crias pequenas): Atividades dos pais (homens) com os bebês ou crianças pequenas, com a finalidade de desenvolver momentos de conexão que fortaleçam o elo paterno e criem referência de presença com um masculino saudável.
- **Ciranda Curumim ou Ciranda do Brincar** (crianças): Educação da infância, cuidado atento, com respeito à individualidade, o tempo e os talentos de cada ser; valorização do livre brincar e oferta de atividades programadas que auxiliem no desenvolvimento das habilidades compatíveis com as fases do desenvolvimento. Entre 2015 e 2022, passaram pelas atividades da Ciranda Curumim 52 crianças de 06 meses a 09 anos.

- **Ciranda Adoletá** (adolescentes): Encontros com jovens de 11 a 15 anos, em grupos de até 10 pessoas, em ambientes de aprendizagem saudáveis, com respeito às suas necessidades e interesses, com foco em autoconhecimento, autodesenvolvimento, autocuidado, sustentabilidade e regeneração. Vivências na natureza, bioconstrução e atuação em manifestos (pela educação; pelas árvores) e projeto pela conservação da biodiversidade. Entre 2021 e 2023, passaram pela Adoletá 21 adolescentes nos encontros regulares, e cerca de 30 jovens de outra escola de Arraial que vieram para um dia de vivência de Bioconstrução no Canto da Floresta.
- **Ciranda da Lua** (roda ritualística de adolescentes meninas): Vivências individuais e em grupo com meninas de 11 a 15 anos, para auxiliar nessa fase do desenvolvimento. Rodas de conversa sobre diversidade, sexualidade e padrões de estética. Escuta ativa, Yoga, dança, fogueira, autoconhecimento, espiritualidade. Entre 2019 e 2022, foram feitos 6 encontros grupais, e passaram pela Ciranda da Lua 10 jovens.
- **Ciranda das Lobas** (rodas ritualísticas de mulheres): Encontros de mulheres para fortalecer o instinto feminino e a intuição, cultivar um ambiente seguro e terapêutico, de amizade e o apoio mútuo, e celebrar os ciclos naturais. Os registros são incompletos, mas avalio que entre 2015 e 2023, foram feitos cerca de 35 círculos femininos em Arraial d’Ajuda, Caraíva e Porto Seguro, com participação de 6 a 35 mulheres em cada um deles, e um número total de participantes da ordem de 7 centenas.

E então, o que é a Mulher Selvagem? (...) Ela é quem se enfurece diante da injustiça. Ela é a que gira como uma roda enorme. É a criadora dos ciclos. É à procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos pra casa. Ela é a raiz estrumada de todas as mulheres. Ela é tudo que nos mantém vivas quando achamos que chegamos ao fim. Ela é geradora de acordos e ideias pequenas e incipientes. Ela é a mente que nos concebe; nós somos os seus pensamentos (ESTÉS, 1992, p 27).

- **Abelhices: encontros terapêuticos e de trabalho coletivo** - laborterapia (mutirões) e rodas de estudos da equipe pedagógica ou de familiares e convidados, para autodesenvolvimento e partilha de cuidados, buscando harmonização individual e de grupo, tanto quanto a construção coletiva de estruturas, projetos, ideias.
- **Visualização do Vilarejo dos Avós, Ciranda das anciãs e abuelitos:** O plano é de que o Vilarejo de Avós venha a ser preparado e adaptado para acolher essa fase do desenvolvimento humano que requer alguns cuidados especiais. Desenhamos para essa etapa cuidados com a saúde e práticas de bem estar. Envelhecimento positivo deve ser compreendido em múltiplos aspectos, considerando necessidades físicas, estruturais, aspectos psicológicos, de pertencimento, de bem-estar e espirituais. Dentro de uma visão integrativa, valorizando nossa ancestralidade e tendo em vista que Escolas São Pessoas, como diz Zé Pacheco, e Pessoas São Escolas Vivas, como diz Cristine Takuá, a Ciranda das anciãs e abuelitos é uma parte importante da visão Jardim Ciranda, mas ainda não se estruturou de fato, exceto pelo zelo às avós e avôs de nossas famílias, em suas respectivas casas. No Vilarejo, pretendemos contar com o apoio de uma equipe multidisciplinar para atender as necessidades individuais e coletivas. Projetos escolares de cuidado e valorização da transmissão oral de conhecimento devem ser desenvolvidos nesse ambiente, de modo a garantir uma conexão cíclica e saudável entre todas as etapas do desenvolvimento.
- **Ciranda da Partida** - doulagem da morte para animais e humanos. Realizado pelo Círculo da Juerana (mulheres erveiras de Arraial): Ilana com os animais, Antonella e outras com os humanos. Com os animais, é um trabalho presente desde os primórdios do Jardim Ciranda. O Trabalho com humanos está em preparação. Em alguns casos, crianças, adolescentes e adultos participam de ritos de despedida de animais e sua entrega à terra, reconhecendo e honrando a ciclicidade que rege a natureza, como uma potente Lei natural. Ao longo da história do Jardim Ciranda,

foram doados cerca de 25 animais domésticos (cães, gatos, galinhas) e 15 animais silvestres vertebrados (aves, saguis, saruês, tamanduá-mirim).

- **Portal da Vida** - com Associação Verdejar d' Ajuda: ideamos plantar corpos humanos cremados e encapsulados junto com uma muda de árvore nativa e gerar floresta urbana. Acompanhamos o processo da vida, do gestar e nascer ao morrer. Vida-morte-vida, como diz Clarissa Pinkola ESTÉS (1992, p. 27). O "plantio de pessoas" possibilita uma reintegração do processo do morrer ao ciclo natural da vida, oferecendo às famílias lugares especiais para cultivar e celebrar os mortos, ajudando na restauração de áreas degradadas e somando medidas no que tange ao trabalho frente às mudanças climáticas.

A Mandala da Vida, visão ampliada do Jardim Ciranda, intenciona abraçar a totalidade do ser humano e nos ajuda a integrar todas as etapas da vida, com o suporte de uma assistência psicológica, emocional, física e espiritual, favorecendo a reconexão com Gaia e o aspecto da impermanência de todas as coisas materiais, a reintegração do ser nos movimentos cíclicos da vida e a regeneração de seu modo de se relacionar com a vida-morte-vida. O Reconectar-Reintegrar-Regenerar dentro do processo educativo, cultivando a aldeia fora da aldeia.

A vida exige que vivamos mortes para que ela própria siga. A porta de saída é a porta de entrada (PATRÍCIA FAVANO, fundadora do Santuário Vale da Rainha, em MG - Brasil. Nota de aula ao vivo, abril de 2023).

6.4. Jardim Ciranda em rede: parcerias e manifestos

Buscando a cultura regenerativa e tendo o diálogo e a cooperação como princípios, pontes foram feitas com escolas/ educadores/ instituições de saúde relacionadas ao parto. A partir dessas pontes, três significativos manifestos foram realizados:

O manifesto por um parto seguro, pelo direito ao parir livre, com respeito e apoio institucional, nasceu a partir do trabalho de Carola com saúde pública e das histórias

vividas nos partos de nossos filhos, com dois trabalhos iniciados em casa e terminados com violência hospitalar. Das dores de uma dessas histórias, uma carta foi escrita e posteriormente entregue por Carola à Secretaria Estadual de Saúde, dando início ao longo processo que tem lutado por condições adequadas à segurança das parturientes e ao direito de escolher como e com que tipo de apoio parir. O Coletivo Parto Seguro começou a se formar em 2016, e hoje envolve a Universidade Federal do Sul da Bahia, empresas de doulagem e ativistas da causa. A verba para a construção da Casa de Parto pela prefeitura foi aprovada em 2019, mas a obra não foi executada, e as manifestações em cobrança seguem.

O manifesto pela educação nasceu como resposta às dores emocionais de uma jovem de 12 anos, filha de Caína, diante da insalubridade escolar vivida por ela com a pressão da semana de provas e o modelo de acompanhamento online obrigatório instaurado pela escola que ela frequentava quando se iniciou a conhecida pandemia de Covid-19. Diante da ausência de compreensão ou abertura ao diálogo construtivo por parte da escola, Caína - buscando forças no coletivo e enxergando a oportunidade de transformação - iniciou o manifesto e reuniu vozes de outros pais, mães, educadores. O manifesto foi assinado por educadores do Jardim Ciranda, da Universidade Federal do Sul da Bahia, de outros Estados e pelo professor José Pacheco. Ele foi publicado em 2020 para os mais de 200 educadores que então participavam do percurso Aprender em Comunidade, da Ecohabitare, organizado por Claudia Passos e José Pacheco, e foi entregue pessoalmente a algumas escolas Brasil afora, *pelas mãos de adolescentes* que se sentiram nele representados e cujas famílias se sentiram apoiadas para realizar mudanças. Assim como Flora, outros jovens saíram das escolas que frequentavam e suas famílias se reorganizaram para viver a educação de uma forma diferente, mais humana e respeitosa. Do manifesto nasceu o elo entre famílias e educadores de partes variadas do Brasil, e do elo foi criada a escola Kune, online, que deu suporte na tutoria de adolescentes durante os anos pandêmicos de 2020, 2021 e 2022. O texto se encontra no **anexo 1**.

O manifesto pelas árvores, que uniu as crianças da Ciranda do Brincar e os adolescentes da Adoletá com a Associação Verdejar d’Ajuda. A partir da pergunta feita pelas crianças, sobre árvores marcadas com ferimentos e fitas coloridas na região da Trilha Ecológica de Arraial d’Ajuda, em maio de 2021, um questionamento público foi lançado, através de pequeno vídeo que rapidamente circulou nas redes sociais e levantou o olhar da comunidade de Arraial e Trancoso. Diante da evidente ameaça de as árvores serem derrubadas sem que qualquer protocolo de estudos ou participação da comunidade tivesse sido feito, as crianças prepararam cartazes e se puseram a manifestar-se, cantando em frente ao bosque ameaçado. Um abaixo-assinado foi criado por um morador, rapidamente atingindo 8 mil assinaturas pela não-derrubada das árvores (o que representa um terço da população de Arraial d’Ajuda), e os jovens da Adoletá também se posicionaram, assumindo voz no Manifesto Pelas Árvores que escrevi e cujo texto serviu de voz para o vídeo criado pela Associação Verdejar d’Ajuda, lançado na semana do meio ambiente, junto com o ato na praça que envolveu a comunidade arraiana, num chamado à organização social e movimentação por políticas públicas socioambientais. Houve uma audiência pública para responder à comunidade aquela mesma pergunta que as crianças primeiro fizeram, e longos meses de diálogo se deram, envolvendo prefeitura municipal, empresários do ramo minerador e imobiliário, representantes da sociedade civil, cientistas que se uniram como corpo técnico para dar suporte à questão, representantes pataxós, crianças aguardando posicionamento dos adultos e lançando suas vozes. O resultado disto foi a maior mobilização social, o começo de um estreitamento de laços entre diversas organizações localmente atuantes, e a mudança radical no projeto urbanístico que derrubaria, inicialmente, mais de 650 árvores nativas, em área de preservação permanente (beira de córrego), para abrir uma avenida de seis metros de largura no trecho onde era - e se manteve - a Trilha Ecológica que conecta os bairros Centro e Corais do Arraial. Dezoito meses depois do questionamento das crianças, a nova obra foi inaugurada, adequada à realidade local, respeitando as leis ambientais e a vontade da comunidade local. Foi uma vitória. O texto completo se encontra no **apêndice H**.



A



B



C

Figura 13 - Manifesto pelas árvores. (A) Crianças preparando cartazes, maio de 2021; (B) Encontro da comunidade arraiana, diálogo e manifesto na praça; 5 de junho de 2021 (C) Comunidade em manifestação em frente a ponto turístico da entrada de Arraial.

De certo modo, cada uma de nós três (Carola, Caína e eu) representamos uma dessas três frentes de atuação mais direta (saúde da mulher e parto seguro; educação; meio ambiente), embora todas atuemos pela educação. O resultado disso é que, em 2019, recebemos uma homenagem por parte do CRAS de Arraial d’Ajuda (Centro de Referência de Assistência Social), certificando-nos como mulheres-líderes que provocam impacto na comunidade. Escolas são pessoas, portanto o reconhecimento é também ao JC como agente de transformação local.

As cartas do professor José Pacheco. Desde o início da pandemia, o professor José Pacheco passou a escrever cartas publicamente divulgadas, como se estivesse 20 anos à frente. Não é um exercício despropositado, este. A experiência coletiva do futuro nos coloca em estado de presença, aprendizagem e abertura criativa (VIVACQUA, 2021, p 44). É, portanto, semente de mudanças. O professor José Pacheco tem acompanhado o Jardim Ciranda desde 2017, e em suas cartinhas-manifesto ele cita passagens que envolvem nossas histórias, nossos desafios e nossas belezas. A carta de Arraial d’Ajuda é a que toca diretamente no Manifesto pela Educação. As cartas estão disponíveis online, no site do professor (constante das referências bibliográficas), e podem ser encontradas com as seguintes indicações:

Novas Histórias do Tempo da Velha Escola - José Pacheco:

- ‘Guaiú, 4 de março de 2041’.
- ‘Meda, 8 de abril de 2041’.
- ‘Encantado, 29 de dezembro de 2040’.
- ‘Alcanena, 26 de junho de 2040’.
- ‘Seixal, 24 de junho de 2040’.
- ‘Porto de Mós, 22 de junho de 2040’.
- ‘Planalto Central, 18 de junho de 2040’.
- ‘Arraial d’Ajuda, 14 de junho de 2040’.

6.5. 'Escolas são pessoas': o encontro com o professor José Pacheco e as formações sobre aprender em comunidade. O turismo educacional aparecendo no horizonte.

No ano 2002, na Unicamp (Universidade Federal de Campinas), no I Seminário Internacional Paulo Freire - 5 anos após sua morte e vindo a honrar sua estada como professor naquela universidade entre os anos de 1981 e 1991 - ouvi Rubem Alves contar a história da escola com que sempre sonhou, sem nunca imaginar que pudesse existir. Ele falava da Escola da Ponte, em Portugal, fundada em 1976 por José Pacheco, que estava ali presente, onde tomei conhecimento de seu trabalho. Não foi difícil ser tocada pela fala do poeta Rubem e do contador de histórias Zé Pacheco, e naquele momento o sonho de uma escola diferente foi aceso em mim, por esses três grandes educadores: Paulo Freire, Rubem Alves e José Pacheco. Nunca mais esqueci aquela tal escola que cabia nos sonhos e no duro mundo 'real', e em 2015 pude começar a manifestá-la, ao encontrar as outras mulheres que se tornaram a força de base para isso.

Passados 15 anos, em 2017, Jardim Ciranda com dois anos de acontecido, Caína foi ao encontro de José Pacheco, para a formação Gaia Education em Piracanga, na escola Inkiri. Levando seu filho Tiê a tiracolo, com 1 ano de idade, ela cultivou o começo do que viria a ser uma parceria entre o professor e amigo José Pacheco e o Jardim Ciranda. Em sua fala, entendemos com clareza o que sentíamos: *Escolas São Pessoas!* Isso ressoa com Cristine Takuá, coordenadora do programa Escolas Vivas, do Selvagem Ciclo de Estudos, quando diz que aprendemos com todos os seres (TAKUÁ, 2022).

Escolas não são prédios onde se 'dá aula'. Escolas são pessoas! Pessoas que aprendem em múltiplos espaços e em diferentes tempos. Pessoas que aprendem com outras pessoas, desde que elaborem projetos e disponham de mediadores e de instrumentos da recolha de informação, e que, transformando a informação colhida em conhecimento útil, contribuem para a sustentabilidade da *polis* (PACHECO, 2019, p.108).

Ao final do mesmo ano, recebemos a primeira visita do querido educador e da educadora Cláudia Passos, avaliando conosco o espaço que nos havia sido cedido, a Casa Vó Jurema, para onde levaríamos nossas atividades no ano seguinte (2018). Ao conhecerem nosso grupo e trabalho, e a área em que nos inserimos, ajudaram na organização de nosso núcleo de projeto, na sistematização de etapas a percorrermos e

que sinalizaram sobre o potencial do Jardim Ciranda como foco de turismo educacional. Sua afirmação apresentou quatro aspectos fundamentais:

- I. O JC está em um local que já é largamente explorado pelo turismo e tem infraestrutura para receber pessoas, que já vêm de toda parte do mundo, sobretudo por conta das belezas naturais da região.
- II. É muito fácil chegar ao Jardim Ciranda. Se comparado à Inkiri ou à Ayni, por exemplo, que já são referências de turismo educacional, e com dificultosos acessos, o JC é verdadeiramente mais simples. E se as pessoas se deslocam (e investem valores monetários altos) para passar uma semana naquelas escolas, então o Jardim Ciranda, contando ainda com a beleza de Arraial d’Ajuda, em tese é facilmente capaz de atrair esse público.
- III. O projeto do JC é belo e rico em valores. Tem potencial para crescer como algo valioso e que contribua para a região, transformando o território.
- IV. O núcleo de trabalho do projeto é forte - na ocasião, éramos 7 mulheres compondo o núcleo, e nossos familiares acompanhando e apoiando.

Se a educação não respeita o princípio que brota dentro de cada um, que seja tocar uma flauta, seja fazer um tecido, seja até escrever um texto, e tem pessoas que escrevem muito bem e outras que falam muito bem, e essa diversidade de saberes deveria ser respeitada, mas ela não é! E eu vivi isso intensamente durante 12 anos como educadora em uma escola, e quando eu resolvo largar esse barco violento e opressor da escola, surge essa outra oportunidade muito mais alegre, criativa e libertadora de dialogar com escolas vivas, porque, de escolas mortas, a gente sabe que o mundo está cheio. (TAKUÁ, 2022, P. 04).

No início de 2020, algumas famílias do JC estiveram na escola Ayni, em Guaporé - RS, com suas crianças, com o objetivo de conhecer os mecanismos pelos quais aquela escola se projetou como notável foco de turismo educacional. Pesquisa feita, impulso recebido. Naquele momento, nossa sociedade de 5 contava com 3 pessoas experientes no ramo empresarial, que enxergaram com clareza o que José Pacheco e Cláudia Passos haviam nos dito alguns anos antes. Visualizando ampliar nosso espaço e

fomentar nossas atividades, organizamos projetos, mas em 17 de março de 2020, a ordem de recolhimento por conta do Covid-19 nos freou.

Durante a pandemia veio o convite para que Caína e eu participássemos como tutoras no Aprender em Comunidade, organizado pela Ecohabitare e Gaia Escola, que teve 3 turmas sequenciais, com cerca de 200 tutorados cada uma, realizando um percurso de aprendizagem sob a orientação de José Pacheco e Claudia Passos e a tutoria de educadores que estavam ali para aprender fazendo. Todos os educadores - tutorados, tutorandos e tutores já experientes - estavam aprendendo como colocar em prática dispositivos de organização e de aprendizagem (formação de núcleos de projetos; matriz axiológica; acordos de convivência; montar perfil do educador; portfólios etc) e a buscar novas construções sociais de aprendizagem. Hoje nossa equipe está apta a receber os primeiros grupos de formação de educadores, semi-presencialmente, atuando em rede.

6.6. A equipe e as práticas de autoconhecimento: ninguém ensina o que sabe, transmite o que é. cuidar do cuidador. cuidar das relações.



Figura 14 - Mafalda, Quino.

‘Não se aprende o que o outro diz, mas aprende-se o outro’ (PACHECO, 2019, p 19).

Antes de qualquer encontro do JC, fazemos uma pausa e respiramos juntos. Em alguns momentos, durante os encontros, também paramos e nos atentamos à respiração, chave mestra para o autoconhecimento, o autocuidado e o autodesenvolvimento.

A Equipe pedagógica multiprofissional e multitalentos passou por várias etapas ao longo dos anos, desde 2 a 13 pessoas. Chegou a incluir subequipes de gestão, tutores, guardiões e facilitadores de processos formativos. Compreendemos serem necessárias

a estabilidade e a valorização financeira para um bom desempenho pedagógico ao longo do ano, o que infelizmente foi raramente possível assegurarmos, no período observado.

Compreendemos que todas as pessoas envolvidas na equipe pedagógica assumam o compromisso ético de serem educadores do Jardim Ciranda, passando por processos formativos como educandos e sendo também facilitadores para a formação de novos tutores e guardiões, o que demanda, necessariamente, algum olhar para o autoestudo, autocuidado, autodesenvolvimento, que algumas vezes praticamos em grupo.

A equipe trabalhou com entrega, amor e dedicação, e manteve regularidade de reuniões de alinhamento, com métodos permanentes de planejamento, monitoramento e acompanhamento de todos os processos e projetos desenvolvidos no círculo de aprendizagem. Durante esses anos, foram práticas regulares as reuniões pedagógicas semanais (incluindo momentos de avaliação metodológica, de acompanhamento individual do desenvolvimento de habilidades e competências das crianças, e de cuidado da equipe), encontros com fogueiras e rituais, celebrações e atividades terapêuticas.

Para ajudar a criança, necessitamos de tempo para estudá-la, observá-la, e isso requer paciência, amor e carinho. Mas, para fazê-lo, precisa o educador compreender a si mesmo, em vez de confiar em ideologias, sistemas e crenças (KRISHNAMURTI, 1957).



Figura 15 -: Escolas são pessoas. Parte da equipe pedagógica dos sonhos, 2019, em momento de escuta e reunião pedagógica.



Figura 16 -: Escolas são pessoas. Outra parte da equipe, 2019.

6.7. Eixos pedagógicos e projetos permanentes

Por eixo pedagógico, entendemos os temas-base essenciais que norteiam todas as nossas ações. São condizentes com nossos valores e meios para os alcançarmos.

Projetos permanentes são roteiros que acomodam um grupo específico de ações, com objetivos claros. Alguns projetos permanentes se encaixam em diversos eixos. Por didática, abaixo estão separados, de modo a simplificar sua visualização e entendimento.

Tabela 9 - Eixos pedagógicos e projetos permanentes

EIXO	PROJETOS PERMANENTES (QUANDO HOVER)		VALORES DO JC ALCANÇADOS
Autoconhecimento e Autocuidado	<ul style="list-style-type: none"> > Educação emocional: observação de sentimentos; > Corporificar a Presença: Yoga, kung-fu, capoeira, dança, jogos corporais. > Aprender a cuidar: técnicas de primeiros socorros holísticos; massagem 		Respeito, Alegria Sustentabilidade Regeneração Solidariedade Autonomia, Diversidade
Sustentabilidade e Regeneração: Alfabetização Ecológica	<ul style="list-style-type: none"> > Estar em círculo > Vivências na natureza > Práticas de permacultura e bioconstrução > Resgate e cuidado animal 		Respeito, Alegria Sustentabilidade Regeneração, Solidariedade Autonomia, Diversidade
Alimentação Consciente	<ul style="list-style-type: none"> > Cultivar, Cuidar, Colher > Receber o alimento: agradecer à Terra e a todos os seres envolvidos.. 		Respeito, Alegria Sustentabilidade Regeneração, Solidariedade Autonomia, Diversidade
Livre Brincar	<ul style="list-style-type: none"> > Brincar livre 		Respeito, Alegria Solidariedade Autonomia, Diversidade

(Continuação Tabela 7 - Eixos pedagógicos e projetos permanentes)

Consciência Indígena	<ul style="list-style-type: none"> > Conhecer e respeitar > Vivências na natureza 		<p>Respeito, Diversidade</p> <p>Regeneração, Solidariedade</p>
Expressão Artística	<ul style="list-style-type: none"> > Musicalização e dança > Artes manuais 		<p>Respeito, Alegria</p> <p>Autonomia</p> <p>Diversidade</p>
Ritmo e Rito	<ul style="list-style-type: none"> > Celebrar e Honrar, Ciclar 		<p>Respeito, Alegria</p> <p>Sustentabilidade</p> <p>Regeneração, Autonomia</p>
Formação Permanente	<ul style="list-style-type: none"> > Auto-observação e trocas > Círculos de Estudo 		<p>Respeito, Alegria</p> <p>Sustentabilidade</p> <p>Regeneração, Solidariedade</p> <p>Autonomia, Diversidade</p>
Pró-Diversidade e Anti-Racismos	<ul style="list-style-type: none"> > Malala > Conhecer e respeitar 		<p>Respeito, Alegria</p> <p>Regeneração, Solidariedade</p> <p>Autonomia, Diversidade</p>

6.7.1. Eixo autoconhecimento, autocuidado

- Projeto permanente: educação emocional, observação dos sentimentos.

De acordo com o Dalai Lama, o autoconhecimento implica antes de tudo aprender a entender e conter os sentimentos angustiantes: raiva, ciúme, inveja, ganância, orgulho etc. Compreender que esses sentimentos podem sempre surgir é algo que temos de ter em mente, mas podemos aprender a estar cientes deles e praticar sua contenção.

A auto-regulação é a capacidade de ser livre. A liberdade não é possível sem ordem, mas a única ordem que permite a liberdade é a que cada pessoa constrói por si mesma em cooperação com outros para tornar possível a dignidade de todos. Tendo como norte ético os direitos humanos, a autorregulação é o fundamento da cidadania e da participação social (Bernardo TORO, 2009).

Temos por ritual abrir nossas reuniões e aulas e palestras com alguns momentos de silêncio e respiração consciente, abrindo o campo para que cada um possa ter percepção de si e do grupo. O ponto de partida, do subjetivo ao planetário. Para sermos a mudança que queremos ver no mundo, cultivamos a travessia por dentro, com honestidade e gentileza, para os educandos e os educadores - que se revezam em seus papéis.

Com diálogo amoroso e impulsionador da auto-observação, os sentimentos e emoções são descobertos e reconhecidos pelas crianças, adolescentes e adultos. Para as crianças no primeiro setênio, usamos o projeto Monstrinho dos Sentimentos, com contação de histórias e confecção de monstrinhos de tecido, jogos interativos para se perceberem e encontrarem caminhos para se autorregular. A manifestação da Ilha dos Leões, por exemplo, para onde se dirigiam a emitir sons altos, quando sentiam necessidade, foi um dispositivo pedagógico criado pelas crianças, para autorregulação. Para os adolescentes, rodas de conversa construídas como um espaço de partilha e confiança possibilitam trocas, exercícios de auto observação, projeções e espelhamentos, incitando o autoestudo. Para os adultos, temos realizado atividades e cerimônias com propósito de autoestudo, autodesenvolvimento e aprimoramento de si dentro de um coletivo, pautadas em vivências terapêuticas com Yoga, Bioenergética, Meditação, Plantas Professoras (vivências xamânicas), estudos filosóficos.

A educação convencional dificulta sobretudo o pensar independente. O verdadeiro instrutor, num sistema educativo, não ensina, porém estimula o aluno a aprender. Não se trata de o que pensar, mas de como pensar lucidamente. Tendês, pois, em primeiro lugar, de vos transformar a vós mesmos, a fim de proporcionardes ao vosso filho o ambiente adequado; porque o ambiente fará dele ou um bruto, um técnico insensível, ou um homem inteligente e cheio de sensibilidade (KRISHNAMURTI, 1957).



Figura 17 - Projeto dos Sentimentos. (A) Educadora Ana, história dos sentimentos; (B) Educadora Ilana e criança em Presença, sentindo a própria respiração e seus mundos internos.

- Projeto permanente: corporificar a Presença.

Se a vida tem um significado mais alto e mais amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos esse significado? Enquanto a educação não atingir o significado integral da vida, bem pouco significará. Compreender a vida é compreender a nós mesmos; este é o princípio e o fim da educação. (KRISHNAMURTI, 1957).

As práticas para autoconhecimento e autocuidado ganharam importância crescente ao longo dos anos. Para todas as idades e situações, a prática da atenção plena à própria

respiração e práticas corporais como recurso para ancorar a Presença (corporificar a Presença). Foram recursos para nós algumas técnicas yogues, kung fu, bioenergética, dança, capoeira, massagem, jogos corporais para confiança (autoconfiança e confiança no grupo).

A CAPOEIRA é uma super escola, de convivência, de tolerância, de respeito. É uma escola de atenção, intenção, humildade. A capoeira ensina às pessoas coisas muito difíceis. Ensina as pessoas muito tímidas a se colocarem, ensina as extremamente autocentradas a baixarem a bola; ensina as pessoas rígidas a se flexibilizarem, ensina os mais fortes a respeitarem os mais fracos; ensina os mais fracos a respeitarem os mais fortes. É muito complexa, diversificada. Ganhar liberdade do corpo e também a liberdade do espírito, de compreender a realidade dura, difícil, triste da escravização e do genocídio de indígenas e africanos, compreender o que foi a diáspora africana e entender que nesse caldeirão cultural que o Brasil virou, todo mundo pode e deve, sim, participar disso e reivindicar essa herança, independente da sua genética. Sem apropriação cultural, mas com curiosidade e com respeito (SIDARTA RIBEIRO, em diálogo com VIVACQUA, 2021).

- Projeto Permanente: Aprender a Cuidar:

Os pequenos aprendem a cuidar dos animais e das plantas, nos jardins, hortas e na mata. A partir da Adoletá, práticas de cuidado com outro ser humano ganham vigor nos projetos, e eles aprendem técnicas básicas de primeiros socorros, massagens e outras ferramentas, com uma abordagem holística, incluindo o uso de óleos essenciais e recursos da medicina chinesa e ayurvédica.

6.7.2. Eixo sustentabilidade/ regeneração: alfabetização ecológica - da escolha do alimento às relações. *‘de onde isto vem e para onde isto vai?’*. A conexão com a natureza: *naturezanós*, sem separação.

- Projeto permanente: Estar em Círculo

Como forma de vivenciar e imprimir em nossos corpos a experiência de sermos parte de um todo, e não a ponta de uma pirâmide, fazemos todos os nossos movimentos grupais de forma circular. Essa prática fundamental é aplicada aos adultos - para nos reprogramarmos quanto a isso, e darmos o exemplo - e mais especialmente aos adolescentes e às crianças, para crescerem sob esse estímulo.



A



B

Figura 18 - Prática do círculo. (A) reunião das famílias (Conselho Guardião), 2019; (B) reunião entre os sócios da empresa JC; 2019.



A



B



C

Figura 19 - Cultivo do círculo. (C) círculo da escuta na geoca, 2019; (D) bênção feminina na abertura do novo espaço, 2019; (E) vivência primavera Waldorf, 2022.

- Projeto Permanente: Vivências na Natureza

Quando há experiência na natureza, acaba ocorrendo uma troca de informações sobre a natureza; esse contato, juntamente com as informações, faz com que laços afetivos sejam criados e ocorra um fortalecimento no compromisso em defesa da natureza (Bragg et al. 2013, apud SANTOS 2023).

As Vivências na Natureza são todas as atividades com o meio natural, como praia, mata ou o jardim, que trazem a oportunidade da aproximação atenta com os reinos vegetal, mineral, animal, fungos e ou algas. Também o reino dos seres encantados e mitológicos entra nesse universo (fadas, dragões, sereias, faunos, duendes, gnomos, sacis, curupira, boitatá e tantos outros), para todas as idades, somando na capacidade de sonhar, entender e amar o mundo.

Os trabalhos corporais também entram aqui, unindo a propriocepção à percepção da não separação entre a natureza ´de fora` e a ´de dentro`, evidenciando nosso entrelaçamento com todos os seres, a partir do ar (alento), da água, da terra. É o Interser do mestre budista Thich Nhat Hanh, que deu nome a essa interdependência mútua entre todos os seres, todos os reinos, tudo que faz parte do universo (HANH, 1994), e encontra a Teoria de Gaia, a Ecologia Profunda, como amplamente abordado na fundamentação teórica deste trabalho.

As vivências oportunizam a conexão profunda com Gaia e favorecem o acesso ao conhecimento. O que Arne Naess chama de ´ser gaiado` e impede o desenvolvimento daquilo que Richard LOUV (2008) chamou de Transtorno de Déficit de Natureza: problemas físicos e mentais derivados da vida desconectada do meio natural.



Figura 20 - Vivências na Natureza. (A) crianças contemplando papagaios na árvore, Jardim Ciranda Aldeia, 2019; (B) crianças reconhecendo perfumes no jardim, Canto da Floresta, 2022; (C) Turma Piloto no jardim do Canto da Floresta, 2022.

- Projeto Permanente: Práticas de Sustentabilidade; Permacultura/ Bioconstrução

Para que este sistema - que atualmente domina todas as esferas de nossa cultura - seja transformado em uma nova organização social, é urgente e imperativo que a educação esteja aliada a uma metodologia de gerenciamento de energia e recursos. É aí que entra a permacultura (DIAS, 2016, p.07).

Mexer com barro é algo que costuma agradar gente de todas as idades. As crianças, jovens e adultos se fundem ao barro, brincam, divertem-se, riem, reconhecem em sua própria pele o corpo de terra. A ludicidade favorece o aprendizado, que os estudantes de qualquer idade levam consigo, sobre construir abrigos, fornos, banheiros, telhados, paredes, pisos. Práticas de bioconstrução têm sido apresentadas no intuito de mostrar possibilidades de construções ecológicas, a partir de materiais encontrados localmente, como palhas, fibras naturais, madeira, bambus, argila, areia e pedras.

Além do aprendizado individual, o efeito do movimento coletivo foi sempre positivo, na medida em que se deu em mutirões e o trabalho em equipe, coordenado na divisão e complementação de tarefas, desenvolvendo-se de modo notável.

Outro trabalho em equipe favorável à sustentabilidade ambiental e financeira é a realização de bazar (de roupas usadas)! Durante o ano de 2019, alguns pais e mães realizaram alguns, levando boas práticas para a praça do centro de Arraial!



Figura 21 - Práticas de sustentabilidade, bazar. 2019.



A

B



C



D

Figura 22 - Bioconstrução Ciranda Curumim e Adoletá, 2022. (A) Mãos no barro; (B) construção do forno de pizza; (C) Pisando o barro; criança fazendo parede de taipa (D).

- Projeto Permanente: Resgate e Cuidado Animal

Todos os valores do Jardim Ciranda se enlaçam neste projeto permanente: Respeito, Alegria, Solidariedade, Autonomia, Diversidade, Regeneração. Dentro do entendimento já citado de que escolas são pessoas; do aprender fazendo; de que ninguém ensina o que sabe, mas transmite o que é; de que cidadania, em cidadania se aprende; e tendo a percepção de que somente empatia e compaixão não bastam por si só, para que as transformações de mundo se dêem, trazemos o exemplo da ação compassiva como

resultado da combinação da empatia com o senso de co-responsabilidade, através do cuidado com animais resgatados das ruas e de situações de risco.

As crianças, jovens e adultos puderam acompanhar o resgate de galinhas e galos que passaram a habitar o Jardim Ciranda, em 2019 - algumas crianças resgataram da rua uma galinha perdida e ferida depois disto; acompanharam a vinda de cães e gatos resgatados, participando dos processos de cuidado como banho, higiene auricular, remoção de parasitas, corte de unhas, limpeza de ferimentos, aplicação de medicamentos, cuidados pós-cirúrgicos, encaminhamento cuidadoso para adoção responsável. Os adolescentes participaram do planejamento e feitiço da cadeira de rodas para Sipebó, cão atropelado, com a medula rompida e paraplégico. Além de matemática, interpretação de texto, habilidades manuais, uso de ferramentas e trabalho em equipe, com alegria aprenderam algo que os tornou agentes fraternos, transformadores da realidade daquele ser.

Uma adolescente resgatou na rua um bem-te-vi recém caído do ninho e o trouxe para o Canto da Floresta. Foi chamado de Genivaldo pela turma da Adoletá, e se tornou mascote, sendo cuidado até voar.

O Saruê Bondade foi resgatado com os dois olhos feridos, cego. Após procedimento cirúrgico, foi cuidado no Canto da Floresta. Tanto no caso de Sipebó (cão paraplégico) quanto no caso Bondade (saruê, cego), entre outros tantos, preconceitos puderam ser abordados, trabalhados e dissolvidos.

Acompanhar partos de gatos e cães; ver a vida explodir e depois acompanhar a dor da separação dos filhotes, quando ela é necessária, trouxe oportunidades para diálogos concernentes aos processos de domesticação e de exploração de animais; ao modo humano de agir violentamente sobre a vida deles, decidindo quando vão gerar filhotes e quando as famílias serão separadas, para uso humano (na companhia, na alimentação, no 'lazer', na vestimenta, no trabalho, nos testes laboratoriais).

Acompanhar os óbitos e entregar corpos de volta à terra, ritualisticamente, também é algo que tem oportunizado às crianças, jovens e adultos a percepção sobre a ciclicidade da vida, fomentando a valorização do momento presente consciente.

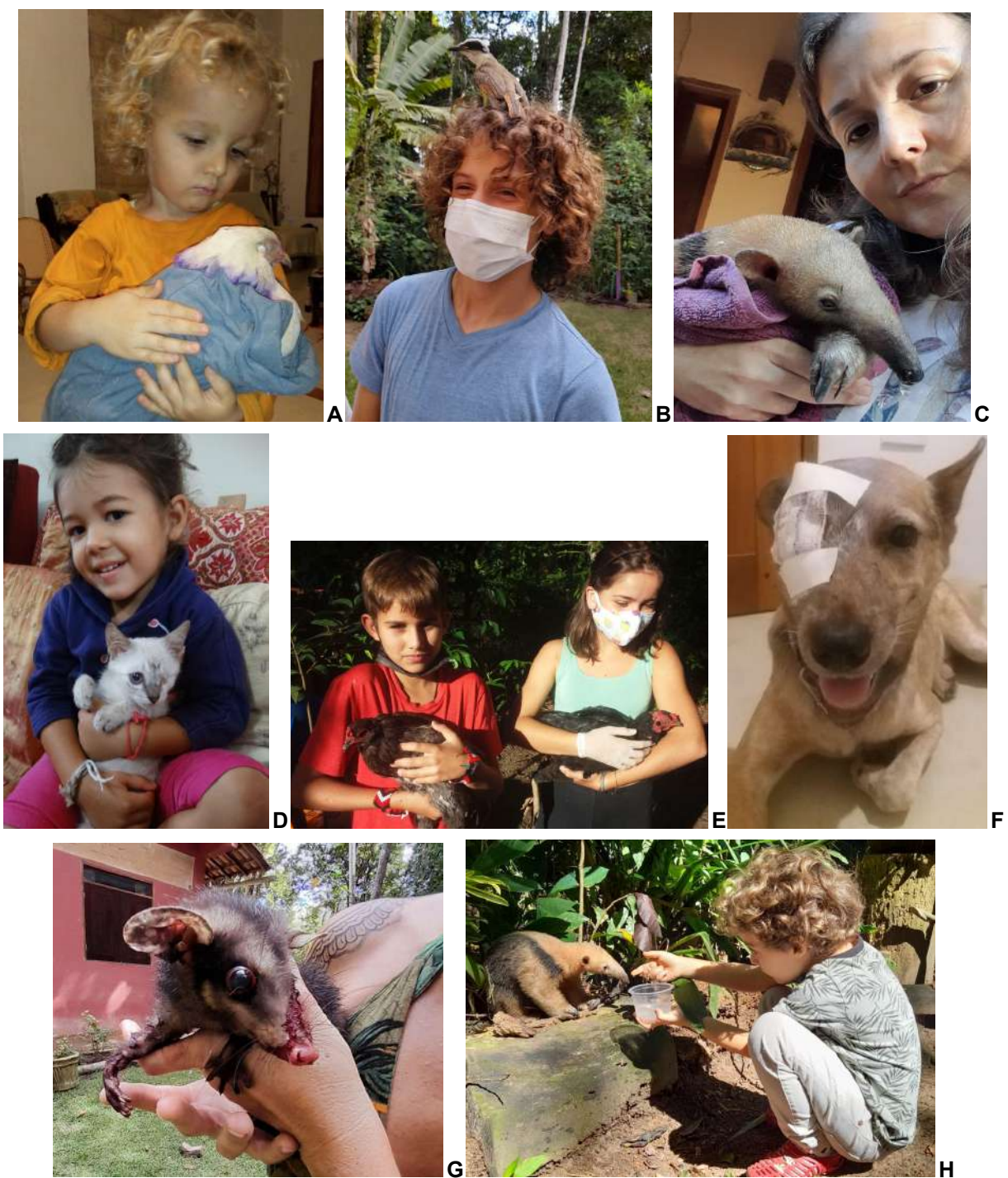


Figura 23 - Resgate e cuidado animal, 2015 a 2023. Arraial d'Ajuda. (A) galinha Maricotinha com criança; (B) bem-te-vi Genivaldo, mascote Adoletá; (C) jovem tamanduá-mirim, Narizinho, doente; (D) gata Uni recuperada com perda de globo ocular; (E) jovens da Adoletá com galinhas resgatadas; (F) cão Dragão, recuperado da vizinhança, perda de globo ocular; (G) saruê Bondade, atropelado, perda dos olhos; (H) tamanduá Narizinho sendo cuidada.

6.7.3. Eixo livre brincar

Eixo e projeto permanente.

Fonte de autonomia, descobertas, alegrias, desenvolvimento cognitivo, motor e social, o brincar livre tem seus tempos garantidos na rotina do Jardim Ciranda, sempre com o olhar atencioso de uma ou mais tutoras/ guardiãs/ guardiães, que assegurem o zêlo sem bloquear a espontaneidade e a criatividade das crianças. O livre brincar, sobretudo na primeira infância - Ciranda do Brincar ou Curumim - ocupa boa parte do período dos encontros, com seu tempo sendo ajustado na medida das necessidades das crianças. Conforme elas crescem, atividades mais estruturadas ocupam espaço, visando a atender aquilo que compete a cada etapa do desenvolvimento infantil. As fotos abaixo exemplificam alguns momentos desta prática fundamental na Ciranda Curumim, entre os anos de 2017 e 2022.



Figura 24 - Brincar livre, 2019. (A) crianças em brinquedo geodésica; (B) crianças na cozinha.



A



B



C

Figura 25 - Brincar Livre, 2017 a 2022. (A) casa Aipotu, 2017; (B) Canto da Floresta; 2022; (C) No tuk tuk da Casa Aipotu, 2022.

6.7.4. Eixo consciência indígena

Por consciência indígena consideramos a pluralidade das cosmovisões de povos originários que mantêm sua viva e profunda relação com o organismo Terra, e um modo de ação que nos sinaliza caminhos possíveis para gerar o novo tendo como referência elementos ancestrais. Futuro ancestral, como coloca Ailton Krenak.

Também nesse eixo reside o zêlo por conhecer e respeitar os diversos povos indígenas que habitam o mundo, especialmente os dos continentes americanos, e mais especialmente os sul americanos, por comporem mais diretamente a história do que viemos a chamar de 'nosso país', antes Pindorama, 'terra de muitas palmeiras', hoje Brasil.

Educação é o cultivo do ser humano total, seu desabrochar, o florescer da mente humana, não mutilada pela especialização. Por que querem ser estudantes de livros, em vez de estudantes da vida? Inteligência é a capacidade de perceber o essencial, o que é; despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros, eis em que se resume a educação (KRISHNAMURTI, 1957).

- Projeto Permanente: Conhecer e Respeitar

Aqui entram a contação de histórias indígenas; as visitas à Aldeia Velha de Arraial (povo pataxó); as visitas que recebemos de amigos pataxós, aportando suas vivências e costumes ao Jardim Ciranda; a união de forças para lutarmos pelo respeito à dignidade desse povo e seu direito ao território demarcado.



A



B



C

Figura 26 - Vivências com povo pataxó. (A) visita dos amigos e vizinhos pataxós da Aldeia Velha, no Jardim Ciranda Aldeia, 2019; (B) visita do JC à Aldeia Velha, Jogos Indígenas, 2019; (3) encontro das aldeias pataxós em protesto contra o Marco Temporal, Itamaraju, 2021.

6.7.5. Eixo expressão artística

A arte tem um lugar muito significativo no JC. Com a musicalização e a dança livre, desde a gestação; as artes manuais; o modo de apresentação do alimento; a arte nos brinquedos, nas paredes, na criação de cada espaço, mantendo a energia de encantamento presente.

- Projeto permanente: musicalização e dança.

A musicalização, considerada indispensável na Ciranda Curumim, ocorreu sempre através do voluntariado de pais, mães e amigos do JC.



Figura 27 - Musicalização com o pai especialista Tiago, JC Aldeia, 2019.

- Projeto permanente: artes manuais

Priorizando o uso de materiais naturais, como aponta a Pedagogia Waldorf, e buscando não interferir nos processos das crianças, como aponta Montessori, foi comum a prática de desenho, pintura, escultura em barro, confecção de tintas orgânicas, dobraduras, marcenaria, fabricação de bonecos, enfeites, presentes.



A



B

Figura 28 - Expressão artística. (A) Pintura Livre, 2018. (B) Sob o olhar- testemunho de uma mãe centrada na Presença.



A



B



C

Figura 29 - Expressão artística manualidades. (A) pintura livre, sob zêlo da cuidadora Lucia, 2019; (B) crianças na marcenaria com pai educador Filipe, 2022; (5) esculturas de argila feitas pelas crianças, Casa Aipotu, 2022



Figura 30 - Artes manuais. (A) tintas naturais feitas pelas crianças, Canto da Floresta, 2021; (B) pintura aquarela na primavera Waldorf, Casa Aipotu, 2022; (C) confecção de flores de papel, Canto da Floresta, 2022.

6.7.6. Eixo ritmo e rito

Por influência do Yoga, do Kung Fu, de práticas xamânicas honrando o ritmo e a ciclicidade presente em tudo na natureza, e também por inspiração da Gestalt Terapia e da Antroposofia, trouxemos a vivência do ritmo e a ritualização dos eventos como algo de bastante importância em nossas práticas. Por ritualizar, entendemos o começar, envolver e terminar, abrir e fechar; celebrar, como meios para o Reconectar-Reintegrar-Regenerar.

- Projeto Permanente: CELEBRAR E HONRAR, CICLAR

Tabela 10 - Datas sazonais e anuais

Iemanjá (2 de fevereiro)	Equinócio de outono (23 de março)	Páscoa, Ostara e Renascimento (abril)	Solstício de Inverno (20 de junho)	Nossa Sra. d'Ajuda (15 de agosto)
Equinócio de Primavera - Ostara no Sul (23 de setembro)	Dia das Crianças (12 de outubro)	Dia dos Mortos: festa mexicana (02 de novembro)	Solstício de Verão e Natal (21 de dezembro).	Vivência do Amigo Consciente: amigo oculto sustentável (encerramento do ano).



Figura 31 - Ciranda Curumim celebrando solstício de inverno, 2022.

O minuto de silêncio e foco na respiração antes de abrir os encontros é um rito que dá ritmo. Outra prática de grande importância é a cerimônia do alimento - o momento especial do preparo; o momento gratificante de contemplar e receber a mesa posta; a ingestão em Presença - prática de Mindfulness, uma das ferramentas em nosso repertório; o momento da harmonização do material usado, com a lavagem da louça.

Fazemos abertura e fechamento de cada encontro com uma roda, de mãos dadas. Quando estamos online, fechamos os olhos e respiramos juntos, algumas vezes cantamos uma música de algum povo indígena brasileiro.

Abaixo estão as músicas que diariamente mais usamos com as crianças. Duas delas foram compostas por nós (a da gratidão pelo alimento e a ciranda). A canção pela Paz é usada no encerramento de qualquer encontro do Jardim Ciranda e do Canto da Floresta.

Tabela 11 - Canções usadas nos ritmos do Jardim Ciranda.

<p>Gratidão pelo alimento:</p> <p>'Gratidão, alegria (2x) Com amor recebemos o alimento deste dia! Amém! Axé!'</p>	<p>Para a respiração do encerramento diário, em sintonia com o movimento universal de expansão e recolhimento:</p> <p>'Flor cheirosa (inspirar); Vela acesa (expirar).'</p>
<p>Canção do movimento mundial pela Paz</p> <p>'Te ofereço Paz Te ofereço Amor Te ofereço Amizade Ouço tuas necessidades Vejo tua beleza Sinto teus sentimentos Minha sabedoria flui de uma fonte superior E reconheço essa fonte em ti Trabalhemos juntos`.</p>	<p>Nossa ciranda</p> <p>Jardim Ciranda é nosso jardim Tem amor, tem alegria que nunca tem fim! Vamos cantar, vamos brincar gratidão à Natureza, à terra e ao mar. Esta ciranda que nasceu cá na Bahia Seja noite ou seja dia, nós iremos cirandar! Ô cirandeiro, cirandeiros somos, Livres e felizes e aprendemos com amor! Pararatimbum!</p>

6.7.7. Eixo alimentação consciente



Figura 32 - Criança da Ciranda Curumim contempla brotos de feijão. Nutrindo o encantamento pela vida e seus ciclos, e o respeito pelo alimento. 2018.

Atribuimos grande importância à alimentação no processo educativo, como lugar central para Reconectar, Reintegrar e Regenerar. A alimentação consciente tem dois propósitos claros no Jardim Ciranda: (1) Oportunizar um ambiente de relação saudável com o alimento, dando exemplo de alternativa possível para uma alimentação saudável, alegre, em socialização, livre de exploração animal; (2) Manter presentes o questionamento e a reflexão sobre a relação do que escolhemos consumir e das implicações de nossas escolhas no mundo. São coerentes com um mundo sustentável, regenerativo, de relações harmoniosas e cultivadoras de Amor? Pensando no Interser e nos fundamentos da Ecologia Profunda e da Educação Interdimensional, como podemos ser mais coerentes? Dois projetos se entrelaçam nesse eixo. O primeiro, acontecido em momentos pontuais em nossa jornada, e o segundo, de modo consistente, desde o primeiro momento do Jardim Ciranda e até hoje:

:

- Projeto Permanente Cultivar, Cuidar, Colher
- Projeto Permanente Receber o Alimento

Nos momentos em que tivemos hortas ou pequenos canteiros, nos diferentes ambientes que ocupamos, os alimentos e ervas eram plantados, cuidados, colhidos e partilhados, quando possível. Nos plantios com as crianças, cantávamos um mantra indiano que chama pela felicidade e paz de todos os seres (Lokah Samastah Sukhino Bhavantu), como um modo de nos envolvermos amorosamente com o processo de produção do alimento, o cuidado com a terra e junto de todos os demais seres terráqueos.

Nos encontros do JC e do Canto da Floresta, os participantes eram convidados a trazer frutas e castanhas a partilhar. Nos encontros de jovens e adultos, cada ser trazia um prato vegano, preparado por si, além das frutas, sem plásticos ou isopor.

Outros pratos (salgados, quentes) eram preparados por alguma educadora na tarefa de merendeira, que também organizava em bonitas mandalas as frutas trazidas por todos.

Consideramos a relação afetiva como algo importante para gerar significância e valor ao alimento, por isso a beleza e os aromas sempre fizeram parte da alimentação. Os chás eram preparados diariamente, para que os aromas das ervas e flores se espalhassem no ar e imprimissem memórias sensoriais afetivas em todos, e especialmente nas crianças, junto da alegria e do amor que sentiam por estar em sua escola.

Criamos o pequeno cântico ('Gratidão pelo alimento'), mencionado no item anterior, para celebrar com as crianças o momento de recebermos o alimento, em presença, com atenção, usando algumas técnicas do método mindfulness. Com os adolescentes e adultos, geralmente agradecemos à Terra, aos reinos vegetal e mineral, e a todas as pessoas que trabalharam para que o alimento chegasse até nossa mesa, vibrando para que chegue o dia em que todos os seres tenham alimento e lembrando da interdependência de todos os seres.

Assim cultivamos o hábito da partilha coletiva do alimento saudável, que é também um caminho para a solidariedade e ação fraterna, e da co-responsabilidade sobre a produção de lixo e do modo como cuidamos da terra, sem envenená-la, tecendo carinhosamente a percepção de Interser, de NaturezaNós, da ecosofia de Arne Naess, essa filosofia de meio ambiente que enfatiza a importância da ação e das crenças individuais.

As imagens abaixo fazem registros sobre aprender a plantar, conhecer os mistérios da terra e sua generosidade; desenvolver autonomia no cultivo do alimento e amorosidade ao recebê-lo.



Figura 33 - Plantar, cuidar, colher. (A) honrando a terra, Ciranda Curumim, 2019; (B) Semeando, 2019; (C) colheita orgânica realizada no Canto da Floresta e partilhada no JC Aldeia, 2019.



A



B



C

Figura 34. Plantar, cuidar, colher, preparar cúrcuma! Diversão e saúde garantidas! (A), (B), (C).



A



B

Figura 35 - (A) e (B) Imagens dos cardápios semanais, sempre expostos nas paredes do refeitório. Além de informar sobre o alimento, com arte e ludicidade, auxiliam nos processos de letramento e alfabetização nutricional.

OLÁ, amigo! Bem vindo ao nosso I ebook de Alimentação Consciente, Vegana!
É uma alegria compartilharmos este material com você! Esperamos que possa inspirar-se, encher seu coração e sua disposição para explorar novas possibilidades e criar belos pratos, práticos, saborosos, nutritivos! Trazemos algumas reflexões, dicas, receitas e o bom axé baiano!

O **JARDIM CIRANDA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM** busca praticar, facilitar e disseminar práticas sustentáveis e amorosas, especialmente no que concerne à educação, à gestação, ao parto humanizado. Você pode saber mais sobre nós, acessando www.jardimciranda.com. Será uma alegria receber sua visita!

Temos parceria com **PURANA – YOGA NA COZINHA**, e algumas das receitas aqui apresentadas são desse time, que trabalha com alimentação consciente, vegana, e que conta com uma nutricionista e culinária ayurvédica. Você pode conhecer mais em <https://puranaarraial.wixsite.com/purana>.



NO JARDIM CIRANDA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM, nós escolhemos a ALIMENTAÇÃO CONSCIENTE, VEGANA. POR QUÊ?

POR AMOR AO AMOR.

PORQUE QUEREMOS O CAMINHO DA SUSTENTABILIDADE INTEGRAL.

POR BUSCARMOS COERÊNCIA ENTRE NOSSO DISCURSO E NOSSAS AÇÕES.

POR ENTENDERMOS QUE O EXEMPLO É A ÚNICA MANEIRA DE INSPIRAR ALGUÉM A APRENDER... JÁ QUE NÃO ACREDITAMOS EM ENSINAGEM, MAS EM APRENDIZAGEM!

Figura 36 - Material informativo partilhado: 1a página de ebook de alimentação consciente e receitas veganas, presenteado a toda a comunidade JC em 2019, para informar e trabalhar nossos valores na comunidade.



Figura 37 - Parte da Turma Piloto celebrando o momento da alimentação, 2022.



Figura 38 - Apresentação e comungar do alimento. (A), (B) e (C) beleza e harmonia na disposição do alimento; (D) criança prazerosamente desfrutando das frutas, 2017; (E) mesa acolhendo crianças e educadoras para o ritual do alimento, 2019.

6.7.8. Eixo formação permanente: primeiro ser, depois compartilhar.

Aprender fazendo, diz José Pacheco. Assim temos feito, desde que o Jardim Ciranda nasceu. Ousando experimentar caminhos e práticas, intuindo e estudando, praticando, avaliando e reformulando. Buscando o pensar certo e o fazer ensinados por Paulo Freire, a revisão metodológica contínua para aliar o saber intuitivo e o científico. Ajustando os passos, como em ciranda, sempre. Como aprender a meditar? Meditando! Como aprender a andar? Andando! Como aprender a cuidar de animais? Cuidando de animais! Como aprender a ser um ser humano melhor? Sendo um ser humano melhor! Como aprender a fazer horta? Fazendo horta! Como aprender a cantar? Cantando. Como aprender a ser tutora? Sendo tutora! Como aprender a fazer portfolio? Fazendo portfolio! Havendo um tutor a acompanhar o indivíduo na busca pelo aprendizado, tanto melhor, se considerarmos que o aprendizado se dá na relação (entre os seres, ou entre o ser e o objeto), como bem disseram Freire, Pacheco, Antônio Carlos Gomes da Costa, Vygotsky, Vivacqua. O vínculo afetivo favorece a aprendizagem, porque ninguém aprende o que o outro ensina, aprende-se o outro, diz José Pacheco. E quando não há tutor, somos nossos próprios tutores, exercitando a autonomia, a ousadia, a humildade e investigando as formas de realizar aquilo a que nos propomos.

Encontros para estudo com convidados: entre 2015 e 2023, houve encontros abertos à comunidade com o objetivo de formação de educadores - do JC e todos os que se interessassem.

- Pedagogia Waldorf : 2 rodas de conversa com especialista, 2017.
- Comunicação não violenta : 2 vivências com especialistas, 2018.
- Roda de conversa sobre parto humanizado e violência obstétrica, com Coletivo Parto Seguro. 2018.
- Oficina sobre plano de parto, Ciranda da Gestação. Parceria JC, Roda de Mães, Maternar Plena e Coletivo Parto Seguro, 2018.
- Roda de conversa: aleitamento materno, Ciranda da Gestação. Parceria JC, Roda de Mães, Maternar Plena e Coletivo Parto Seguro, 2018.

- Pedagogia Viva: 1 roda de conversa e 2 dias de acampamento em Caraíva, com Talita Moser (Casinha Amarela), 2018.
- Pedagogia Viva: 1 roda de conversa e 1 dança circular com Paulina Romaniello (Inkiri), 2018.
- Roda de conversa sobre o Tao na Educação, com Kátia Massuda (2018): *‘A Natureza ensinou os sábios. O que aprenderam é a base de uma educação inovadora!’*
- Formação em leitura de aura (4 dias), com Cássio José (2019).
- José Pacheco: rodas de conversa em 2018, 2021, 2022 e 2023.

6.7.9. Eixo pró diversidade, anti-racismos.

Somos um pluriverso de possibilidades em nós mesmos. Assim a Escola Por Vir participa da afirmação de mundos não-hegemônicos em um mesmo momento em que modifica seu modo de ser e se abre para um novo devir de escola. A nossa pergunta todo tempo é: de que escola o mundo precisa? Mas quando a gente fala ‘escola’, sai a escola que mora dentro de mim, de você, dentro de cada um. Mas que escola é essa? Eu venho aqui buscar nesse encontro a escola que eu não tive, e que reproduziu todo o conceito e lógica colonial. Porque lá (*na África do Sul - n.a.*) nós aprendemos e ensinamos a não ser racistas, e essa educação tem de começar desde muito cedo, para que essa internalização oriente nossos comportamentos e seja de fato uma escola para todes, mas todes vives (sic). Agora que somos os adultes do rolê (sic), somos nós que cuidamos dos erês, e a gente não reconhece essa responsabilidade. Como disse Ailton (*Krenak - n.a.*), se estamos numa nave, nós somos os pilotos. O que a gente diz para esses erês? (Thelma VILAS BOAS, 2022, Caderno Selvagem 45, p. 7).

‘Vocês ensinam religião?’ ‘Não, demonstramos respeito!’.

Como parte de nossos princípios, escolhemos a natureza como religião, e cultivamos práticas variadas de respeito a todas as formas de conexão com o sagrado (*aquilo que tem sentido*, como define Lúcia Helena Galvão em suas sínteses filosóficas), aplicando os valores *respeito, diversidade e solidariedade*.

Acolhimento da diversidade. Valorização do respeito, para estabelecermos laços e vivermos mais felizes, convivendo com nossas diferenças.

Temos feito muitas rodas para cantar e dançar. Usamos o Hino aos Orixás, música que celebra as forças da natureza cultuadas nas religiões afro-descendentes. Algumas vezes,

visitantes integraram-se até o ponto em que começamos a cantar essa música. Aconteceu de pessoas se retirarem da roda e nos questionarem se ensinamos religião. *‘Não. Nós praticamos e mostramos respeito’*, sempre foi a resposta. Ninguém nunca nos perguntou algo diante do grande Ganesha (deus hindu, o menino-elefante) pintado no jardim, ou a oração ao anjo da guarda pendurada na porta de entrada dos seguidos espaços do Jardim Ciranda, ou sobre o presépio montado sob inspiração Waldorf. As barreiras religiosas, sobretudo frente às matrizes africanas, ainda são muitas, mesmo aqui na Bahia, conhecida como *‘terra de todos os santos e orixás’*, e veementemente trabalhamos para desarmar todos os preconceitos.

As vivências no JC trazem o respeito à diversidade cultural, sexual e religiosa como algo natural. Abordamos com afincos questões étnico-raciais com todas as idades, mas não diretamente as de diversidade sexual com as crianças no primeiro setênio, por entender - como coloca a pedagogia Waldorf - que nessa fase os arquétipos de feminino e masculino estão se formando no mundo interno da criança e trazer a complexidades das questões de gênero para causar muita confusão.

Arraial d’Ajuda é território pataxó, ocupado por europeus há séculos e atrai pessoas do mundo todo. Portanto, o fator diversidade cultural é bastante marcante na região. O estudo de livros que apresentam outras realidades e visões de mundo, como Malala ou As Guerreiras Pataxós, fez parte das práticas pedagógicas do Jardim Ciranda desde sua concepção. Através da contação de histórias, cantorias e diálogos, ao longo dos anos, temos apresentado variedade cultural às crianças, evidenciando diferenças e dialogando sobre como podemos nos relacionar harmoniosamente, sendo cada um como é. A valorização da cultura indígena se dá mormente através da aproximação com o povo pataxó local e os visitantes acreanos Huni Kuin e Yawanawá, que desde 2020 vêm passar temporadas em Arraial e aqui partilhar seus saberes, a cada 3 meses. As práticas anti-racismo permeiam nossos comportamentos, e aqui destaco exemplo:

- Projeto permanente: Malala

Malala Yousafzai, jovem paquistanesa que se tornou referência mundial na luta pela educação, foi a pessoa mais nova a ganhar um prêmio Nobel - em seu caso, o Nobel da

paz. Amplamente atuante na defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação na sua região natal, onde os talibãs locais impedem as jovens de frequentar a escola. Seu ativismo se tornou um movimento internacional e uma inspiração certa para a equipe do Jardim Ciranda, razão pela qual criamos o projeto permanente com seu nome, trabalhando sua história e as diversas questões cabíveis nela (processos históricos; direitos humanos; direitos das mulheres; diferenças culturais; usa a própria voz para provocar mudanças).



Figura 39 - Malala. (A) imagem do livro para crianças; (B) educadora Lucia vestida de Malala para trabalhar o material do livro; (C) estudando o mapa geográfico no globo.

6.8. Valores e dispositivos pedagógicos

Coerência é algo que norteia nossas ações e por ela buscamos ao escolher nossas práticas. Abaixo estão exemplificados alguns dispositivos pedagógicos usados como ferramentas para trabalharmos os valores do Jardim Ciranda.

6.8.1 Respeito e dispositivos pedagógicos: acordos de convivência; círculo da escuta; bastão da fala.

Esses três dispositivos são usados para o desenvolvimento e exercício do respeito na relação com outro ser humano. A comunicação não violenta traz o exercício da escuta ativa como condição para o bom entendimento entre os seres humanos, e a prática do silenciar enquanto o outro fala é exercício-base de civilidade.

Os acordos de convivência organizam relações e ações, a partir do entendimento de sua importância para o convívio harmonioso, e devem ser criados coletivamente ou acolhidos em comum aceite. Exemplos de acordos desenvolvidos com as crianças e que servem para a toda a vida:

‘Quando alguém fala, a gente escuta e não interrompe`.
‘Bateu, perdeu`. ‘Aqui a gente não bate`. ‘Não, é não`.
‘Pedi pra parar, parou`. ‘A gente não arranca nada do amigo`.
‘Sujou, limpou`. ‘Brincou, guardou`. ‘Bagunçou, arrumou`.

A escuta, a fala, o grito, o silêncio, o bastão, os cantinhos especiais:

O silêncio: base da palavra e da escuta. Para que a palavra exista, ela precisa sair do silêncio e retornar ao silêncio. Sem silêncios não é possível conversar, e escutar só é possível em silêncio exterior e interior (TORO, 2009, p.08).

O contato com o silêncio e o cultivo de momentos de quietude interna e externa são práticas importantes para nós, tanto quanto o exercício da escuta e da fala. Os instrumentos que usamos para isso foram, ao longo dos anos:

- A pausa para atenção à respiração, por um minuto
- O uso de ampulhetas para contar o tempo de silêncio
- O bastão da fala, recurso aprendido de práticas ancestrais de povos indígenas norte-americanos, elemento de cultivo do respeito à fala e à escuta
- A Ilha do Leão: pequeno morro de barro para regulação de emoções através da voz.
- A Tenda da Bruxa: barraca de camping para conversas com a bruxa. Escuta e fala.
- O Cantinho da Escuta: rodas de escuta com as crianças; conversas sobre os acordos de convivência; escuta individual; reuniões pedagógicas.

Respeito: por si; nas relações; ao tempo de cada um; por todos os seres; pela diversidade.

Como um dos valores humanos que fundamentam a vida em sociedade, respeito é parte da matriz axiológica do Jardim Ciranda e dá base para o desenvolvimento de todas as relações. As práticas para autoconhecimento e autocuidado sinalizam a importância do respeito próprio, e o motivam.

Tem sido dada atenção ao tempo de cada um, sem apressar que uma criança escreva ou leia, por exemplo, ou que ela ande de bicicleta sem as rodinhas, ou que acabe o lanche antes de seu tempo.

Projetos já citados mostram práticas de respeito com os animais, com o alimento, pela diversidade cultural, étnica e religiosa.

6.8.2. Alegria afeto e beleza, valor estético na educação.

Não temos medo de trazer o amor e o afeto para a base e o centro, para sustentar a magia no olhar, e declarar a importância do amor e do afeto na educação. Paulo Freire colocou o amor como base nas relações para a educação. Tal como afirma Suzana Padua (2022), "o encantamento pela vida pode levar ao sentimento de amor, respeito e inclusão de todos os seres e elementos naturais. Se esses valores forem repassados como base de uma nova educação, as chances serão maiores de um despertar de maravilhamento pela vida".

Assim como o afeto, a beleza é também crucial. Como bem nos lembra Zé PACHECO, ou a educação é um ato estético, ou não é educação (2012, p. 12).



Figura 40 - Alegria, afeto e beleza. (A) crianças com educadora Livia, 2019; (B) cultivando afetos na equipe, 2019; (C) educadoras Lucia, Ilana e Caína, com crianças, 2019; (D) Ciranda Curumim, jogo cooperativo, 2018.

6.8.3. Autonomia: semear e praticar: intuição pedagógica, criatividade, sonho e ousadia.

Professor Pacheco nos lembra: autonomia é um conceito relacional. Ninguém é autônomo sozinho (2019, p.63). Para que possamos ensinar autonomia, é preciso que a vivenciemos, enquanto educadores, e ofertemos recursos para que os indivíduos a desenvolvam.



Figura 41 - Autonomia. (A) pia no jardim para lavar as mãos, 2017; (B) crianças se servem de água, 2019; (C) crianças se servem de chocolate feito por elas, 2022; (D) criança questiona atividade, exercitando a criticidade, com autoconfiança que a autonomia ajuda a desenvolver.

O professor não ensina, ajuda o aluno a aprender. O professor deve ensinar a pensar, a criticar, a descobrir, a inventar, formar alunos com independência, autonomia de situações, levando em conta a afetividade e o desenvolvimento pleno da criança (LAURO DE OLIVEIRA LIMA, apud PACHECO 2019, p.56).

6.8.4. Solidariedade na prática

Ao definir solidariedade, em seu dicionário de valores, pergunta PACHECO (2012, p. 44) se a ausência de ética apoiada no apoio mútuo e na bondade seria a causa das crescentes tragédias de suicídios e guerras, sendo a primeira duplamente mais mortífera que a segunda, desde a primeira década deste milênio. De outro viés, uma máxima budista coloca a compaixão como a mais nobre virtude humana, por possibilitar que os seres humanos ajam em prol do bem do outro, e entendendo que somente quando todos estiverem felizes é que será verdadeiramente possível que cada um seja efetivamente feliz. PACHECO também nos diz que, desde tenra idade, a solidariedade, em solidariedade se aprende (2019, p 63).

A solidariedade entendida como a capacidade de encontrar metas e objetivos que favorecem os outros e a solidariedade como capacidade de se colocar no lugar dos outros e saber ouvi-los são elementos constitutivos da formação espiritual. Superar a abordagem ética heterônoma que se encontra nos sistemas educacionais é um dos desafios que a ética do cuidar nos traz. Saber como se cuidar e cuidar dos outros exige que as pessoas saibam se autorregular para proteger a dignidade de todos. (Bernardo TORO, 2009)

Embora falar de amor e felicidade seja tido como piegas, entendo que é justamente essa 'breguificação' do amor e da felicidade, colocando-os em lugares desimportantes no discurso, que os exclui das práticas - sejam elas educativas, econômicas ou de qualquer categoria. Os índices de suicídio são pandêmicos e crescentes, incluindo crianças e jovens! Atos de violência e chacinas nas escolas tornaram-se comuns. É preciso falar de amor, de cuidado, é preciso colocar a escuta ativa como algo de suma importância nas relações, valorizando a íntegra existência dos seres e os dignificando!

No Jardim Ciranda, semeamos amor, gentileza, cuidado, solidariedade. E onde se evidencia nossa prática solidária nesses 8 anos?

- No estímulo ao cuidado entre os adultos, auxiliando-nos uns aos outros e exemplificando esse modo de agir;
- No estímulo de ações de partilha, de troca, de laborar junto, tanto em brincadeiras quanto nos mutirões de tarefas, dos quais participavam adultos, jovens e crianças;
- Na diária partilha de alimentos, trazidos por todos e servidos coletivamente;

- Na contínua doação de roupas e brinquedos que circulava entre as crianças, entre as famílias do JC e para outras famílias e instituições;
- Na doação e troca de móveis e eletrodomésticos do JC para/entre as educadoras;
- Na acolhida de uma família uruguaia (mãe e filha) que ficou desabrigada na pandemia e passou a morar no JC Aldeia, que estava com as atividades paradas.
- No cuidado dos animais resgatados e acolhidos no Canto da Floresta, no Jardim Ciranda Aldeia e em ocasiões variadas, exercitando a compaixão e a ação transformadora, solidária.



Figura 42 - Crianças da Ciranda Curumim, 2017: solidariedade.

6.8.5 Cooperação e organização do tempo: do planejamento pedagógico ao planejamento diário com as crianças.

Para os neodarwinistas, a evolução é um produto da competição feroz entre as espécies, em busca de sobrevivência. A teoria da endossimbótica, proposta sobretudo por Lynn Margulis e Dorion Sagan, traz a ideia de cooperação, e não de competição, como a força que tem provocado passos evolutivos importantes, como organismos separados se juntarem para criar formas de vida inteiramente novas. Afirmam que 'a vida não se espalhou pelo globo através do combate, mas através do trabalho em rede' (MACY, 2012, p. 99).

Consideramos de grande importância que os planejamentos diários/ semanais sejam feitos junto com as crianças e jovens, para que desenvolvam, de modo autônomo, o senso de organização do uso do tempo individual e coletivo.

A equipe pedagógica estrutura os eixos gerais a serem trabalhados em cada período, considerando os temas pertinentes ao calendário anual de ciclos naturais e festividades, de acordo com as exigências da BNCC, e depois as educadoras/ tutoras fazem os planejamentos semanais ou diários com as crianças/ adolescentes. A tabela abaixo exemplifica o planejamento pedagógico semanal de um período no primeiro semestre de 2022, dentro da pedagogia por projetos e da construção conjunta dos roteiros.

Ao participarem dos planejamentos, tornam-se de fato coidealizadores das atividades de que participarão, desenvolvem autonomia sobre a organização do uso do tempo e tornam-se mais dispostos a cooperar, participando com maior alegria daquilo que seja proposto e acordado por todos.

As atividades grupais sempre visam ao trabalho em equipe, evitando competição. Transformamos jogos competitivos em cooperativos, e priorizamos atividades que desenvolvam o pensamento e a ação colaborativos.

Tabela 12 - Exemplo de planejamento semanal, pedagogia de projetos.

<p>SEGUNDA - Chalé Aipotu educadoras: Luísa e Kiane</p> <p>1h30 - 2h00 Brincar Livre 2h00 - 2h15 Relaxamento 2h15 - 2h30 Abertura 2h30 - 3h30 Tutoria Individual 3h30 - 4h00 Lanche 4h00 - 4h45 Oficina de Atividades Artísticas 4h45 - 5h00 Partilha - Avaliação do Dia 5h00 - 5h15 Fechamento 5h15 - 5h30 Brincar Livre</p>	<p>TERÇA - Chalé Aipotu educadoras: Luísa e Kiane</p> <p>1h30 - 2h00 Brincar Livre 2h00 - 2h15 Relaxamento 2h15 - 2h30 Abertura 2h30 - 3h30 Pesquisa Coletiva 3h30 - 4h00 Lanche 4h00 - 4h45 Oficina de Alfabetização (letramento e matemática) 4h45 - 5h00 Partilha - Avaliação do Dia 5h00 - 5h15 Fechamento 5h15 - 5h30 Brincar Livre</p>	<p>QUARTA - Canto da Floresta educadoras: Ilana e Luísa</p> <p>1h30 - 2h00 Brincar Livre 2h00 - 2h15 Relaxamento 2h15 - 2h30 Abertura 2h30 - 3h30 Corporal/ Culinária / Alfabetização Ambiental 3h30 - 4h00 Lanche 4h00 - 4h45 Atividades na Floresta 4h5 - 5h00 Partilha - Avaliação do Dia 5h00 - 5h15 Fechamento 5h15 - 5h30 Brincar Livre</p>
<p>QUINTA - Chalé Aipotu educadoras: Kiane e Caína</p> <p>1h30 - 2h00 Brincar Livre 2h00 - 2h15 Relaxamento 2h15 - 2h30 Abertura 2h30 - 3h00 Ciranda dos Livros 3h00 - 3h30 Ciranda dos Brinquedos 3h30 - 4h00 Lanche 4h00 - 4h45 Oficina de Circo 4H45 - 5H00 Partilha - Avaliação do Dia 5h00 - 5h15 Fechamento 5h15 - 5h30 Brincar Livre</p>	<p>SEXTA - Chalé Aipotu educadoras: Luísa e Kiane</p> <p>1h30 - 2h00 Brincar Livre na Praça 2h00 - 2h15 Abertura na Praça 2h15 - 3h00 Brincar Livre na Praça 3h00 - 3h15 Retorno a Casa Beija Flor 3h15 - 3h30 Relaxamento 3h30 - 4h00 Lanche 4h00 - 5h00 Oficina de Jogos 5h00 - 5h15 Partilha - Avaliação do Dia 5h15 - 5h30 Fechamento</p>	<p>SÁBADO E DOMINGO - Sem atividades</p>



Figura 43 - Planejamento na abertura do encontro. Turma piloto no Canto da Floresta, 2022,

6.8.6 Cooperação em ação! Mutirão é tudo de bom!

Acreditamos no modelo colaborativo de força em conjunto, com o princípio de que cada um pode desempenhar um papel e cada um tem algo a oferecer. Oferecendo seu tempo, ideia e energia as pessoas desenvolvem respeito pelas próprias habilidades e aprofundam o senso de comunidade. Agindo em conjunto, tornamos possíveis coisas que antes pareciam impossíveis (MACY, 2012, p.128).

O exercício de um novo mundo parece necessitar passar pelo aprendizado do trabalho em grupo. Joanna Macy (2012, p.122) fala que para alcançarmos a Grande Virada, para frearmos as extinções, além da esperança ativa, precisamos declarar paz a nosso mundo, e para que a ela se enraíze e cresça, precisamos de reconciliação ativa e construção de comunidade.

Particularmente, considero as vivências de construção conjunta em mutirões laborais algo excelente como exercício de comunidade. Em mutirão, pode-se lançar mão da diversidade de dons e talentos individuais; lidar com os diferentes tempos de se fazerem as coisas; vivenciar as partilhas de recursos; compartilhar tarefas; vivenciar o processo de se fazer pertencente a um determinado grupo e espaço, na medida em que as relações vão sendo tecidas - entre as pessoas, as ferramentas, o chão, os materiais, os espaços, as plantas e animais porventura existentes no ambiente... Os adultos também aprendem em relação, e ao conseguirmos experienciar plenamente uma vivência de mutirão, na presença de crianças e jovens, exemplificamos para as próximas gerações que não somente é possível que eles vivam a diversidade, em paz, e construam um novo mundo, como nós também estamos tentando fazer nossa parte! 'Ninguém ensina o que sabe, mas transmite o que é', diz-nos sempre José Pacheco.

Seguem dois bonitos exemplos de mutirões que vivemos em comunidade: a festa junina de 2018 e a chegada na casa nova, em 2019.

Uma história feliz: cidadania, em cidadania se aprende: a festa junina na praça, exemplo de evento coerente com a sustentabilidade.

As festas juninas têm grande importância regional. São belas, mas cada vez produzem mais lixo e se transformam em eventos imensos, com bandas musicais famosas e que fogem à tradição caipira, da raiz nordestina. Buscando fazer um movimento inverso, pequeno, em praça de um bairro residencial, convocando moradores a se unirem a nós,

em 2018 levamos a festa junina do Jardim Ciranda para a Praça do (bairro) São Francisco. Intenção clara: coletivamente fazer uma festa especial, onde todos se divertissem, sem produzir lixo. Com cerca de 20 famílias participantes da Ciranda Curumim, formamos grupos de trabalhos para organizar o evento em coerência - a ética na educação exige coerência, nos diz Paulo Freire (1996) - com os valores do Jardim Ciranda. Alguns cuidaram do preparo da praça, com a limpeza e demanda de iluminação à prefeitura; outros cavaram buraco e montaram um banheiro seco temporário; houve quem buscasse por recipientes não descartáveis, que incluíram servir os bolos em pedaços de folhas de bananeira; e quem preparasse os alimentos e bebidas, totalmente veganos. Montagem das barracas, da fogueira, preparo das bandeirolas de tecido e das brincadeiras e jogos - ressaltando a pescaria de lixo do mar, inventada por nós, substituindo a tradicional pesca de peixes por fisgar lixo, com objetos de material reciclável (resíduos sólidos) que após fisgados são colocados nos conhecidos recipientes coloridos, com conversa educativa. Com direito a forró, foi uma belíssima vivência. A parte que nos deixou mais orgulhosos foi deixar zero lixo, não porque tenhamos recolhido depois, mas porque não o produzimos! Memorável, resultado do trabalho em equipe, radicalmente sustentável! Somente o exemplo ensina, e naquela ocasião pudemos entregar às crianças e à comunidade no entorno da praça o exemplo de trabalho em equipe, de boa comunicação, de trabalho feliz, de superação, de práticas sustentáveis, de boa vontade gerando bons resultados, de cidadania.



Figura 44 - parte do coletivo de 2018. Casa Vó Jurema.

Outra bonita história de trabalho em equipe: o mutirão da casa nova, JC Aldeia.

Com o valor alcançado pelo financiamento coletivo no fim de 2018, iniciamos as obras no espaço novo, que viria a ser ocupado em 2019. Foram momentos felizes de trabalho em equipe, com novas famílias chegando e muita energia de construção coletiva vibrando. Deram-se algumas semanas de trabalho coletivo, onde pudemos nos conhecer melhor e vivenciar belíssimos momentos de trabalho, com uma alegria escancarada por estarmos construindo a escola de nossos filhos - e nossa, afinal aprendemos, todos. Um pai antigo jamais havia participado de encontros do Jardim Ciranda, e alegremente veio ofertar seus talentos. Força do ninho, da ágora. Algumas pessoas jamais tinham usado enxada ou pego rolo de pintura, outras nunca haviam plantado um jardim, e quase ninguém sabia como prender forro de teto. Aprendemos. Aprendemos a quebrar paredes, a fazer esculturas e balanços de pneus, a reformar móveis. Aprendemos a nos ouvir, a trocar gentilezas de cuidado - um copo d'água, uma fruta em hora inesperada, segurar o pé da escada pra não cair. A grandiosidade do cuidado é transformadora. A pedagogia do cuidado, difundida por TORO e BOFF, é visivelmente transformadora. O poeta gentileza já sabia disso. José Pacheco, em fevereiro deste ano, em Trancoso, disse-nos, uma vez mais: *'Escolas são pessoas. A afinidade entre as pessoas vem de seus valores e sua visão de mundo, do que querem para seus filhos. As pessoas são seus valores. Quando esses valores são transformados em princípios de ação, conduzem a projetos'*. Foi exatamente o que experimentamos durante aquele mutirão de 2019. O resultado: sentimento de sermos uma família, sentimento de pertencimento ao espaço, sentimento de alegria por estarmos criando uma escola encantada e encantadora para nossos filhos, sentimento de dever cumprido, de estarmos fazendo algo importante para o mundo. No exercício da cooperação, da solidariedade, do respeito, do entendimento da diversidade e manifestando alegria, imprimimos nossa intenção naquele espaço, e ele reverberou essa beleza ao longo de todo o ano. Nossos filhos puderam viver algo muito especial, e nós também. As inúmeras discussões e longas conversas em busca de consenso, do ano anterior, dissolveram-se na força do trabalho em equipe, com arte e alegria, por um objetivo comum: levantar uma linda escola para todos nós.

As figuras abaixo registram esse movimento de construção de comunidade. Uma semente de novo tempo.



Figura 45 - Mutirão JC Aldeia. Bloco de imagens 1.



Figura 46 - Mutirão JC Aldeia. Bloco de imagens 2.

6.8.7. Dispositivo pedagógico: assembleia

José Pacheco diz que cidadania, em cidadania se aprende. A assembleia é um dispositivo que possibilita o exercício da cidadania, na medida em que o indivíduo tem a oportunidade de contribuir para a seleção de pautas (abertas) e de se posicionar sobre algo relevante para o grupo. Também é excelente oportunidade para a comunicação consciente, porque o modo como cada ser apresenta seu posicionamento favorece ou não o entendimento rumo ao consenso - no caso da sociocracia - ou a alcançar mais votos favoráveis - no caso da estrutura democrática. As crianças da Turma Piloto (com 04 a 09 anos de idade) aprenderam a usar o recurso da assembleia e não hesitam em solicitar uma quando algum indivíduo do grupo levanta uma questão que importa aos demais.

6.8.8. A contação de histórias como rico recurso

Importante ferramenta que permeia todos os projetos permanentes, na Ciranda Curumim, na Adoletá e no Círculo das Lobas, a contação de histórias é algo que nos acompanha, por facilmente envolver as crianças, os adolescentes e os adultos. A oralidade mostra força e abre campo para a imaginação criativa e para o contato com mundos diversos. Na Ciranda Curumim, para além dos contos de fadas - sabendo da importância a eles conferida pela pedagogia Waldorf, e sem desprezá-los ou exaltá-los -, usamos as histórias especialmente para o estudo dos arquétipos e dos sentimentos, para apresentar as diversidades, motivar através de exemplos potentes, como Francisco de Assis, Gandhi, Guerreiras Pataxós ou Malala.

Memória viva: história de vó - no ano de 2018, com o objetivo de valorizar os idosos e sua experiência; alegrá-los e incentivá-los a partilhar boas memórias; valorizar a transmissão oral do conhecimento e trazer a família mais para perto das crianças, criamos o projeto História de Vó, convidando uma avó a cada 3 meses para ir contar histórias para as crianças e educadores.

O quintal da pajé Jaçanã: durante o ano de 2014, enquanto eu ouvia as histórias que pajé Jaçanã queria contar para registarmos em seu livro (o que eu escreveria para ela, por não ser alfabetizada em letras, mas é professora em ler a natureza), algumas vezes vi rodas de crianças sentadas aos seus pés, sob uma grande árvore. Em 2019, com o Jardim Ciranda praticamente vizinho da casa de Jaçanã, programamos incluir visitas das crianças ao quintal da pajé, para abril, mês de celebração da cultura indígena. Mas em março daquele ano chegou o isolamento social, pela Covid-19.

6.8.9. Dispositivos pedagógicos: os livros feitos para as crianças e os memoriais semestrais/ anuais: material amoroso.

Tendo clareza sobre a importância do vínculo afetivo para o pleno desenvolvimento do indivíduo, para a aprendizagem e para a manutenção das relações saudáveis e construtivas dentro da comunidade de aprendizagem, estivemos atentas ao cuidado com o modo de apresentar relatórios semestrais e anuais de atividades.

Os memoriais, ricos em arte, poesia e beleza, eram apresentados em encontros celebrativos da comunidade - celebrar é etapa importante no processo, segundo a metodologia Dragon Dreaming. Os pareceres individuais, registros da avaliação continuada realizada sobre habilidades cognitivas e competências socioemocionais, eram entregues aos pais em conversa reservada, com escuta e carinho. Todos os pais, sempre, emocionaram-se às lágrimas. O vínculo afetivo nutrido entre as famílias e a equipe, aumentada a confiança no trabalho desenvolvido, esperança ativa e ativadora de um mundo melhor. Trabalho Que Reconnecta, como estruturou Joana Macy, contribuindo com elementos para a esperada Grande Virada da qual ela fala.

Dentro do olhar para a individualidade de cada um e buscando uma postura acolhedora para auxiliar na travessia de desafios que se apresentaram, Caína fez alguns livros ao longo desses anos, com seu olhar amoroso para cada ser do Jardim Ciranda. Esse material entrou para nossa biblioteca e foi usado para auxiliar outras crianças e suas famílias a lidarem com dificuldades apresentadas por elas:

- 'A FADA AMORA E SEU IRMÃOZINHO', 2016. Para Clarice (2 anos) e Flora (8).
- 'MAMÍFEROS', 2018. Sobre desmame, feita para o Tiê (2 anos).
- 'HISTÓRIAS DE UMA AVÓ DE CHOCOLATE', 2021. Para a avó Verinha, que começou a esquecer as histórias que contava.
- 'AS CALCINHAS DA MEMEL', 2019. Para o desfralde, feita para a Memel.
- 'ATÉ LOGO', 2018. Para a despedida do amigo Martin, que foi para outra escola.

6.8.10. Dispositivo pedagógico para avaliação continuada: portfólios

A avaliação da aprendizagem no JC é feita de forma contínua pela equipe de tutores. Até 2019, na Ciranda do Brincar, os portfólios eram feitos para o coletivo, através dos memoriais semestrais e anuais, e os relatórios eram individuais, como citado no tópico anterior. Desde 2020, com os círculos de confiança durante a pandemia e as crianças com idade entre 04 e 07 anos, a avaliação passou a se dar também a partir do acompanhamento dos portfólios individuais, pela participação nos projetos, oficinas e demais atividades pedagógicas.

Exemplos de registros individuais - avaliação contínua: portfólios materiais e online (feitos pelos adolescentes, ou pelos tutores e familiares, no caso das crianças, contendo registros de suas atividades e aprendizados) e relatório semestral (feito pelas educadoras do JC e entregues às famílias, com olhar sobre aspectos do desenvolvimento emocional, cognitivo, motor, relacional).

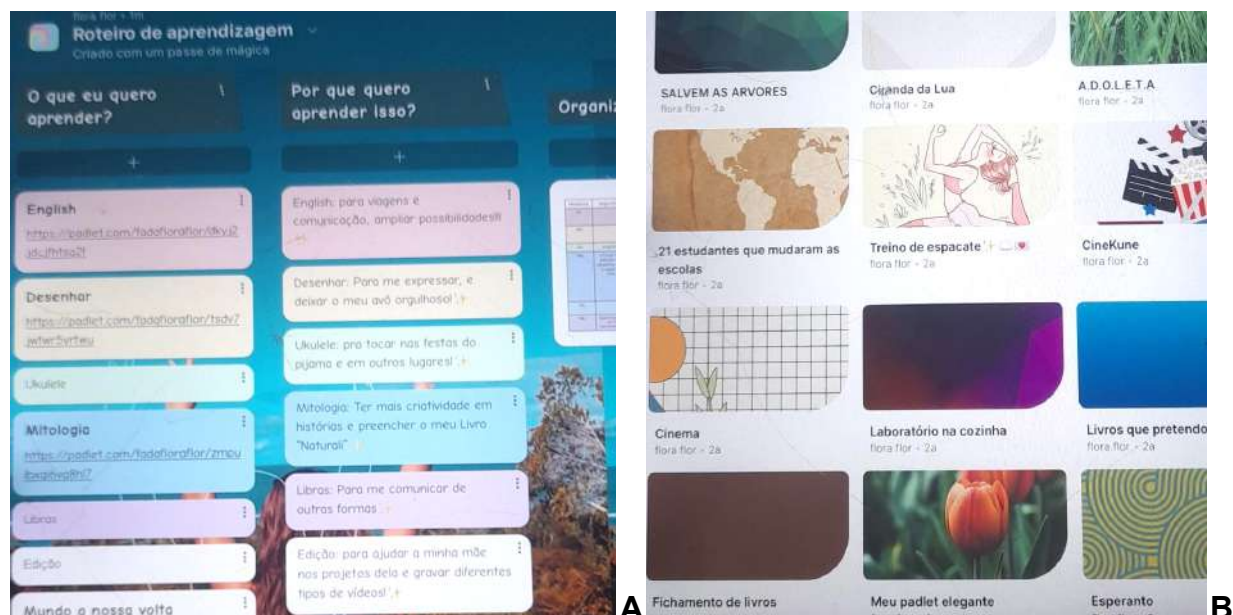


Figura 47 - (A) Portfolio de Flora, 13 anos (2021). Roteiro de Estudo. Flora é parte do JC desde o princípio e aprendeu a desenvolver seus registros pessoais, com suporte da Rede Kune. Roteiro organizado nas colunas: *O que quero aprender?*; *Por que quero aprender isso?*, e *Organização*.

(B) Registro de seus projetos em andamento, 2021 e 2022. As pastas visíveis mostram os títulos *Salvem as Árvores* (sobre o manifesto pelas árvores); *Ciranda da Lua*; *Adoletá*; *21 estudantes que mudaram as escolas*; *treino de espacate*; *cinekune*; *cinema*; *laboratório na cozinha*; *livros que pretendo ler*; *fichamento de livros*; *meu padlet elegante*; *Esperanto*.

Belo exemplo de organização e auto-responsabilidade com o próprio aprendizado.

Imagens gentilmente cedidas por Flora.

Exemplos de registros grupais - O portfolio do JC contém memoriais semestrais; vídeos; apresentações públicas feitas pelas educadoras e educadores do JC. Os memoriais semestrais e anuais contém descrições ilustradas com fotografias e/ou vídeos de todos os projetos desenvolvidos no período a ser referido, registrando a participação e envolvimento dos seres aprendentes (crianças ou adolescentes) em cada um deles, e sistematizando objetivos, metodologias, materiais usados, valores trabalhados, princípios desenvolvidos, competências e habilidades vislumbradas e alcançadas. Há vídeos institucionais do JC assegurando o registro de material coletivo. Ao final deste trabalho, no item 9, constam os endereços online de acesso a tais materiais.

6.9. Alguns aspectos organizacionais

6.9.1 Gestão administrativa: caminhos e descaminhos.

Ao longo de 08 anos, foram 08 núcleos de ação. O que é o núcleo de ação? Como em uma célula viva, o núcleo guarda a essência do que se manifestará. José Pacheco (2019, p. 149) coloca como núcleo de projeto a equipe responsável pela criação de uma célula de uma comunidade de aprendizagem. É quem organiza os códigos, determina os principais impulsos de movimentos. Procura filtrar as demandas a serem levadas ao grupo maior e assume a responsabilidade e compromisso da condução do trabalho.

Ao longo dos anos abordados neste trabalho, os núcleos variaram de 2 a 8 pessoas, quase sempre mulheres, sendo Caína e eu os elementos contínuos.

Contando com 3 famílias iniciais, o JC chegou a ter 25 famílias participantes da Ciranda do Brincar, com 34 crianças diariamente e uma equipe pedagógica de 13 educadores regularmente atuantes.

Nos primeiros anos, cogitamos nos organizar como associação ou cooperativa, mas ainda éramos poucos. Quando, em 2018, tornamo-nos numerosos o bastante, passamos meses discutindo prós e contras de cada opção. Exercitamos a sociocracia no Conselho Guardião mas, mesmo com o grupo de famílias dedicado a estudar Comunicação Não Violenta, os avanços foram poucos e lentos, embora significativos. Tivemos embates e até desentendimentos mais fortes com famílias, com dificuldade de conciliar a gestão administrativa e a coordenação pedagógica - onde queríamos autonomia, afinal, aponta Paulo Freire que para ensinar autonomia é preciso que os educadores tenham autonomia. Naquele momento, éramos 3 educadoras na coordenação geral, executando todas as tarefas: pedagógicas, administrativas, financeiras - como funcionar bem?

Em 2019, no novo espaço, unimos aqueles pais e mães que se colocaram mais prontamente para auxiliar nas questões administrativas e fundamos uma empresa social, finalmente o primeiro CNPJ do JC. Esse movimento desagradou algumas famílias, que não puderam compreender a necessidade que vimos de avançar mais rapidamente com a execução dos movimentos para organização geral do JC, e para melhor equilibrar as funções. De 5 sócios, duas (Caína e eu) fazíamos a coordenação pedagógica, junto com a mãe e educadora Marina, e os outros 3 membros, empresários, cuidavam do

administrativo-financeiro. Quando possível, sociocracia, consenso. Quando muito complexo, apelávamos para a democracia, votação, sem complicações. Foi um ano positivo, quando mais avançamos nas conquistas materiais e no amadurecimento grupal. Desde que fechamos o CNPJ, por conta da pandemia, a estrutura voltou ao consenso entre Caína e mim, depois com as educadoras Kiane e Luísa mais próximas das decisões (embora nós quiséssemos poupá-las das muitas e variáveis conversas sobre os rumos possíveis do JC e as parcerias). Hoje somos Caína, Carola, Antonella e eu a compor o núcleo administrativo que zela pelos caminhos possíveis do JC.

6.9.2. O financeiro, esse monstrinho assustador.

Em 2018 recebemos suporte de uma profissional da Escola Ayni, Andressa Kayser, para nos auxiliar na reorganização, no momento de estruturamos nosso estatuto. Sempre tivemos problemas financeiros. Ela nos perguntou sobre o início de tudo, lá em 2015: quantas éramos? O que sonhávamos? Onde estávamos? Como visualizamos o dinheiro do Jardim Ciranda entrando?

‘Dinheiro? Que dinheiro?’, foi nossa resposta. Erro primordial, extremamente ingênuo: não colocamos o financeiro como algo importante a ser considerado. Resultado: anos e anos de dificuldades. Em meados de 2023, estamos na pausa das atividades, para reestruturar tudo a partir do lugar em que a sustentabilidade financeira esteja no mesmo patamar de importância da essência filosófico-pedagógica do Jardim Ciranda.

Ao longo dos anos, não pudemos pagar como sabemos ser importante as educadoras, o que pesa por entendermos que parte da revolução na educação é valorizar os educadores, que se sintam dignos e felizes e possam se dedicar plenamente à educação, como José Pacheco (2019) argumenta ser essencial.

Somente em 2018, 2019 e 2022 Caína e eu recebemos algum valor monetário como remuneração por nosso trabalho. A economia solidária sempre fez parte de nossas bases, com trocas por serviços, e o fato é que a conta nunca fechou.

Há algum tempo compreendemos que não podemos depender de mensalidades das crianças para sustentar a estrutura material e de recursos humanos, porque é muito difícil, instável e exclui aqueles que não podem pagar. Desenhamos diversos planos de negócios passíveis de darem suporte financeiro à atividade escolar, e eles se relacionam

com a Mandala, a Visão Ampliada do JC. Algo que está bem próximo de começar, e que sabemos desde 2018 ser nosso 2o talento (o primeiro é criar o melhor possível para as crianças e adolescentes!), são as formações de educadores, com vivências em modo híbrido (presencial e online), e já fomentando o turismo educacional.

6.9.3. Economia circular, a criação da Cirandela e do aplicativo para circulação de moeda social.

A gente precisa de uma educação regenerativa porque a gente precisa regenerar todas as esferas do viver. A gente precisa de uma economia regenerativa, de uma agricultura regenerativa, de uma segurança pública regenerativa, de um processo democrático regenerativo. (SIDARTA RIBEIRO, em aula com VIVACQUA, 2021).

Há alguns anos escuto Caína dizer que uma nova educação demanda uma nova economia. Essa fala reverbera com Paulo FREIRE, quando fala que não é a educação que determina os valores de uma sociedade, mas a educação está de acordo com os valores da sociedade (1975, p.30); com Ken WILBER, ao falar da educação integral, do negócio integral e da inteligência espiritual na prática da transformação (2000, p. 94-96); e José PACHECO, quando aborda a necessidade de novas construções sociais de aprendizagem, também buscando abrir caminhos para uma educação integral (2019, p. 42); em RAWORTH, com a economia donut, quando afirma que as diferentes escolas de pensamento, como a economia da complexidade, a ecológica, a feminista, a comportamental e a institucional correm o risco de permanecerem separadas e isoladas, embora sejam ricas, cultivando seu próprio nicho de crítica ao século passado, se não se combinarem e integrarem aquilo que cada uma tem a oferecer (2019, p. 19-20).

O conceito de economia circular, criado em 1989 por dois economistas e ambientalistas britânicos (Pierce e Turner), traz a ideia central de um melhor aproveitamento dos chamados recursos naturais, através de novos modelos de negócios e da otimização nos processos de fabricação, priorizando insumos mais duráveis, recicláveis e renováveis, e evidenciando o perigo da obsolescência programada. De acordo com a ELLEN MACARTHUR FOUNDATION (2023), fundamentada na tese *do berço ao berço*, de Braungart e McDonough, e especializada em difundir e apoiar a mudança das empresas para esse novo modelo, ele propõe uma mudança em toda a maneira de consumir, do

design dos produtos até nossa relação com as matérias primas e os resíduos. É a ciência que repensa as práticas econômicas, indo além daqueles famosos três "R"s – reduzir, reutilizar e reciclar – pois ela une, pelo menos na teoria, o modelo sustentável com o ritmo tecnológico e comercial do mundo moderno. Foi nesta ciência que encontramos respaldo teórico para o que vínhamos construindo, incrementando aqueles '3Rs' com os outros 3: Reconectar, Reintegrar e Regenerar, e para a pergunta-chave que trazemos como base para o consumo: *'De onde isto vem? Para onde isto vai?'*, incentivando o pensamento circular e quebrando a ideia de uma possível cadeia linear de produção e consumo, onde o lixo é um erro de design, como afirma Daniel Wahl (2019).

Olhando para a relação da nova educação com a nova economia, uma maneira que encontramos foi criar uma moeda limpa, circulante, que pudesse ativar outros mecanismos de relações sociais, como parte da educação inovadora que busca e propõe novas tecnologias sociais para aprendizagem, dando exemplo, às crianças, de outras formas de nos relacionarmos entre nós, para além do cárcere que a moeda corrente circulante se nos impõe.

A sustentabilidade financeira não foi nosso forte ao longo desses 8 anos, mas a economia solidária, sim. Se, por um lado, gostaríamos de acolher todas as famílias que nos chegavam querendo participar do Jardim Ciranda, por outro sabíamos de nossos limites - de equipe, de espaço, de recursos. Ao longo dos anos, Caína e eu ficamos diversas vezes sem receber salários (parcial ou integralmente), e costumávamos brincar que receberíamos em Cirandelas. Nossa brincadeira imaterial ganhou vida material quando, em 2019, abrimos ao público nossa moeda social secreta e um dos sócios do JC criou um aplicativo para celular onde pudéssemos movimentá-la. Um cálculo feito pelos sócios, por todas as horas de trabalho não remuneradas desde que criamos o Jardim Ciranda, apontava o valor de 270 mil Cirandelas para cada uma de nós (Caína e eu). Com cada Cirandela equivalente a 1 Real, abrimos o banco distribuindo alguns valores para nossa equipe e amigos próximos a quem devêssemos algo, e a moeda começou a ganhar vida. Chegamos a pagar parte da lavagem da tenda de circo com Cirandelas, e os médicos e dentistas e eletricitista da comunidade passaram a aceitar parte do pagamento em Cirandelas, e amigos longínquos aceitaram o pagamento de suas sessões online de nutrição e psicologia com nossa moeda, de modo que a

movimentação começou a ficar boa, até que... Pandemia. A moeda também parou. Até o presente, a circulação não foi reativada, mas retomamos o olhar para o aplicativo, persistentes por uma nova educação, uma nova economia, uma nova configuração social de aprendizagem. Tão logo consigamos quem administre o aplicativo Cirandela, poderá efetivamente funcionar para valorização dos serviços e organização das trocas.

7. A ADOLETÁ, UM RECORTE ESPECIAL NA NARRATIVA

Em maio de 2021, a Adoletá foi parida, após décadas de gestação. Inicialmente, com os 3 jovens entre 11 e 13 anos, em encontros semanais. A partir da pergunta primeira sobre o que eles mais gostam de fazer e a partir do que eu teria a ofertar, as vivências foram se delineando em atividades variadas, sempre em contato com a natureza exuberante da floresta onde o Instituto Canto da Floresta se aloja. Até setembro de 2022, circularam na Adoletá cerca de 25 jovens, em grupos de até 10, mantendo-se constante um mesmo trio, ao longo de todo o período. No atual projeto dos Guigós, seguem 5.

Processos variados ofertavam vivências de cura (ao indivíduo, à comunidade, ao planeta), arte e educação, e tudo foi integrado no termo *CurArtEducação*, como caminho do processo transformativo. *Reconectar, Reintegrar e Regenerar* passou a ser o mote do propósito central da Adoletá, colocando em prática aspectos propostos pelo universo teórico da Ecologia Profunda e da chamada Educação Ambiental, e mais tarde expandimos esses termos para fundamentar todo o Jardim Ciranda, porque de fato já era sua essência.

Ninguém nasce consumista. O consumismo é um hábito mental instalado. Onde está a Educação para um consumo crítico, consciente? Quando se ensinará a comer, a consumir, quando se aprenderá a viver? Se não aprendermos na escola, onde e quando iremos aprender? (PACHECO, 2012, 'orelha' traseira).

A Terra está doente porque nós estamos doentes. E doente continuará, enquanto nossa maneira de viver for reproduzida nos valores que muitas escolas insistem em transmitir. (PACHECO, 2012, 'orelha' traseira).

As vivências perpassaram o estar em círculo; valorização da ancestralidade e busca da árvore genealógica; estudos na alta floresta - com biologia, geografia, literatura, ecologia; autocuidado e cuidado do outro (Yoga, kung-fu, dança, massagem, primeiros socorros com elementos de medicina ocidental convencional, e também as holísticas medicina

ayurvédica, chinesa e indígenas); culinária alquímica baseada em plantas; alimentação consciente vegana; autoconfiança, confiança no grupo, confiar para liderar; aprender a respirar, concentração e meditação; estudos fitoterápicos – ervaria:: identificação, plantio e preparo; agrofloresta; bioconstrução com barro e fibras naturais; práticas de arqueologia; muita botânica, muita zoologia; criação de um mini-museu de história natural; exercício de sonhar o mundo ideal; manifestar arte com pintura, argila, sementes, teatro, música; rituais de celebração das estações do ano; rituais para as meninas, com temas do corpo feminino e desafios femininos; criação de um manifesto pelas árvores; passeio-estudo na Lagoa Azul e falésias da praia de Taípe; passeio-estudo na reserva indígena pataxó de Aldeia Velha; pintura corporal; estudo de outras formas de nos relacionarmos com a dimensão do tempo; estudos sobre a influência dos sons e sentimentos na água; acampamentos com pernoite, fogueira contação de histórias de avós, cineminha; observação de animais na mata; identificação de plantas alimentícias não-convencionais (PANCs); dinâmicas de análise territorial; diálogos sobre a questão indígena; reflexões e proposições de melhorias locais; provocação e debates sobre como cada um de nós pode atuar para melhorar nossa região. O repertório é rico e belo.

Perguntados sobre o que mais gostam no território onde moram, resposta unânime: a natureza (a ´de fora`, o chamado mundo natural). Entre os problemas levantados, o desmatamento apareceu diversas vezes como fonte de tristeza e preocupação, assim como o já grande e crescente volume de lixo nas ruas e em toda parte.

Cabe a educadores, enquanto políticos, perceber alguns dos possíveis que, realizados hoje, viabilizam os de amanhã: discutir com os educandos, em função da faixa etária dos mesmos, problemas locais, regionais e nacionais, como o da violência, o da negação da liberdade, o do desrespeito à coisa pública, o dos desperdícios em todas as dimensões da administração municipal, estadual, federal. (...) Falar aos educandos do direito que temos de nos indignar diante de semelhante irresponsabilidade, mas do dever de lutar democraticamente contra tudo isso (FREIRE, 2001, p. 204).



A



B



C



D



E



F

Figura 48 - Adoletá 1. (A), (B) e (C): preparar e comer pão de beijo; (D) a caminho da mata; (E) círculo musical; (F) na Aldeia Velha, com grupo de cultura pataxó (amigos Itapuan e Antônia).



A



B



C



D



E

Figura 49 - Adoletá 2. (A) preparando a cadeira de rodas para o cão Sipenbó; (B) cineminha no acampamento: vendo A Carne é Fraca; (C) imagem-símbolo do manifesto pelas árvores, lançado com a Associação Verdejar; (D) e (E) zoologia, mexendo no nosso MHN.



A



B



C



D

Figura 50 - Adoletá 3. (A) Zoo-arqueologia. Desenterrando ossos da tartaruga; (B) Exercício de confiança; (C) Práticas de cuidado: aprendendo a aplicar moxabustão; (D) Estudo de sistemas para práticas de autocuidado e cuidado.



Figura 51 - Adoletá 4. (A) Vivência com venda: exercício de autoconfiança, confiança no outro, confiança para liderar, uso dos sentidos além da visão; (B) Bioconstrução: construindo base de taipa para parede na cozinha coletiva; (C) Dinâmica: pensando criticamente o território.



A



B



C

Figura 52 - Adoletá 5. (A) Vivência na Lagoa Azul, Taípe, Arraial d'Ajuda: conhecer, amar, cuidar; (B) Resgate e cuidado animal: saruê Bondade; (C) Arte final do exercício de sonhar e criar um novo mundo.



A



B



C

Figura 53 - Adoletá 6. (A) Apresentação teatral como parte do exercício de sonhar um mundo novo; (B) Mirante da Pitinga, Arraial d’Ajuda. Local escolhido para exercício de reflexão sobre os problemas mais urgentes de Arraial e como podemos agir para revertê-los. Amar para cuidar. (C) junho de 2023, ritual de YULE (solstício de inverno, celebração celta): eles cresceram!

7.1 Sobre resultados observados

Assim como é para a Ciranda Curumim, o processo de criar uma estrutura educacional diferenciada e transformadora é, em si, o grande resultado. De todo modo, há resultados significativos observados, e eles são legitimados por conversas com os próprios jovens e seus familiares, cujo retorno sobre a Adoletá é integralmente positivo. Em seu livro *o Enfant Sauvage de Illich*, Lauro de Oliveira Lima considera que educar, quando se trata das novas gerações, é levá-las a atividades lúdicas com um objetivo intencional da parte do educador de aumentar as possibilidades de elas alcançarem o nível máximo da sociedade em que se vão engajar (LIMA, 1975, p. 52), e esse pensamento traduz um dos propósitos da Adoletá. Também é propósito que esses jovens sejam felizes aprendendo. Muito felizes e aprendendo muito. E aprenderam, porque tudo o que fizemos foi a partir de seus interesses, das perguntas iniciais postas a cada um, sobre o que gostam de fazer e o que queriam aprender, e porque nos divertimos, por sempre ter havido respeito e porque eles cresceram na habilidade de questionar e construir. Com o vínculo estabelecido, o ambiente amoroso - e firme - e muita coisa boa sendo feita, todos aprendemos muito.

José Pacheco disse, em sua derradeira visita a Trancoso (8 de fevereiro de 2023): 'É necessário entender que o centro não é o aluno, mas o vínculo que se estabelece entre o aprendiz, o objeto e o adulto que o acompanha. Triangular.' Gosto de chamar de **pedagogia do encontro**, a melhor definição para o que fazemos na Adoletá.

Na última legenda da derradeira foto da Adoletá aqui colocada, está dito 'Eles cresceram!'. Tal constatação não marca apenas o evidente tamanho físico deles, que mudou radicalmente desde maio de 2021, quando começamos a Adoletá. Em nosso último encontro, para o ritual de solstício de inverno, junho de 2023, foi surpreendente e belo constatar o quanto eles se desenvolveram. Aprenderam a ouvir silentes quando o amigo fala; desenvolveram a habilidade de se interiorizar e mergulhar em si, para conhecer suas verdades, pesquisar quem são e quais talentos querem desenvolver; aprenderam a confiar mais em si mesmos e hoje sabem que são verdadeiramente importantes para o mundo e que seu tempo é valioso, portanto estão mais atentos ao tempo que dispensam aos jogos eletrônicos e ao mundo da internet. Aprenderam a

questionar muitas coisas tidas como normais e aceitas, a se perguntar como podem contribuir para transformar o que consideram ruim, no mundo. É muito gratificante ver que um dos jovens, que antes apresentava forte depressão, encontrou caminho para esperar e hoje se vê apto a estar no mundo, ainda que com desconforto, mas ciente de que sua vida importa e de que ele tem algo a oferecer, porque descobriu que aquilo que ele gosta de fazer é especial e pode ser um grande presente para a comunidade. Eles cresceram, com o entendimento de que são parte de um todo indivisível, e aprenderam a importância do cuidar. Observo aqui o que Macy diz, em *Esperança Ativa*: 'A nossa dor pelo mundo não apenas nos alerta para o perigo, mas também revela nossa dimensão profunda de cuidado. E esse cuidado deriva de nossa interconexão com toda a vida.' (2012, p. 44).

Os adolescentes conseguem se expressar verbalmente com mais clareza que as crianças pequenas, e na escrita, para nos dizerem como sentem tudo o que têm vivido nessa seara educacional. Abaixo está um breve relatório feito por uma jovem que frequentou a Adoletá durante o ano de 2021, contando com suas palavras o que aprendeu e o que significou a experiência para ela.

Os jovens que vivenciaram a Adoletá de modo contínuo ao longo de 1,5 ano estão motivados com os trabalhos desenvolvidos em grupo e prontos para colocar seus talentos em prol de algo construtivo e transformador de nosso território. Vale registrar, a título de resultado observado, que dois adolescentes que frequentam a Adoletá desde o princípio, que acompanham sua irmã e seu irmão na Ciranda Curumim e suas mães nas Cirandas das Lobas; que durante o isolamento social saíram de suas escolas antigas, comuns, e frequentaram a escola norte-americana Clonlara - integralmente alinhada com o Jardim Ciranda, aprendizagem por projetos - e tiveram o apoio da rede Kune - desenvolvida em parceria com o JC - deram saltos grandiosos em seu desenvolvimento cognitivo, de autoconfiança, de organização do uso do tempo e de estudo, no modo de aprender; no modo de liderar e escolher desenvolver seus talentos, e fazem parte do time que está criando o projeto de conservação do Guigó.

05 / 12 / 21

♥ RELATÓRIO ADOLETÁ 2021 ♥

ENTREI NO ADOLETÁ, POIS EM MEIO TODA PAUDEM,
FIQUEI MUITO EM CASA, E MINHA MÃE ACHOU QUE
SERIA BOM EU IR ME DIVERTIR E SAIR UM POUCO
DE CASA (ACABEI GOSTANDO TANTO QUE NA QUINTA
A TARDE NÃO PODIA TER NADA, POIS PASSAVA A SEMANA
TODA ESPERANDO).

APRENDI VARIAS COISAS INCLUINDO PLANTAS COMO A
JUCURANA E A EMBAUBA, MINHA FAMÍLIA POIS FIZ UMA
ARVORE GENEALÓGICA, SOBRE ZOOLOGIA, ANATOMIA, PALAVRAS
NOVAS COMO SIMBIOSE, SOBRE CROMOTERAPIA E SOBRE
O KIU.

JÁ FIZEMOS E VISITAMOS VARIOS LUGARES COMO
UMA RAIZ ENORME, JÁ SOMOS NA ALDEIA VELHA, JÁ
ANDAMOS NO MEIO DO MATO, E JÁ FIZEMOS ARVORES
GENEALÓGICAS, TRABALHOS DE CONVIVÊNCIA, FIZEMOS ^{KUNG-FU} ~~ARTE~~
~~TAI~~, E AGORA ESTAMOS DESENTERRANDO UMA TARTARUGA

FALAMOS SOBRE KILÓLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIAS E SOBRE
CONVIVÊNCIA.

PARA MIM ESTÁ SENDO MUITO BOM, FIZ NOVAS AMIZADES
REATEI ANTIGAS AMIZADES, FIZ COISAS QUE ACHEI QUE
NÃO ERA CAPAZ E SAIR UM POUCO DE CASA. AMO
MUITO ESSAS PESSOAS E TODO O QUE APRENDI E
ESPERO APRENDER MAIS AINDA QUE VEM.

Figura 54 - Relato de jovem participante da Adoletá, 2021.

7.2 Breves depoimentos sobre a Adoletá

As seguintes perguntas foram feitas às famílias da Adoletá: *‘A Adoletá é/foi importante para você? De que maneira as atividades que fizemos lhe afetaram? O que foi mais marcante? Como você se sente por ser parte da Adoletá?’*.

Abaixo trago, representativamente, duas respostas recebidas:

‘O movimento da Adoletá é e sempre será fundamental para meu desenvolvimento, tanto para aprender como conviver com todos os tipos de seres. Não me vejo sem tudo que aprendo na Adoletá, graças aos ensinamentos que a Ilana nos passou sei primeiros socorros, diferenciar plantas, ver a real importância do mundo a nossa volta, como tudo está interligado, aprendi a me conectar comigo mesma e com os outros, aprendo sobre anatomia, bioconstrução, como me virar na mata, plantar... Respeitar. As atividades que vivemos na Adoletá me ensinam a ser um ser humano melhor, me mostrando caminhos e opções sustentáveis para a vida, ver a importância de todos os seres, entender que tudo está interligado. Realmente a Adoletá abre meus olhos, me tira daquele transe das redes sociais e do caos dos humanos que tanto se importam com o próprio umbigo que nem olham a situação do planeta Terra, ou Água. Apesar de amar todas as vivências, algumas têm todo o meu coração, como quando fazemos conversas em grupo, atividades com vendas, treinamos kung fu, vamos para a floresta, aprendemos sobre animais, fazemos bioconstrução, atividades de confiança, fogueiras, acampamentos e muito mais!! Realmente não me vejo sem a Adoletá na minha vida, me sinto extremamente honrada de poder ser parte desse projeto extraordinário! Espero que um dia todos possam ter a chance de experienciar algo tão incrível! Sou extremamente grata a minha mentora e professora Ilana que me ensina tanto sobre viver.’

Flora Lima Bernardes, 15 anos, a 1ª membra do Jardim Ciranda, a 1ª chegar na Adoletá, persistindo sempre. É parte do grupo de criação do projeto de conservação do macaco guigó.

‘A Adoletá foi muito importante para meu filho de 14 anos que chegava recente na região. Ele teve a oportunidade de socializar com outros adolescentes e vivenciar atividades ricas e significativas em um ambiente seguro, acolhedor, ecológico e muito bem preparado. Tudo muito especial! Eu fiquei muito satisfeita de ver meu filho em um ambiente natural, sendo guiado por uma educadora muito competente e diferenciada, convivendo com outros adolescentes saudáveis, aprendendo valores alinhados aos meus e tendo contato com uma natureza mais do que exuberante. O mais marcante pra mim foi ver o último encontro em que ele participou, já bem mais crescido, e perceber que ele fazia parte desse grupo e como as vivências ali eram únicas e não encontradas em outros ambientes da região para essa faixa etária. Também foi muito especial vê-lo inserido numa celebração que reverenciava os ritmos e ciclos da natureza, aprendendo a se conectar a isso de uma forma muito tocante e especial, rodeado pelos elementos naturais e árvores de grande porte, além do cuidado e preparação meticolosos da educadora Ilana. Me sinto honrada e feliz por termos tido essa oportunidade de vivências tão especiais.’

Lorena Coelho Vivian, mãe de Mantao, jovem participante da Adoletá.

7.3 O interesse por conservação da biodiversidade: a criação do Projeto de Conservação do Macaco Guigó, *Callicebus melanochir*.

A educação, sozinha, não faz grandes mudanças, mas nenhuma grande mudança acontece sem a educação (BERNARDO TORO, citado na RSEI, 2022, p. 24).

Todo o trabalho feito pelo JC tem o objetivo de auxiliar seres humanos a serem melhores para o mundo, ofertando nossos dons e talentos em prol do bem comum e promovendo mudanças, a partir de nosso envolvimento com o mundo e da apreensão de que somos NaturezaNós. Interdependentes, corresponsáveis, cocriadores da realidade, todos coletores dos resultados plantados pela humanidade. O conceito Glocal (global e local, da Green School, uma derivação do amplamente conhecido *pensar globalmente e agir localmente*) ganha vida quando um grupo de adolescentes é tocado e mobilizado a criar um projeto de conservação de primata, que pode gerar inúmeras mudanças positivas no território em que vivem, o que é marcante e de grande valor, um fruto do processo educativo realizado.

Os jovens da Adoletá desenvolveram apreço pelos guigós, com sua inconfundível vocalização, frequentadores do Canto da Floresta. Há poucas informações sobre a biologia e etologia dessa espécie. Quase nada se sabe sobre sua alimentação, reprodução, distribuição geográfica, densidade populacional.

Um grupo da Adoletá (5 adolescentes) topou criar um projeto de conservação dos guigós, em prol do desenvolvimento sustentável da região onde moramos e ele ocorre (até onde se sabe, nos fragmentos de Mata Atlântica em Arraial, Trancoso, Porto Seguro). Está em seu início, porque resolveram esperar o término do meu mestrado para seguirmos juntos. Em Arraial d'Ajuda, a partir de um chamado feito em grupo online da Associação Verdejar d'Ajuda montou-se um grupo amador de monitoramento, para atuar de modo integrado com os adolescentes, com pessoas voluntárias que registram observações sobre os guigós passando em suas propriedades (melhor seria dizer propriedade deles). São partilhadas fotografias e vídeos com registros de GPS; áudios e relatos sobre os macacos. É uma semente de ciência cidadã, com envolvimento comunitário, em prol do desenvolvimento sustentável.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo caos global instaurado, sobretudo no concernente à saúde mental e emocional humana e na desastrosa relação humana com a Terra, entendo que a educação, de modo geral, falhou em alcançar valores necessários a melhorar a vida das pessoas e sua atuação no mundo, na construção de soluções que nos levem a um convívio mais harmonioso entre os humanos e com todos os seres. A disponibilização de uma opção para as novas gerações e para renovar o olhar das gerações maduras, um caminho educacional que fomenta o desenvolvimento de valores e atributos para que outras realidades possam ser desenvolvidas, é algo que tenho como valioso.

Poder ofertar uma opção a nossos filhos (e entendemos por nossos filhos não somente aqueles paridos por nós, mas os filhos dessas novas gerações) é um objetivo que temos cumprido, independentemente do quanto possamos diretamente medir ou não os resultados disso. De imediato, vemos-los emocionalmente equilibrados, felizes, sabedores de estarem aprendendo, autônomos, confiantes, desenvolvendo com liberdade seus dons e talentos, conscientes sobre serem parte do todo, interessados em criar veículos que usem energia renovável, apreciadores de livros, amantes do mundo natural, cuidadores de animais, com excelente desenvolvimento cognitivo, motor, socioemocional. Todas as maiores de 6 anos estão alfabetizadas nas emoções; na leitura, em diferentes graus na escrita e na matemática básica; na consciência corporal; no senso de pertencimento ao todo e outros aspectos da alfabetização ecológica. Fazem perguntas e sabem pesquisar, aprenderam a aprender.

Uma fala de Joanna Macy, em *Esperança Ativa*, acomoda-se perfeitamente na história do Jardim Ciranda, quando diz que 'O conceito de emergência é libertador porque nos livra da necessidade de ver os resultados de nossas ações. Muitos dos problemas de nosso planeta, como a mudança climática, fome em massa e perda de habitat são tão maiores que nós, que é fácil acreditar que estamos perdendo nosso tempo tentando resolvê-los. Se dependermos de ver os resultados positivos de nossas etapas individuais, evitaremos desafios que parecem estar além do que visivelmente podemos influenciar. Nossas ações entram em vigor através de tantas multiplicidades de sinergia que não conseguimos rastrear sua cadeia causal. Tudo o que fazemos irradia influência para muito além do que conseguimos ver' (MACY, 2001, p 113).

8.1. Do significado e impactos do Jardim Ciranda - relatos (depoimentos online).

O que nos põe em movimento é ver o que está em jogo e nos sentirmos convocados a fazer a nossa parte (MACY, 2012, p.42).

Existem impressões negativas e frustrações diante das limitações com as quais nos deparamos ao longo dos anos, por parte de famílias que passaram pelo Jardim Ciranda, mormente no que diz respeito a falhas de comunicação. Ouvimos bastantes reclamações sobre isso ao longo dos anos, e buscamos melhorar. Na escutatória, porém, ninguém tocou nesse assunto.

Entretanto, para além dos aspectos que tenham gerado algum descontentamento, é comum ouvirmos falas positivas sobre o Jardim Ciranda, com encantamento e esperança sobre o que as pessoas percebem que temos desenvolvido. Sobretudo em Arraial d'Ajuda, mas também em Trancoso, Caraíva, Porto Seguro, Cabralia, Santo André. Famílias de outras cidades/ Estados nos contatam, com perspectivas de se mudarem para Arraial, contando com o Jardim Ciranda como um fator decisivo para que de fato façam esse movimento, e educadores nos procuram, motivados por algum material do Jardim Ciranda que tenham visto, para pedirem ajuda/ informações para começarem algo parecido, ou para incrementarem suas práticas pedagógicas. Comumente recebemos mensagens de famílias contando o quanto o Jardim Ciranda positivamente marcou suas vidas, impactou no bom desenvolvimento de valores e comportamentos, e a saudade que as crianças manifestam de atividades e momentos que já não vivenciam mais, em suas novas etapas de vida.

Em 2023, estamos em pausa nas atividades diretas com as crianças e adolescentes, maturando ideias e organização. Na escutatória que abrimos, para avaliar como as pessoas sentem e percebem o Jardim Ciranda agora, recebemos algumas falas importantes, das quais cito excertos:

Sobre o que mais marcou as famílias: 'as pessoas que ali estão; o clima familiar e a relação de amizade entre as crianças e as famílias; a percepção das crianças sobre os próprios sentimentos; a relação com a natureza, os ciclos de morte e renascimento; a importância da família e da comunidade na relação com a escola; o tratamento digno da vida dos animais; o respeito à diversidade religiosa, étnica, sexual; o trabalho coletivo

cooperativo; a proposta pedagógica atrelada à criticidade ao sistema em que nos inserimos, como movimento propulsor de mudanças necessárias a um bem viver humano e dos demais seres e elementos da natureza; o forte vínculo e compromisso das fundadoras; a força feminina ancestral e contemporânea; força para fragilizar o machismo estrutural e considerar outras sabedorias; aprender brincando; a perseverança; a ressignificação do aprendizado; a esperança que inspira e motiva as pessoas a vivenciarem novos processos de aprendizagem; o acolhimento, a magia, o bom preparo das pessoas diretamente ligadas às crianças; os brilhos nos olhares que exprimem a verdade e a vontade de mobilizar o amor nas relações, com todo o vigor libertário que pulsa`.

Sobre a percepção da importância de uma iniciativa como o JC na região: todas as respostas apresentadas foram positivas, considerando importante uma iniciativa como a do JC para a região. Seguem algumas justificativas postas:

‘A educação tradicional não responde às atuais necessidades das crianças e da sociedade`.

‘Acredito que precisamos urgentemente mudar as formas de relacionamento entre humanos e entre humanos e a natureza, revolvendo e quiçá, dissolvendo, esta dicotomia estabelecida ser humano/natureza, uma vez que somos bichos. E para isso, acredito que uma educação crítica, libertadora e amorosa é o caminho à empatia e humildade que nos tirará da crise civilizatória em que nos encontramos`.

‘Para que todos possam experimentar uma educação inovadora, amorosa, sustentável e assim juntos, com bastante força, fazer essa sementinha germinar e crescer saudável!`.

‘Certamente. Coletivos como o Jardim Ciranda são essenciais para regenerar nossas relações, através da sensibilidade ecosférica e aprimoramento comunicativo pela paz!`.

‘Acho necessário, já que uma instituição como o JC forma pessoas completas (física, mental, espiritual e emocionalmente) e penso que neste mundo atual precisamos de seres completos para poder formar a nova terra que a gente precisa construir`.

‘Muito necessário. Por estarmos em um local em que há uma maior conexão com a espiritualidade e com a natureza , o projeto vem para reforçar e direcionar novas formas

de aprendizado, que refinam a pedagogia tradicional , trazendo um olhar mais humano , de amor , carinho , cuidado em relação ao próximo e ao planeta`.

Esperança Ativa envolve identificar os desfechos que esperamos e então desempenhar um papel ativo para fazê-los acontecer. Com Esperança Ativa, escolhemos conscientemente manifestar nossas melhores reações, de maneira que possam surpreender até a nós mesmos (MACY, 2012, p. 43).

8.2. Os maiores desafios

- I. A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA. Este foi o maior desafio ao longo dos oito anos, especialmente na Ciranda Curumim, a parte do JC que as pessoas enxergam como a 'escolinha infantil'. Entendemos que valorizar o educador, inclusive financeiramente, faz parte de criarmos uma educação de qualidade e provocar o bem estar de nossa comunidade. Mas a escolha por deixarmos no máximo 5 crianças por educador, na primeira infância; o fato de a educação de qualidade não ser efetivamente valorizada, de modo geral, pela comunidade - embora seja desejada; e a falta de planejamento financeiro a médio e longo prazo nos foi intensamente desafiadora. Ao fim, a pausa que hoje o Jardim Ciranda vive, enquanto encontra caminho para se reerguer de forma financeiramente sustentável, passa centralmente por esse aspecto, tão importante quanto o bem estar de nossas crianças.

- II. EFETIVAR A PROATIVIDADE E ENVOLVIMENTO DO COLETIVO DE FAMÍLIAS PARTICIPANTES E DE 'ADMIRADORES`. Ao longo dos oito anos, tivemos cerca de 14 mutirões para ação de construção, bioconstrução, limpeza, embelezamento e manutenção nos ambientes físicos que nos abrigavam, e outros 10 para eventos como bazar na praça, noite de pizzada vegana, festas juninas na praça e no centro de Arraial, cuidado de praças públicas. E não poucos desses foram mutirões de uma pessoa só, ou duas ou três, sempre as mesmas. Diversas vezes o chamado

foi feito, mas as pessoas pouco se colocavam. É verdade que em algumas situações, sobretudo quando chegávamos a um lugar novo, que demandava ação rápida para que as crianças pudessem começar a ocupar aquele ambiente, a colaboração vinha com maior ímpeto, e alguns mutirões foram realmente especiais, linda força do coletivo e a energia de pertencimento circulando à vontade, com alegria e beleza. Mas, de modo geral, esse foi um tema bastante sensível e desgastante ao longo dos anos, e que pode estar relacionado com as dificuldades na comunicação, no que concerne às famílias que participavam diretamente da Ciranda Curumim. De forma alguma serei injusta com aqueles parceiros que sempre, ao serem chamados, prontamente se colocaram, especialmente no delicado momento de desmontagem em 2020. A esses amigos dedico minha sincera gratidão. Como lição, considerando a importância que atribuímos ao dispositivo mutirão de trabalho, temos que é preciso encontrar o meio de sustentar o frescor na comunicação e a fortaleza dos vínculos afetivos, além de um trabalho claro sobre coletividade e dinâmicas de grupo com esse objetivo.

- III. A COMUNICAÇÃO ENTRE ADULTOS, para ser clara e amorosa, não é tarefa simples. Somos seres complexos e a comunicação atravessa toda nossa complexidade. Ao longo dos anos, calibramos o modo de comunicar, às vezes mais direto, outras vezes mais ameno; falando para o coletivo, para atingir o indivíduo, e falando ao indivíduo, para alcançar o coletivo. No intuito de melhores resultados e menos erros, terminamos por setorizar, entre as pessoas da equipe, quemalaria o quê, e de que forma, tanto para as crianças quanto para os adultos. Ao menos dentro da equipe a comunicação fluía bem, com diálogo aberto e sempre honesto, muita escuta e cultivo à transparência e honestidade.

Enfrentamentos com honestidade: honestidade, coerência, ser integral: fazer o que falo, falar o que penso. É além da transparência (VIVACQUA, 26 jan. 2022).

- IV. A BUSCA POR CONSENSO, TENTATIVA DE SOCIOCRACIA. Nos anos iniciais do Jardim Ciranda, inspiradas em algumas histórias de outros projetos, buscamos

implementar a decisão por consenso, começando por camadas nos processos de gestão. Na coordenação pedagógica nunca foi complexo entrarmos em consenso, ou dentro da equipe pedagógica, mas alcançar o consenso entre equipe pedagógica e gestão financeiro-administrativa foi algo de que abrimos mão, sem fôlego para implementar ferramentas que possivelmente facilitassem esse desenvolvimento coletivo, e sem ter quem nos auxiliasse nisso. Especialmente no ano de 2019, quando formalizamos o JC como empresa, com cinco sócios, dos quais somente Caína e eu éramos também da coordenação e equipe pedagógica - que tinha 13 pessoas nessa época -, a sociocracia foi ficando mais distante, e apelamos à democracia quando necessário foi. O resultado foi ótimo, porque descomplicou e tornou tudo mais leve e fluido.

- V. A FALTA DE UM TETO ESTÁVEL, de um ambiente que acolhesse integralmente a Ciranda Curumim e parte de outras cirandas. Aquilo que é importante para nossa ágora, como gosta de dizer José Pacheco. O ponto de encontro onde se deposita o cuidado e com quem se estabelece o vínculo do pertencimento e a beleza da construção coletiva, para praticar com vigor os mutirões que nos tornam fortes em exercício para a Grande Virada apontada por Joana Macy, em *Esperança Ativa*: 'Vistas separadamente, iniciativas como essas (de mutirões - *n.a.*) podem parecer ter impacto limitado. No entanto, seu poder é revelado quando consideramos do que elas fazem parte e o que elas movem. A cada vez que as pessoas se juntam em atos de ajuda mútua, elas contribuem para uma nova versão de como nosso mundo pode parecer. A Grande Virada envolve mudar nossa cultura, e isso significa mudar nossas vizinhanças também (MACY, 2012, p. 129).
- VI. VIVER EM COLETIVIDADE. A certa altura, em 2019, percebemos que nossas dificuldades filosóficas e de cultivo de um coletivo coeso se davam pelo fato de sermos, todas as famílias do Jardim Ciranda, de diferentes regiões do Brasil e do mundo, trazendo culturas diferentes, línguas diferentes, práticas alimentares diferentes, relação com o Sagrado diferentes. O que nos unia? Uma visão de mundo aproximada, mas não totalmente, e o anseio por ofertarmos aos nossos filhos uma escola feliz, ética. A diversidade é um de nossos valores, portanto é

essencial que aprendamos a nos relacionar a partir das diferenças, e vemos que o trabalho nesse campo está diretamente relacionado ao desenvolvimento das habilidades de comunicação. Diversidade e comunicação precisam andar juntas, para que haja respeito e crescimento do coletivo.

Só será realmente regenerativo quando conseguir integrar a diversidade, as diferenças. E também trazendo a ética da palavra-imagem, do que estou gratuitamente criando, o tempo todo (VALQUÍRIA PRATES, em entrevista com VIVACQUA, 26 jan. 2022).

A colaboração não é fofinha. Viver em coletividade não é fácil, não é fofo

(VIVACQUA, 26 jan. 2022).

VII. DO PONTO DE VISTA PEDAGÓGICO, A QUESTÃO SOBRE OS LIMITES foi uma pauta sempre presente em nossas reuniões, e nos ajustamos diversas vezes dentro do tema. Requer plena atenção e doses de trabalho interno das educadoras o movimento para equilibrar o respeito ao indivíduo, ao seu tempo, às suas necessidades, com o tempo do grupo, as necessidades do grupo, o convívio social, o respeito aos espaços pessoais e ambientais. Quando começamos em 2015, a Inkiri era uma de nossas grandes fontes de inspiração, e com a experiência de seus educadores aprendemos sobre a diferença de *pedagogia livre*, como antes diziam, que vem de pensadores do Anarquismo, e *pedagogia viva*, da brasileira Talita Moser, que lá adotaram depois, e nós também. Entendemos que ser orgânico, maleável, responsivo às condicionantes de cada momento e às características de cada ser/grupo/tempo, não significava 'pode tudo'. Entendemos a importância de darmos contorno, de sermos referência de segurança, de acolhimento, amorosidade, carinho, alegria e, como parte disso, apresentarmos firmeza quando necessário, sobretudo para provocar o cumprimento dos acordos de convivência, sempre grupalmente resolvidos. Para mim, o principal elemento de sermos o contorno para as crianças é não depositar nelas a responsabilidade por certas decisões que não lhes cabem, porque lhes

fazem excessivo peso e oneram sua infância com um rigor que cabe aos adultos carregar, para que as crianças possam manifestar sua espontaneidade.

- VIII. APRENDER A TRABALHAR COM APRENDIZAGEM POR PROJETOS não foi tarefa simples. Aprendermos a aprender, para ajudarmos outros seres a aprenderem a aprender. 'Ninguém ensina o que sabe, apenas transmite o que é', diz Zé Pacheco. Desde 2017, após a vivência formativa com a Gaia Escola, tivemos clareza de que nosso caminho pedagógico seria o da aprendizagem por projetos, e ainda assim, levamos alguns anos descobrindo caminhos para nos transformarmos e conseguirmos chegar verdadeiramente à realização plena desse modelo, progressivamente, até que em 2022 cumprimos um belo ano com projetos individuais e coletivos, sob tutoria das educadoras Luiza Freitas e Kiane Damasceno, que também passaram pelo processo de aprendizagem para se tornarem tutoras. Aprenderam fazendo.
- IX. ALCANÇARMOS A VIA DO ENSINO PÚBLICO. Acolhemos algumas coisas que o querido professor José Pacheco orientou, como a sistematização de nossos núcleos; o desenvolvimento da matriz axiológica e a evidente busca por coerência com nossas práticas; o uso de dispositivos pedagógicos para muito além da aula; a avaliação continuada; a formação contínua; a estruturação dos círculos de estudo e os de vizinhança - que nós transformamos em círculos de confiança; a realização da turma piloto e a aprendizagem por projetos. Buscamos novas construções sociais de aprendizagem, mas não encontramos o caminho que realizasse de fato a implementação das turmas pilotos em escolas públicas, e até agora nos mantivemos em ação privada.

8.3 Os erros evidentes

- I. Não fazer, desde o início, planejamento para a sustentabilidade financeira. Erro gravíssimo, por excesso de ingenuidade. Faltou organização no planejamento a longo prazo.

- II. Faltou equilibrar mais a espontaneidade e a rigorosidade metódica no planejamento. Tomadas pelo fazer e aprender fazendo, e muito orientadas pela pedagogia intuitiva, deixamos de buscar fontes diversas teóricas, por algum tempo. Nos últimos 3 anos, tendo mergulhado mais na pesquisa, notamos o quanto é importante estudar mais e questionar e desmontar e remontar, para além de nossa prática vivencial. Paulo Freire diz, em *Pedagogia do Oprimido*: 'O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. Sem rigorosidade metódica, não há pensamento certo`.
- III. Quando, em 2019, formalizamos o JC como empresa social, erramos em não colocar valor financeiro no trabalho que desde 2015 as coordenadoras fazíamos sem remuneração ou com uma muito baixa remuneração, para equalizar o investimento inicial dos sócios.

8.4 Os maiores acertos

Por nossa percepção e pelo retorno que tivemos nos questionários, temos como nossos maiores acertos:

- I. Cultivar a afetividade nas relações e o encantamento pela vida. Das crianças entre si; entre cuidadoras e crianças; entre as educadoras; entre as famílias. Isso gerou bons frutos.

- II. Manter a esperança ativa e ativa! Sabemos esperar! A partir de nossa dor do mundo, conseguimos agir em prol do bem coletivo.

A partir de honrar nossa dor pelo mundo, agir pelo Trabalho Que Reconecta, com 4 movimentos: Partindo com gratidão, honrando nossa dor pelo mundo, vendo com novos olhos e seguindo adiante (MACY, 2012, p.43).
- III. Sustentar o contínuo aprimoramento na coerência com nossos valores, à guisa da ética na educação.
- IV. Labutar por valores e pela integralidade na educação, com energia e amor. Isso tem reverberado e tocado pessoas. Descubrem que podem, elas também, fazer algo por transformações positivas.
- V. Resistência.
- VI. Resiliência.
- VII. Perseverança (no caso de minha parceira Caína, é teimosia pura, de qualidade!).
- VIII. Tendo o autoconhecimento por princípio e trabalhando pela autoconfiança que possibilita que crianças, jovens, adultos e anciãos possam entregar seus talentos ao mundo, assumindo seu lugar na teia de saberes que caracteriza a diversidade da vida.
- IX. Ofertar riqueza de possibilidades aos adolescentes, a partir de seus interesses, sempre com amor e com muito desejo de que eles de fato pudessem server daquilo tudo. Sustentar o prazer de ser educadora importa.

8.5. O turismo educacional e ambiental na região, as possibilidades que surgem com a criação do projeto de conservação do Guigó.

Assim como não devemos separar natureza de nós - NaturezaNós -, não há como separar a educação das transformações necessárias: socioambientais, econômicas, relacionais etc. Cuidar da educação é zelar para que o novo necessário aflore e o ultrapassado nocivo fique para trás. Uma revolução é necessária, para que deixemos de reproduzir esse sistema que come o mundo, como diz Krenak, e onde a ética passe à dianteira, com Amor. A revolução é no modo de fazer educação, revendo tudo, ousando quebrar padrões obsoletos e inovando nos caminhos, colocando a Vida e suas relações

no centro, o cuidado como base de **todas** as relações, *'por todas as nossas relações'*, é o que dizemos, reverentes, em ritual xamânico de comunhão com a Terra.

Algumas possibilidades podem caber para reorientar o modo predatório de ocupação do território, refreando o desmatamento e buscando políticas públicas que fomentem a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável:

- I. Atuar diretamente na educação. Uma medida tão indispensável quanto urgente, com efeitos de curto, médio e longo prazo e alcance para todas as gerações - na medida em que as mudanças provocadas pelas gerações mais novas afetam diretamente as mais ancestrais, especialmente com o avanço tecnológico.
- II. Aliados à educação, criar novos nichos de turismo, mais sustentáveis. Nichos de turismo educacional, turismo ambiental, turismo espiritual.
- III. Criar projetos de conservação da biodiversidade, envolvendo a comunidade e provocando apelo midiático favorável à conscientização ambiental. Espécies carismáticas podem ser escolhidas, provocando o efeito *'guarda-chuva'*, de modo que, ao serem eleitas como foco para conservação, guardiam consigo todas as outras espécies presentes na área necessária de ser preservada para sua conservação.
- IV. Através de projetos, trabalhar junto das escolas, pela conscientização socioambiental, inclusive para identificar potenciais líderes comunitários que possam veicular pequenas e grandes ações transformadoras.

8.6. Jardim Ciranda: uma alternativa de turismo educacional?

Por que razão professores brasileiros vão em excursão ao Hemisfério Norte, se o futuro da educação está no Hemisfério Sul? É lamentável que os educadores brasileiros continuem padecendo da *'síndrome do vira-lata'*, indo procurar no Hemisfério Norte modismos e os adotam, quanto têm aqui muitas finlândias ignoradas (PACHECO, 2019).

Em 2017, o olhar experiente do professor José Pacheco primeiro nos apontou a possibilidade de o Jardim Ciranda atuar também como foco de turismo educacional.

Passados quase seis anos daquele apontamento, e após alguns de incursões turísticas em centros educacionais como a Escola Ayni (Guaporé - RS) e Escola Inkiri (Piracanga, Itacaré - BA), ficou mais evidente o potencial do Jardim Ciranda para tanto. Por quê?

- I. Porque o JC tem tocado, motivado e inspirado outras iniciativas. Pessoas nos procuram, de diversas partes do Brasil e também de Portugal, Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, para saberem mais, e querem nos visitar;
- II. Porque hoje sabemos do imenso valor daquilo que temos a ofertar, e da importância de partilhar com o máximo de pessoas, para que possam vivenciar, sentir, serem mais motivadas a também avançarem com seus projetos e criarem movimentos transformadores. O JC é uma semente, já enraizada e cujo desenvolvimento acende outras sementes. Acreditamos que esse seja nosso maior potencial de transformação, em escala: despertar outras sementes de seu estado de dormência e ajudá-las a germinar.
- III. Porque estamos em um local belíssimo, que já vive intensamente o turismo e recebe gente do mundo inteiro, ainda que de forma massiva e extremamente predatória. Existe uma estrutura física e social pronta a acolher mais um nicho turístico: aeroporto internacional perto; acesso fácil aos ambientes de aprendizagem e ao conjunto de elementos que compõem o Jardim Ciranda em termos territoriais - com balsa, ônibus, carros de aluguel, mototáxis, bicicletas. O fato de haver a estrutura pronta é positivo; o fato do turismo de massa e predatório prevalecer é algo que queremos contrapor, e implementar o turismo educacional é uma das razões para isso: apresentar à comunidade arraiana, aos pousadeiros e aos turistas outros nichos possíveis, para que as pessoas venham conhecer e vivenciar algo diferente, transformador, impulsionador de mudanças. Um nicho que atraia pessoas que queiram preservar, e não destruir; que exemplifique uma forma ambientalmente sustentável de relação com o lugar. Nossa região é belíssima e merece ser zelada. O turismo educacional será um carinho amoroso e respeitoso neste lugar;
- IV. Porque notadamente existe um público crescente que busca a região para vivências espirituais e com interesses ambientais. O nicho de turismo educacional, na prática do Jardim Ciranda, por seu holismo, casa-se perfeitamente com o

turismo espiritual/ de autoconhecimento, e o turismo ambiental. O JC focaliza vivências diversas, dentro do seu espectro de atuação, e cada vivência pode ser em alguma medida partilhada - incluindo as vivências para formação de educadores -, fomentando a sustentabilidade econômica da comunidade. De fato, e a exemplo do que vimos na Escola Ayni, entendemos que esta possibilidade seja a melhor maneira de assegurar recursos para a manutenção dos projetos que enredam o JC;

- V. Porque nos últimos 2 anos o movimento em prol da sustentabilidade e da regeneração tem crescido na região - junto com o desmatamento e o avanço imobiliário desmedido e desregrado. Alguns empresários notaram que algo precisa ser feito a respeito das rápidas mudanças, ou a região perderá seu charme vinculado à natureza e, portanto, seu maior valor e fonte de turistas. Alguns estão notando que a galinha dos ovos de ouro está sendo estrangulada. Diante disso, temos sido contatadas por interessados em fomentar a criação de uma nova escola, a partir do que fizemos com o Jardim Ciranda, com potencial transformador na região, que atraia mais pessoas interessadas em cultivar um olhar regenerativo, equilibrando a vinda daqueles cujo olhar é meramente predatório e exploratório. Queremos possibilitar que a sustentabilidade e regeneração verdadeiramente sejam centrais numa prática educacional construtora de novos mundos, à guisa da conhecida deficiência das escolas comuns, particulares ou públicas.
- VI. E, finalmente... Porque queremos muito fazer isso! Queremos ver os corações pulsando quando entram em nossos ambientes de aprendizagem; as pessoas tomadas por uma inexplicável emoção que lhes sinaliza que ali há algo especial e importante acontecendo. Algo que, secretamente, aciona em seus seres o esperar de Paulo Freire, a Esperança Ativa de Joanna Macy, o mundo mais bonito que nossos corações sabem ser possível, de Charles Eisenstein. Uma semente dourada não deve ficar guardada na gaveta, ela precisa ser tocada, tocar e reverberar. É como um dínamo que gera uma contínua corrente, ainda que pareça estar inerte. E entendemos que seja preciso encorajar as pessoas por todas as vias, para que a Educação Regenerativa ganhe adeptos e força!

8.7. Adoletá, Projeto Guigó: um caminho para turismo ambiental e educacional?

Enxergo o Projeto Guigó, que vem sendo criado junto com os jovens da Adoletá, como um trunfo para provocar movimentos positivos na região. O macaco guigó mão preta, *Callicebus melanochir* é uma excelente espécie guarda-chuva: primata (próximo da biologia e comportamento humanos, e pessoas costumam gostar de macacos, talvez por fácil identificação com eles), mamífero e com pelagem abundante (animais peludos são atrativos, as pessoas têm vontade abraçá-los - embora certamente isso não seja realizável), ameaçado de extinção (o que gera apelo internacional), endêmico de fragmentos de Mata Atlântica (requer a conservação de fragmentos que são hotspots da biodiversidade), pouco conhecido (passível de uma apresentação encantadora nas escolas da região, para conquistar a comunidade e torná-la deseiosa de mantê-lo vivo e ajudar no que for possível), pouco estudada (pode atrair pesquisadores para a região, somar esforços com a Universidade Federal do Sul da Bahia), é fofinho (facilmente se cria um belo mascote para logomarca de projeto, tocando mentes e corações que se ponham a contribuir diante de uma eventual campanha pró-conservação do guigó).

Vejo a possibilidade e grande potencial de o Projeto:

- I. Provocar maior cuidado na gestão e que se alcancem melhores condições nas UCs já existentes, muitas vezes negligenciadas a ponto de não receberem sequer a manutenção de banheiros para atender aos visitantes e pesquisadores. O Guigó pode provocar o desenho de um plano encorpado para o turismo ambiental na região, no que tange sobretudo às áreas de terra - já que, para as zonas costeiras, existe a forte atuação dos gigantes projetos Coral Vivo, TAMAR, Jubarte e Nautilus.
- II. O Projeto Guigó, unindo o propósito de educação, pesquisa e turismo, poderá entrar e atuar, com o tempo, nos grandes parques e áreas de patrimônio natural existentes na região, com oito áreas-núcleo: a Reserva Biológica do Una, a Estação Ecológica de Vera Cruz, a Estação Experimental Pau-Brasil, o Parque Nacional Pau-Brasil, o Parque Nacional do Monte Pascoal, o Parque Nacional do

Descobrimto, a Reserva Biológica de Sooretama e a Reserva Florestal de Linhares (IPHAN, 2023).

- III. Pelo fato de serem facilmente avistados (e ouvidos) em áreas já parcialmente urbanizadas, mas que ainda apresentam fragmentos florestais, e encantarem com sua vocalização surpreendente e sua aparência que provoca afeição imediata, os guigós podem ser um chamariz para que pequenos pontos de observação de primatas sejam criados, dentro e fora de UCs. Uma rota de observação poderia ser criada, como parte do movimento pelo turismo sustentável, regenerativo, que tem aparecido mais na região de Trancoso e Arraial d’Ajuda. Poderia haver trechos somente para ciclistas e pedestres, fomentando práticas mais sustentáveis. Pessoas da comunidade local podem vir a ser valorizadas por sua culinária, seu artesanato e suas histórias, a exemplo do que foi feito em Bento Gonçalves - RS
- IV. O Projeto Guigó pode impulsionar a criação de mais passarelas aéreas de fauna, favorecendo outros animais e provocando mais olhares para eles, maior percepção de sua existência e nossa coexistência, através de uma interação fisicamente distante mas afetivamente mais próxima. Estudos com educação ambiental mostram que o olhar toca os corações, e corações tocados geram abertura à conscientização, que leva a mudanças de comportamentos.
- V. Assim como se deu com o Projeto de conservação do Mico Leão Dourado, o Projeto de conservação do Mico Leão Preto, e também os projetos de conservação dos gorilas e dos chimpanzés, a boa abordagem através de um primata, ainda que pequenino, abre portas para pesquisas e para turismo ambiental e educacional, intimamente relacionados. Outros exemplos brasileiros de conservação, Projeto TAMAR e Baleia Jubarte, ganharam proporções grandiosas e são muito bem sucedidos em seus propósitos. E, como diz o amigo Leonardo Merçon, fotógrafo de natureza e colega de mestrado: *‘Se um jacaré, que tanta gente acha feio e assustador, pôde mobilizar tanta gente e alcançar bons resultados com um projeto de conservação (o Caimam - Jacarés da Mata Atlântica), imagine o que esse macaco fofinho pode conseguir!’*.

8.8. Passos em andamento.

Os 8 anos percorridos até agora nos trouxeram experiência, aprendizado e a clareza de ser um trabalho sem fim - um mundo regenerativo ainda está distante. Por estarmos no lugar de núcleo a tecer a Rede de Comunidades de Aprendizagem do Extremo Sul da Bahia, e aproveitando a oportunidade que ora se nos chega, diante das novas parcerias com famílias de Trancoso, compreendemos ser hora de um novo passo na caminhada, estruturando outros Círculos de Aprendizagem na região e expandindo nosso trabalho, ao qualificar processos de aprendizagem, promovendo uma educação que atenda às necessidades específicas da comunidade local e colaborando para o desenvolvimento da educação básica na região.

A criação de Círculos de Aprendizagem Jardim Ciranda vai-se desenhando a partir dos seguintes fatores:

- I) Necessidade de inovações pedagógicas, para melhorar a qualidade educacional da região de acordo com as demandas específicas do território;
- II) Iniciativa de um grupo de pais e educadores de Trancoso e de Arraial dispostos a contribuir com o sistema municipal de educação e, ao mesmo tempo, responsabilizar-se pela educação das crianças;
- III) Necessidade de ações conjuntas em benefício da população local;

Nossa expectativa é conseguir usar toda a indignação e frustração presentes em dezenas de famílias de Trancoso e Arraial, em relação à educação básica, para criarmos uma potente rede de educação inovadora na região, reerguendo o Jardim Ciranda a partir de sua célula original, com novas parcerias e um modo de existir financeiramente sustentável, para que perdure com segurança e possa atuar de modo efetivo na transformação do tecido local, criando o turismo educacional e fomentando o turismo ambiental e espiritual. Estamos em novo processo de trabalho de parto coletivo! Para um novo mundo... Uma nova escola!

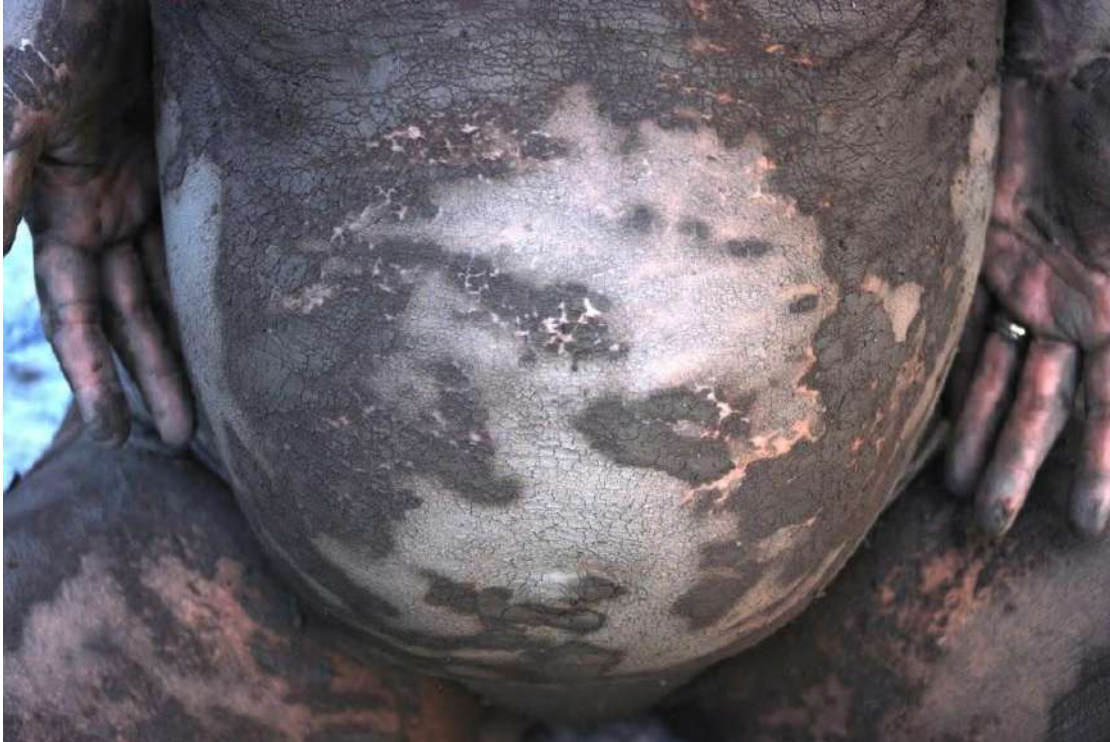


Figura 55 - Barriga-Terra. Uanan no ventre de Ilana. Fotografia de Celina Cagnani, mãe da educadora Lucia.

8.9. Finalmente... Espiralar.

O Jardim Ciranda foi parido por mães que ficaram envolvidas com a primeira infância de seus filhos, passando por uma primeira etapa de intuição para guiar os movimentos na construção coletiva, e vivendo o lugar do ser órfão, de sentir a dor do mundo, buscando entender como fazer para criar uma educação libertadora. Agora mais maduras, com mais pesquisa e prática, nossos filhos já não estão pendurados em nossas mamas e uma outra etapa desponta. Planejamento e foco estruturados no passo a passo e nas parcerias. Com maior alcance no tecido local e ajudando outras pessoas que estão começando. Transitando desse lugar do inocente para o órfão, no olhar de Dragon Dreaming, e do órfão para o transeunte, o peregrino (VIVACQUA, p. 92).

Se nossa motivação primeira foi a certeza de não quisermos fazer parte desse sistema de domesticação e de não corroborarmos com a manutenção de algo que não está funcionando para o bem comum e de Gaia, a primeira etapa foi cumprida.

Ganhamos visibilidade a partir do que foi feito pautado na sensibilidade, na intuição, na pedagogia intuitiva, somada aos aportes teóricos que vieram com José Pacheco e os estudos individuais e da equipe. Ideologicamente mais estruturadas, com provável apoio se efetivando, abre-se a possibilidade para avançarmos e materializarmos 'a escola dos sonhos'. Na impossibilidade de nos tornarmos uma bela e harmoniosa aldeia e vivermos em um coletivo saudável, aos moldes de povos originários em diversas partes do mundo, onde a escola é a própria organização do povoado e que flui naturalmente, vamos seguir trabalhando para criar a comunidade de aprendizagem, a aldeia fora da aldeia, com sustentabilidade como premissa e regeneração como meta.

Trago aqui uma fala dessa parceira que vibra boa parte da força vital do Jardim Ciranda: Caína: *'Precisamos firmar um ecossistema educacional e tornar nossa região um território educador, para atrair investimentos socioambientais que assegurem a biodiversidade local, melhoria na qualidade de vida e processos de aprendizagem significativos'*.

Seguimos!



Originariamente, “educar” significa “viajar”. Ao pé da letra, educare é ‘se mover, se deslocar’ de um ponto para o outro. Portanto, a educação é originariamente uma viagem. “Viagem” nós podemos entender como um voo, como uma mudança de espaço. Então, o beija-flor é uma ave que viaja o tempo todo. Ele não para. Então, é muito justo e muito acertado que ele possa simbolizar o conhecimento. Conhecimento de beijar as flores e dali tirar o mel, de eventualmente polinizar. E se deslocar, disseminando outras realidades, disseminando o conhecimento intrínseco das coisas – que é o conhecimento intrínseco da natureza. No entanto, o ocidente supõe – e sempre supôs – que a educação se dá apenas no espaço determinado, orientado por um mestre. Mas não é assim. O próprio Platão concebia um método peripatético, de andar, de se deslocar.

Mas há outras 2 civilizações, não gregas, que fazem da viagem, da própria viagem, a fonte do conhecimento. Os povos indígenas, povos tradicionais, que percorrem a floresta, moram temporariamente em um lugar e depois abandonam aquele lugar, é porque sabem que aquele lugar se esgotou, não está ensinando mais nada. Não há mais interação, não há troca entre eles e as árvores, e o natural. Então, é preciso redescobrir o sentido da educação para além da disseminação paralisada ou paralisante de conteúdos. De saberes paralisados. Então, educar, portanto, é movimentar. Ensinar e aprender. É a mesma coisa. Quem não aprende, não ensina. Os africanos não aprendem com ninguém falando para o outro. Aprendem deslocando-se. Aprendem viajando. Aprendem viajando no mato, viajando no cumprimento das obrigações. Aprendem descobrindo. E quando param, quando têm um objeto que têm que conhecer, eles não veem por um ângulo só. Os nagôs, os iorubás, eles pegam o objeto que querem conhecer e cercam ele por todos os lados, por todos os caminhos. Pode ser a fala de alguém que estudou medicina, de alguém que estudou ciência. Pode ser uma fala religiosa. Todas essas falas podem ser aceitas, podem ser ponderadas. Porque todas essas falas são parte das muitas perspectivas que você pode ter sobre um objeto. Então, esse conhecimento é o conhecimento ecológico. É um conhecimento onde o ser humano está o tempo inteiro em interação com o meio ambiente, o tempo inteiro em interação com os outros. E para estar em interação com os outros, você tem que estar aberto, de mãos abertas para o outro. Ele tem que dar a mão para o outro também. (SODRÉ, 2022. p. 1 e 2)

JARDIM CIRANDA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM:

Endereço eletrônico: www.jardimcirandabahia.com.br

Instagram: @jardim_ciranda

YouTube: Jardim_Ciranda

9. MATERIAL PUBLICADO NA REDE MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO (INTERNET):

Jardim Ciranda site: <https://www.jardimcirandabahia.com.br> (em reforma, jun. 2023)

Perfil no Instagram: @jardim_ciranda

Jardim Ciranda contação de histórias no YouTube:

<https://www.youtube.com/@jardimcirandacomunidadea1634/featured>

Jardim_Ciranda institucional: https://www.youtube.com/@jardim_ciranda4172

- Matrix axiológica: <https://www.youtube.com/watch?v=9JZycsafNzc&t=46s>
- Depoimento de Ilana: origem primeira do Jardim Ciranda: <https://www.youtube.com/watch?v=ijTdzc016U>
- Depoimento de Caroline Duarte: ciência e transformação, Ciranda da Gestação: https://www.youtube.com/watch?v=hNSL88_KxVs
- Depoimento de Alessandra Maeda: escola com sentido: https://www.youtube.com/watch?v=jk6IBUoC_hc
- Depoimento de Lila: educação com amor, família: <https://www.youtube.com/watch?v=m7N8M20A1vU>
- Mães e Ciranda da Gestação: <https://www.youtube.com/watch?v=bjXi9F4654Y>
- Jardim Ciranda, 2018: <https://www.youtube.com/watch?v=IBSqZdA67gk>
- Festa Junina na Praça, 2018: https://www.youtube.com/watch?v=D4L_hDkn6Dw
- Jardim Ciranda, 2019: <https://www.youtube.com/watch?v=uezo5tllA4s>
- História JC narrada por si (voz de Flora, 13 anos), 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=9a6v8fkQuvQ>

10. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A Escola Com Que Sempre Sonhei Sem Imaginar que Pudesse Existir**. Campinas: Papyrus, 2001.

BAILEY, A. **Problems of Humanity**. 3 ed. [S.l.]: Lucius Pub, 1972.

BASSOLI, R. M. **Yoga para crianças**. Campinas: Átomo, 2008.

BBC NEWS/ GLOBO. **Redução forte no consumo de carne equivale a tirar 8 milhões de carros das ruas do Reino Unido, diz estudo**. 21 jul. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2023/07/21/reducao-forte-no-consumo-de-carne-equivale-a-retirar-8-milhoes-de-carros-das-ruas-no-reino-unido-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/microFinancas/arquivos/horario_arquivos/apres_116.pdf>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

BRASIL. **O Corredor Central da Mata Atlântica: Uma nova escala de conservação da biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: 2006. Disponível em: <<http://www.meioambiente.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/Cadernos/CorredorCentraldaMataAtlantica.pdf>>. Acesso em: 11 jun 2023.

BROTTO, F. O. **Pedagogia da cooperação: por um mundo onde todas as pessoas possam VenSer**. Rio de Janeiro, Bambual, 2020.

BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. **Aprendizagem Baseada em Projetos: Guia para Professores de Ensino Fundamental e Médio**. Tradução Daniel Bueno. – 2, Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

BURIGO, J., BADZIACK, H. e MOSER, T. **Pedagogia Viva: processo de transformação contínua**. 2016. Disponível em: <<https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/166>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação no século 21**. In: GRAVATÁ, A. et al. **Volta ao mundo em 13 Escolas: Sinais do futuro no presente**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo, Cultrix, 2006.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. Palestra transcrita, 2003. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2010/08/CAPRA-FRITJOF-Entrevista-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CARTA DA TERRA. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/responsabilidadesocioambiental/agenda-21/carta-da-terra>> Acesso em: 25 fev. 2023.

CARVALHO, C. R. **Uma abordagem geográfica do turismo em Porto Seguro**. Tese de mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-02032009-164937/publico/CLEBIA_ODRIGUES_DE_CARVALHO.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

CENTER FOR ECOLITERACY (Centro para Alfabetização Ecológica). Disponível em: <<https://www.ecoliteracy.org/>>. Acesso em 25 fev. 2023.

COUTO, L. **Futurismo Ecológico Ancestral. Caderno I**. [São Paulo?], 2023. Disponível em: <<https://images.lumacdn.com/editor-attachments/5d/aac17ede-d426-4e28-94de-ce970f8db6fd>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

DEACOVE, J. **Manual de jogos cooperativos: joguem uns com os outros, e não uns contra os outros**. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

DEMO, P. **Aprender Como Autor**. São Paulo: Atlas, 2015.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, P. **Mitologias da Avaliação**. Campinas: Autores Associados, 1999.

DEMO, P. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DIAS, N. **Permacultura para organizações e casas ecológicas: guia prático para economia de recursos e projetos sustentáveis**. Rio de Janeiro: Pindorama, 2016.

DRCB - **Documento Referencial Curricular da Bahia**. 2019. Disponível em: <<http://jornadapedagogica.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/Documento-Curricular-Referencial-da-Bahia-para-a-Educacao-Infantil-e-Ensino-Fundamental.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

Educação Interdimensional: Uma paideia para o século XXI / [org. IAMAR - Instituto Alair Martins]. Vários autores. Uberlândia, MG: IAMAR, 2021. Disponível em: <http://virtudesqueencaminham.org.br/wp-content/uploads/2022/11/REVISTA_SEMINARIO_EDUCACAO_INTERDIMENSIONAL_Vers%C3%A3o_Digital-1.pdf>. Acesso em: 08. jul. 2023.

EISENSTEIN, C. **O mundo mais bonito que nossos corações sabem ser possível**. São Paulo: Palas Athena, 2016.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION: plataforma para economia circular. Disponível em: <<https://ellenmacarthurfoundation.org/pt/o-diagrama-de-borboleta>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

EMBRATUR/IBAMA. Empresa Brasileira de Turismo/ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília, 1994.

ESCOLA INKIRI PIRACANGA. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2015/01/conheca-a-escola-livre-que-fica-em-uma-comunidade-sustentavel-na-bahia/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FELIPE, S. T. **Galactolatria: mau leite**. São José, Ecoânima, 2012.

FEUERSTEIN, G. **A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática**. São Paulo: Pensamento, 1998.

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação - cartas pedagógicas e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GREEN SCHOOL. Disponível em: <www.greenschool.org>. Acesso em 25 fev. 2023.

GRIFFE DE VIAGENS. **Turismo e educação- definição de termos**. 13 jun. 2020. Disponível em:

<<https://griffedeviagens.com.br/2020/06/13/turismo-e-educacao-definicao-de-termos/>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

HANH, T. N. **Le miracle de la pleine conscience: manuel pratique de méditation**. France: Aventure Secrète, 1994.

HARARI, Y. N. **Sapiens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HERMÓGENES. **Autoperfeição com Hatha Yoga**. Rio de Janeiro: Vozes, 27ª edição (sem data).

HOTSPOTS REVISITADOS. Disponível em: <https://www.conservation.org/docs/default-source/brasil/HotspotsRevisitados.pdf> pág. 06>. Acesso em 24 mar. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 26 fev. 2023.

ICMBio, Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/turismo-sustentavel.html>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INSTITUTO NINA ROSA JACOB - PROJETOS POR AMOR À VIDA. Disponível em: <<http://www.institutoninarosa.org.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1660/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <<https://www.iucnredlist.org/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

JULHO, T. S. **Abordagens de educação ambiental em escolas públicas estaduais de Porto Seguro, Bahia, Brasil**. Dissertação para Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade (ESCAS - IPÊ). Porto Seguro, 2022.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Pisar suavemente sobre a Terra: rumo a uma pedagogia da coexistência**. 20 set. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OJTzYfizvN8&t=1562s>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

KRENAK, Ailton; PAPÁ, Carlos; TAKUÁ, Cristine. Org. DANTES, Anna. SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS - **Conversa sobre a Noite**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=znGTLLXApl&t=8s>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o sentido da vida**. São Paulo: Cultrix, 1957.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. Antroposófica, São Paulo, 2016.

LANZ, R. **Noções básicas de Antroposofia**. Antroposófica, São Paulo, 1983.

LEBOYER, F. **Se me contassem o parto**. São Paulo: Ground, 1996.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília, 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LEWINSOHN, I.D.A. **Jaçanã: causos e contos de uma pajé pataxó**. São Paulo, Baraúna, 2016.

LEWIS, T.; AMINI, F.; LANNON, R. **A general theory of love**. New York: Vintage Books, 2000.

LILLARD, P. P. **Método montessori: uma introdução para pais e professores**. Manole, 2017.

LIMA, L. O. **Educar para a comunidade**. Petrópolis: Vozes, 1969.

LIMA, L. O. **O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LIMA, L. O. **Para que servem as escolas?** Petrópolis: Vozes, 1996.

LIMA, R.A.F. et al. Defining endemism levels for biodiversity conservation: Tree species in the Atlantic Forest hotspot. [Biological Conservation](#), [Volume 252](#), December 2020, 108825c.

LOUV, R. **Last Child in the Woods: Saving our children from nature-deficit disorder**. North Carolina: Algonquin Books, 2008.

LOVELOCK, J. **Gaia: Alerta final**. 1a ed. Editora Intrínseca. 2009.

LOVELOCK, J. Org. Beautiful Minds. **The Gaya Hypothesis/ Gaia Theory**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QqwZJDEZ9Ng>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

LOVELOCK, J. **Vida, senhora da Terra**. In: **Mind, Life And Universe: Conversations With Great Scientists Of Our Time**; editado por Lynn Margulis e Eduardo Punset. Chelsea Green, 2007. Trad.: Marcos Moraes. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/CADERNO10_LOVELOCK-1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

LUDKE, Menga & Maria Eliza D. A. ANDRÉ, **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: 1986.

MARGULIS, L. et al. **Propriocepção: quando o ambiente se torna o corpo**. Caderno Selvagem 7, Dantes Editora, 2020. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_7_MARGULIS.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MEC - MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - Ministério da Educação e do Desporto**, Volumes 1, 2 e 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>, <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol2.pdf>, <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol3.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MACY, J. **Ensaio sobre o Conselho de Todos os Seres** (em inglês). Disponível em: <<https://www.rainforestinfo.org.au/deep-eco/Joanna%20Macy.htm>>. Acesso: em 24 mar. 2023.

MACY, J. **Esperança ativa: como encarar o caos em que vivemos sem enlouquecer**. Rio de Janeiro: Bambual, 2020.

MALAVASI, M. **The map of biodiversity mapping**. *Biological Conservation*, Volume 252, 2020, Article 108843.

MONTESSORI, M. **A criança**. Círculo do Livro, 1992.

NAESS, A. **Ecología, comunidad y estilo de vida: esbozos de una ecosofía**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

NAESS, A. **Self-realization: an ecological approach to being in the world**. In: DRENGSON, Alan; INOUE, Yuichi. *The Deep Ecology Movement: An introductory anthology*, North Atlantic Books, 1995.

NAESS, A. **Une écologie pour la vie. Introduction à l'écologie profonde**. Paris: Terre, Éditions du Seuil, 2017.

ODENT, M. **Gênese do homem ecológico. Mudar a vida, mudar o nascimento. O instinto reencontrado**. São Paulo: Tao Editora, 1981.

OLIVEIRA, E. A. **A importância das áreas verdes urbanas para a educação ambiental: o caso do Horto Florestal de Ipiaú (Bahia)**. Dissertação apresentada para Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade do Instituto de Pesquisas Ecológicas (ESCAS- IPÊ). Uruçuca, 2019.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <unwto.org>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ONU E ODS: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/17>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

ORR, D. **Earth in Mind: on education, environment, and the human prospect**. Washington: Island Press, 2004.

_____. **Ecological Literacy: education and the transition to a postmodern world**. New York: State University of New York Press, 1992.

PACHECO, J. **Aprender em Comunidade**. Editora SM, 2014.

PACHECO, J. **Dicionário de Valores**. São Paulo, Edições SM, 2012a.

PACHECO, J. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PACHECO, J. **Novas histórias do tempo da velha escola. Cartas diárias**. Disponível em: <<http://www.josepacheco.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

PACHECO, J. **Para Alice, com Amor**. São Paulo: Cortez, 2004.

PACHECO, J. **Para os Filhos dos Filhos dos Nossos Filhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

PADUA, S. M. **Educação Ambiental como processo de gestão socioambiental: integração entre conservação e uso sustentável dos recursos naturais no Pontal do Paranapanema, São Paulo**. Tese de doutoramento. Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável. 2004.

PADUA, S. M. **Por uma nova educação que nos leve ao encantamento e ao amor pela vida**. In: Revista Seminário de Educação Interdimensional: Educação interdimensional: uma paideia para o século XXI.

[org. IAMAR - Instituto Alair Martins]. Uberlândia, MG. 2021.

PADUA, S. M. **Pensamentos sobre ética e inclusão afins à educação ambiental.**

2023a. Artigo disponível em:

<<https://faunanews.com.br/2023/07/06/pensamentos-sobre-etica-e-inclusao-afins-a-educacao-ambiental/>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

PADUA, S. M. **Por que rebeldia tem relação com educação ambiental?** 2023b. Artigo disponível em:

<<https://faunanews.com.br/2023/05/05/por-que-rebeldia-tem-relacao-com-educacao-ambiental/>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

PADUA, S. M. **Encantamento pela vida pode levar a amor, respeito e inclusão.**

2023c. Artigo disponível em:

<<https://www.criativos.blog.br/post/encantamento-pela-vida-pode-levar-a-amor-respeito-e-inclus%C3%A3o>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

PARQUE NACIONAL DO PAU BRASIL:ICMBio. Disponível em:

<<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/parna-do-pau-brasil/>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

PEDAGOGIA LIVRE. Disponível em:

<<https://pedagogialivre.com.br/#:~:text=A%20pedagogia%20libert%C3%A1ria%20re%C3%BAne%20as,que%20haja%20controle%20do%20professor.>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PEDAGOGIA WALDORF. INSTITUTO RUDOLF STEINER. Disponível em:

<<http://institutorudolfsteiner.org.br/>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PESSOA, F. **Odes de Ricardo Reis.** Lisboa: Ática. 1946 (imp.1994). P. 148.

PRINTES, R., JERUSALINSKY, L., DE MELO, F.R. & MITTERMEIER, R.A. 2020.

***Callicebus melanochir.* The IUCN Red List of Threatened Species 2020:**

e.T39930A17975106. Disponível em:

<<https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T39930A17975106>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

PROEASE: Programa de educação ambiental do sistema educacional da Bahia.

Salvador, Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 2015.

REID, W. V. **Biodiversity hotspots, Trends in Ecology & Evolution**, Volume 13, Issue 7, 1 July 1998, Pages 275-280.

RIBEIRO, S. **Limiar: Ciência e vida contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ROLIM, M. A. A. et al. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180,

jul./dez. 2008. Disponível em:
<https://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SADHGURU. **Preparing for AIs impact**. Youtube video class, 4 mar. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/v9m9LkHUOFk>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

SANTOS, M. S. **Mapeamento comportamental de crianças em contato com a natureza em área verde urbana**. TCC apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). 2023

SANTOS, V. C. **A proposta educacional de Lauro Oliveira Lima: Reflexões Sobre Concepções de uma Educação Construtivista**. Limoeiro do Norte - CE, 2017

Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA4_ID4883_01102019194734.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

SCARBOROUGH, P. et al. **Dietary greenhouse gas emissions of meat-eaters, fish-eaters, vegetarians and vegans in the UK**. *Climatic Change* 125, 179–192 (2014). Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10584-014-1169-1>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCARBOROUGH, P. et al. **Vegans, vegetarians, fish-eaters and meat-eaters in the UK show discrepant environmental impacts**. *Nat Food* 4, 565–574 (2023). Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s43016-023-00795-w>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SCHUMACHER COLLEGE BRASIL. Disponível em:

<<https://escolaschumacherbrasil.com.br/schumacher-college/>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SECRETARIA DE TURISMO DE BENTO GONÇALVES. Disponível em:

<<https://bento.tur.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, V. L. **Fogo de 51: uma narrativa da dor do povo pataxó da Bahia**. Revista Escrita, 2013. N. 16, ISSN 16796888. DOI 1017771/PUCRio.escrita.21939. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21939/21939.PDF>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SODRÉ, M. **O abraço do beija-flor e a viagem da educação**. Caderno Selvagem 44.

Publicação online, 2022, Dantes Editora. Disponível em:

<https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/05/CADERNO44_SODRE.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SOSMA - Fundação SOS Mata Atlântica. Disponível em: www.sosma.org.br. Acesso em: 26 jun. 2023.

SOUSA, R. S. **Ecoturismo como ferramenta para conservação: um estudo sobre os parques ecológicos do DF**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Engenharia Elétrica, UNB, 2011.

SPECIES PLUS. **Inclusão do *Callicebus melanochir* em legislação internacional**. Disponível em: <https://speciesplus.net/> . Acesso em: 14 mar. 2023.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988, atualizada em 2022**. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SVR: SANTUÁRIO VALE DA RAINHA. Disponível em: <https://svr.org.br/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

TAKUÁ, Cristine. **Escolas Vivas - diálogo com Ailton Krenak e Anna Dantas**. Caderno Selvagem 43, Selvagem Ciclo de Estudos. 21 mar. 2022. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/05/CADERNO43_TAKUA.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

TAQUES, R. C. V. et al. **O consumo de carne, a crise climática e a saúde mundial pela perspectiva da educação ambiental complexa**. Revbea, São Paulo, V. 15, No 4: 55-69, 2020.

TIRIBA, L. **Crianças e Natureza**. In: **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TOLLE, E. **O poder do agora**. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.

TORO, B. **É preciso saber cuidar**. TEDx. Disponível em: <http://afichacaiu.wordpress.com/tag/tedx-amazonia/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

TORO, B. **É preciso saber cuidar**. Bogotá: 2009. disponível em: https://www.faculdadesesi.edu.br/wp-content/uploads/2017/02/Texto-_Bernardo-Toro.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

USDA-Brasil - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Disponível em: <http://www.usdabrasil.org>. Acesso em: 21 jul 2023.

VILAS-BOAS, T. **A escola por vir**. Caderno Selvagem 45, online, Dantes Editora, 2022. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2023/02/CADERNO45_VILASBOAS.pdf. Acesso em: 08 jul. 2023.

VIVACQUA, F. **A pérola do dragão: uma jornada profunda pelas origens do método e filosofia Dragon Dreaming e outras contribuições em Educação Regenerativa e processos de coaprendizagem.** Rio de Janeiro: Bambual, 2021.

VIVACQUA, Flávia; PRATES, Valquíria. CANAL EDUCAÇÃO REGENERATIVA - **Mediação educativa.** Youtube, 26 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=elkArUzzg18&t=2088s>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

VIVACQUA, Flávia, RIBEIRO, Sidarta; VALLE, Isabel. CANAL EDUCAÇÃO REGENERATIVA - **Sonhos, consciência, emoções, cognição e processos de aprendizagem: o que a neurociência pode nos dizer da educação regenerativa?** 12 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bMrXnq38rEM&t=15s>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

WAHL, D. **Design de culturas regenerativas.** Rio de Janeiro: Bambual, 2019.

WAHL, D. **Design regenerativo - por que ir além da sustentabilidade?** Palestra de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vlz8OJPG22E>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

WEIL, Z. **O poder e a promessa da educação humanitária.** São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2013.

WILBER, K. **A theory of everyting: an integral vision for business, politics, science and spirituality.** Boston: Shambala, 2001.

WWF - WORLD WILD FOUNDATION. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br>>. Acesso em 21 jul. 2023.

ZELIZER, V. **O Significado Social do Dinheiro: Dinheiros Especiais.** [S.l.]: Celta Editora, 2003.

11. APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A: Termo de consentimento livre e esclarecido por parte dos participantes dos questionários online.

<https://drive.google.com/file/d/1fbOA0eNERmRgYSqvj3yB7YCHa4Pknq/view?usp=sharing>

APÊNDICE B: Termo de consentimento livre e esclarecido: Autorização de uso de imagem.

<https://docs.google.com/document/d/1YKXvkfe2GpzjGAaARRoz18UMle8zMrdq/edit?usp=sharing&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true>

APÊNDICE C: ESCUTATÓRIA: Questionário para Fundadoras

https://docs.google.com/document/d/1xoB1gOoJ4njMHTDsD6KFHVQSEBGdDBMZ/edit?usp=share_link&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE D: ESCUTATÓRIA: Questionário para Cuidadoras e Cuidadores

https://docs.google.com/document/d/1FrreM1Rog6AUSOIFLbQS1MQF1IBi9foh/edit?usp=share_link&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE E: ESCUTATÓRIA: Questionário para Famílias Participantes

https://docs.google.com/document/d/1SdWYREh722_Ac2tRO1ZgT-rqld3yyEfj/edit?usp=share_link&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE F: ESCUTATÓRIA: Questionário para Observadores e Colaboradores

https://docs.google.com/document/d/1-nGbTiu-RN-PwdYw5vxAUSUQRJeqjja8/edit?usp=share_link&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true

APÊNDICE G: QUESTIONÁRIO PARA ADOLETA

<https://docs.google.com/document/d/15e71zQP4EugrcsCb27XEePMx7rmPvBot/edit?usp=sharing&oid=113410312954448182138&rtpof=true&sd=true>

APÊNDICE H: MANIFESTO PELAS ÁRVORES.

https://drive.google.com/file/d/1RfYcjZlWcj_lhm1nwrUZ8XWdFsBdaaeW/view?usp=sharing

ANEXO 1: ATESTADO MANIFESTO

https://drive.google.com/file/d/19KLL5GpDbvNXxwbdlw_SqteamNLSelpk/view?usp=share_link